



Denise de Vasconcelos Araujo

**Os cursos de formação de intérpretes no Brasil
e as melhores práticas da Associação
Internacional de Intérpretes de Conferência:
um caminho para a profissionalização**

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da PUC-Rio como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Estudos da Linguagem.

Orientadora: Profa. Marcia do Amaral Peixoto Martins

Rio de Janeiro

Abril de 2017



Denise de Vasconcelos Araujo

Os cursos de formação de intérpretes no Brasil e as melhores práticas da Associação Internacional de Intérpretes de Conferência: um caminho para a profissionalização

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Profa. Marcia do Amaral Peixoto Martins

Orientadora

Departamento de Letras – PUC-Rio

Profa. Maria Paula Frota

Departamento de Letras – PUC-Rio

Profa. Luciana Carvalho Fonseca

PUC/SP

Profa. Monah Winograd

Coordenadora Setorial do Centro de Teologia
e Ciências Humanas – PUC-Rio

Rio de Janeiro, 10 de abril de 2017.

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da autora, da orientadora e da universidade.

Denise de Vasconcelos Araujo

Graduou-se em Teologia pela Faculdade Teológica Sul-Americana em 2007. Concluiu a Especialização Lato Sensu em Interpretação de Conferências na PUC-Rio em 2011. Atua como intérprete de conferências nos idiomas português, inglês e espanhol desde 2009. É formadora de intérpretes na PUC-Rio desde 2011.

Ficha catalográfica

Araujo, Denise de Vasconcelos

Os cursos de formação de intérpretes no Brasil e as melhores práticas da Associação Internacional de Intérpretes de conferência : um caminho para a profissionalização / Denise de Vasconcelos Araujo ; orientadora: Marcia do Amaral Peixoto Martins. – 2017.

151 f.; 30 cm

Dissertação (mestrado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Letras, 2017.

Inclui bibliografia

1. Letras – Teses. 2. Cursos de formação de intérpretes. 3. Interpretação de conferências. 4. Ensino de interpretação. I. Martins, Marcia do Amaral Peixoto. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Letras. III. Título.

CDD:140

Agradecimentos

Ao Zinho, meu amor, pela parceria, e ao Theodoro e ao Otto, pela paciência com os estudos da mamãe.

Aos meus pais, por todo apoio e ajuda na reta final.

À minha orientadora, Profa. Marcia do Amaral Peixoto Martins, por ter aceitado meu projeto e ter conseguido orientá-lo com tanto interesse e dedicação.

À Chiquinha, pelo trabalho e presteza durante meus anos como aluna no PPGEL.

À Vice-Reitoria Acadêmica pela bolsa-isenção concedida, que facilitou minha jornada enquanto aluna na universidade.

Aos coordenadores e professores dos cursos participantes da pesquisa.

Aos queridos formadores de intérpretes que fizeram contribuições inestimáveis ao questionário e à pesquisa em si: meus colegas do corpo docente da PUC-Rio, Daniele Fonseca, David Sawyer e Minhua Liu.

À minha família da Comunidade Iluminar. O amor de vocês e apoio à nossa família nos abraçam diariamente e nos desafiam a cumprir o chamado. Vamos juntos!

Resumo

Araujo, Denise de Vasconcelos; Martins, Marcia do Amaral Peixoto. **Os cursos de formação de intérpretes no Brasil e as melhores práticas da Associação Internacional de Intérpretes de conferência : um caminho para a profissionalização.** Rio de Janeiro, 2017. 151p. Dissertação de Mestrado - Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

O objetivo desse trabalho é melhor compreender a situação atual da formação de intérpretes de conferência de línguas orais-auditivas no Brasil. O primeiro objetivo é mapear o cenário diverso de formação de intérpretes no país e o segundo é comparar o currículo e as práticas desses cursos com as chamadas melhores práticas de formação de intérpretes recomendadas pela Associação Internacional de Intérpretes de Conferência (AIIC). Após a apresentação de algumas propostas para o ensino de interpretação, fundamentadas em textos de Danica Seleskovitch e Marianne Lederer, David Sawyer, Donald Kiraly e Rosemary Arrojo, é traçado um breve panorama da história da formação de intérpretes no Brasil e no mundo e o papel proeminente da AIIC nesse processo. Seguem-se os perfis dos cursos participantes da pesquisa: três de pós-graduação, três de graduação, um sequencial e quatro livres, que serão analisados à luz das melhores práticas da AIIC. O estudo desenvolvido nos permite concluir que, apesar de nenhum curso atender integralmente aos quesitos recomendados pela AIIC, o ensino de intérpretes no Brasil está no caminho para a profissionalização.

Palavras-chave:

Cursos de formação de intérpretes; interpretação de conferências; ensino de interpretação.

Abstract

Araujo, Denise de Vasconcelos; Martins, Marcia do Amaral Peixoto (Advisor). **Interpreting training courses in Brazil and the best practices recommended by the International Association of Conference Interpreters: a path to professionalization.** Rio de Janeiro, 2017. 151p. Dissertação de Mestrado - Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

The aim of this thesis is to better understand the current scenario of spoken-language conference interpreter training in Brazil. The first aim is to map out the diverse scenario of interpreter training and the second, to compare the curriculum and practices of these different courses with AIIC Conference Interpreter Training best practices. Some proposals for interpreter training were presented, based on the work of Danica Seleskovitch e Marianne Lederer, David Sawyer, Donald Kiraly and Rosemary Arrojo; and an overview of the history of conference interpreter training in Brazil and around the world was made, highlighting AIIC's prominent role in this process. These are the profiles of the courses that took part in the survey: three graduate-level courses, three undergraduate level, one extension course and four commercial courses. Their practices were analyzed according to AIIC's best practices for interpreter training. We concluded that even though no school has fully met all AIIC's recommended criteria, interpreter training in Brazil is on the path to professionalization.

Keywords:

Interpreter training courses; conference interpreting; interpreter training.

Sumário

1. Introdução	9
2. A formação de intérpretes de conferência profissionais: algumas propostas	17
2.1. A <i>Théorie du sens</i> : a base de tudo	18
2.2. Currículo como processo e interação: a solução de David Sawyer	22
2.3. Socioconstrutivismo no ensino da tradução	27
2.4. Contribuição de Rosemary Arrojo – a responsabilidade do tradutor	33
3. Breve panorama histórico da formação de intérpretes no mundo e no Brasil e a influência da AIIC	37
3.1. A formação de intérpretes: os primórdios	37
3.2. O papel da AIIC e sua <i>school policy</i> na formação de intérpretes e na formação de formadores.	42
3.3. A formação de intérpretes nos últimos 20 anos	52
4. Metodologia	57
4.1. Objetivo da Pesquisa	57
4.2. Posicionamento epistemológico	58
4.3. Natureza da pesquisa	59
4.4. Procedimentos e descrição de pesquisa	59
4.5. Procedimentos de análise	61
5. A formação de intérpretes no Brasil: perfis dos cursos	62
5.1. Cursos de interpretação	62
5.2. Análise dos dados	81

6. Considerações finais	90
7. Referências Bibliográficas	93
8. Anexo I – Questionário	95
9. Anexo II – Respostas dos cursos	100

1

Introdução

Felizmente uma série de escolas excelentes, especialmente nas universidades, fornecem intérpretes, e não pode mais ser dito, como antes era, que um intérprete já nasce intérprete.^{1 2} (Herbert, 1978, p.9)

Jean Herbert foi um dos intérpretes de conferência que melhor representou a primeira geração de intérpretes profissionais. Seu livro *The Interpreter's Handbook*, escrito em 1952, até hoje é usado como fonte de inspiração para os que aspiram à profissão. Sua declaração, transcrita acima, foi proferida no Simpósio sobre Interpretação de Línguas e Comunicação da OTAN em 1977, em Veneza, na Itália. Deixa claro que, como a formação de intérpretes estava estabelecida, não havia mais dúvidas de que intérpretes deveriam ser formados e não simplesmente encontrados. Não é raro ouvir de ouvintes em eventos ou mesmo de amigos: “Nossa, deve ser preciso ter um inglês excelente para conseguir interpretar desse jeito!” Ou mesmo: “Isso deve ser um dom!” Eu explico com frequência que o conhecimento dos idiomas e algumas habilidades (como a oratória, capacidade de pensar rápido, memória, curiosidade intelectual) são importantes, mas o essencial é ter uma formação sólida como intérprete, algo que costuma deixar as pessoas bem surpresas.

Se existe ignorância a respeito da profissão, quanto mais a respeito da formação específica para se atuar na área. Por não se tratar de uma profissão regulamentada, a formação de intérpretes pode acontecer em qualquer contexto – cursos livres, de graduação, de pós-graduação. Na verdade, para exercer a atividade, nem é exigido que o profissional tenha formação específica.

Comecei a estudar interpretação de conferência em 2007 em um curso sequencial em uma universidade. Logo fiquei fascinada pela nova profissão e pelo

¹ “Fortunately, a number of excellent schools, particularly in Universities, can now supply them, and it can no longer be said, as was formerly admitted (sic), that an interpreter is born, not made.”

² Todas as traduções de citações extraídas de obras em língua inglesa foram realizadas pela autora deste trabalho. As citações originais estão nas notas de rodapé.

ambiente da universidade que frequentei. Apesar de ter descoberto o curso em uma busca no Google, ao começar as aulas me encontrei estudando no programa de interpretação mais antigo do Brasil, com professores qualificados, membros de associações profissionais da área. Logo passei a viver como se aquela fosse a única instituição onde se estudasse interpretação de conferências e como se aquela fosse a única maneira de se obter uma formação. À medida que o tempo foi passando, conheci pessoas que estudavam interpretação em outros lugares e percebi que a realidade era bem mais ampla, havendo diversas instituições similares com um grande contingente de egressos.

Todas essas descobertas despertaram meu interesse pela formação de intérpretes. Sou uma pessoa interessada na área de ensino/aprendizagem há muitos anos e me impressiono com a capacidade que as pessoas têm para aprender novas habilidades e conhecimentos. Percebi durante toda a minha jornada no curso de interpretação a importância de professores que são capazes de auxiliar os alunos a lapidarem seus próprios diamantes e desenvolverem a capacidade interior que já possuíam, mas que não conseguiam fazer brilhar por sua própria conta por falta de experiência e de formação adequada.

Comecei a atuar no ensino da interpretação em 2011, substituindo outros professores. Desde essa época comecei a me capacitar mais, fazendo cursos e lendo artigos e livros que me ajudassem a desenvolver as habilidades necessárias para atuar na formação de intérpretes.

Franz Pöchhacker, em seu artigo “The role of research in interpreter education”, afirma que “apesar do grande aumento no número de programas de formação de intérpretes em nível universitário, ainda sabemos muito pouco sobre o que de fato ocorre dentro da sala de aula”³ (Pöchhacker, 2010, p.4). Percebi que esta era a minha inquietação. Eu desejava saber o que acontecia dentro da sala de aula, como os futuros intérpretes estavam aprendendo e desenvolvendo suas habilidades, como os professores preparavam suas aulas, como eram as avaliações e tudo mais que pudesse aprender. Eu desejava saber o que estava sendo ensinado pelos outros colegas formadores, aprender

³ “For all the steep rise in the number of university-level interpreter training programs worldwide, we know very little about what actually transpires in the interpreting classroom.”

com essa troca, entender como poderia aprimorar minhas habilidades como formadora e auxiliar meus alunos a desenvolverem melhor suas habilidades e a contornarem obstáculos. Eu sentia, contudo, que antes de poder pesquisar a sala de aula precisava conhecer melhor esse universo de oportunidades de formação que há em nosso país. Para tal, iniciei os estudos no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem na PUC-Rio, e como tópico de pesquisa escolhi a formação de intérpretes no Brasil.

Afinal, para que esses cursos estão formando intérpretes? Onde eles atuam e quais são seus desafios? Intérpretes profissionais trabalham em qualquer contexto onde há a necessidade de comunicação entre duas partes que não falam o mesmo idioma. Atuam não só em congressos internacionais e interpretando palestras de estrangeiros, como também em reuniões em empresas, visitas a fábricas e usinas, coletivas de imprensa, acompanhamento de vistorias e auditorias em hospitais e escolas. Seus serviços são necessários em eventos de entretenimento e em programas na televisão.

Tanto na Copa do Mundo da FIFA de 2014 quanto durante os Jogos Olímpicos de 2016 foi o trabalho de interpretação que tornou possível um programa de televisão da Sportv, chamado “É Campeão! ”. O programa foi muito bem recebido pelo público e noticiado pelo jornal americano *The New York Times*, ganhando dois prêmios internacionais. Liderados pelo comentarista brasileiro André Rizek, ex-atletas e medalhistas olímpicos comentavam os eventos esportivos do dia, todos sentados em uma mesa. Só que todos esses campeões falavam idiomas diferentes (alemão, espanhol, francês, inglês e português), e apenas devido ao uso da tradução simultânea foi possível transmitir o programa todo em português, permitindo a interação em tempo real dos comentaristas uns com os outros e com o âncora do programa.

Há também as situações aparentemente convencionais, como as citadas anteriormente, mas nas quais um dos interlocutores não está presente fisicamente e fala por meio eletrônico – seja por telefone ou videoconferência, fazendo com que o trabalho de intérprete dependa de diversas variáveis (qualidade do som, velocidade da internet, capacidade de entender a mensagem apesar da ausência de conteúdo não-verbal como a gesticulação, entre outros).

A interpretação remota também é cada vez mais uma realidade – ela acontece quando a situação é inversa, é o intérprete que não está presente no mesmo local que os participantes. Aqui no Brasil na maioria das vezes acontece dentro de um mesmo andar, mas ao invés de os intérpretes estarem em uma cabine dentro da sala da reunião, eles ficam em outra sala vendo a sala da conferência por meio de uma tela e interpretando⁴ o que ouvem. Em tese, nas situações onde ocorre, a interpretação remota é muito menos sujeita às variáveis que ocorrem na interpretação por videoconferência, pois há uma série de exigências técnicas para o fornecimento de interpretação nesse formato.

Há também a interpretação comunitária e a interpretação jurídica, que não são do escopo da interpretação de conferências e estão crescendo aqui no Brasil. A interpretação comunitária costuma ocorrer em locais mais relacionadas ao cotidiano: hospitais, escolas e delegacias de polícia. Nessas situações o intérprete na maioria das vezes estará literalmente entre os interlocutores: médicos e pacientes, professores e pais de alunos, policial e turista etc. A interpretação em juízo é feita pelo tradutor público e intérprete comercial (TPIC), mas também é possível a contratação de outros intérpretes que são autorizados pelo juiz para realizar a interpretação em juízo quando necessário.

Em todos esses contextos, mesmo para um intérprete experiente é necessário que dedique tempo se preparando para interpretar e estudando a terminologia adequada. Pensando em tantas situações nas quais o intérprete trabalha, fica patente que, por mais que os cursos se esforcem para se manter atualizados, e ofereçam o máximo de oportunidades distintas aos discentes, não há como dar conta, ao longo da formação, de expor os aprendizes a todas as possíveis situações de trabalho. Mas em que medida será que o ensino oferecido se aproxima da realidade de formação necessária para um profissional da interpretação?

Este trabalho, portanto, se ocupará de melhor compreender a situação atual (2017) da formação de intérpretes de conferência de línguas orais-auditivas no Brasil. O primeiro objetivo da pesquisa é mapear o cenário diverso de formação de intérpretes de

⁴ Vale notar que, quando emprego o substantivo “interpretação” e o verbo “interpretar” em suas variadas formas não estou usando essas palavras no seu sentido hermenêutico de busca do significado mas, sim, para me referir à atividade de traduzir ou verter oralmente de uma língua para outra.

conferência de línguas orais-auditivas, e em segundo lugar comparar o currículo e as práticas desses cursos com as chamadas “melhores práticas” de formação de intérpretes recomendadas pela Associação Internacional de Intérpretes de Conferência (AIIC).

O documento que relata as melhores práticas de formação da AIIC não constitui um relatório formal, nem uma recomendação específica de escolas. Ele é fruto de anos de trabalho do Comitê de Formação e Atualização Profissional, instância da associação que trata da formação de intérpretes e da formação de formadores (*Training of Trainers, ToT*). O motivo de ter escolhido esse documento como referência é porque esta é a única associação internacional de intérpretes de conferência que existe, contemplando contextos culturais e realidades diferentes de mercado de interpretação.

Um outro motivo é que, já que os cursos de formação estão empenhados em ver seus egressos atuando no mercado profissional, seria interessante saber se podem se adequar às expectativas/demandas da AIIC. Além do mais, desde sua fundação em 1963, a Associação Internacional de Intérpretes de Conferência tem tido um papel decisivo, ao longo da história do estabelecimento da profissão, na formulação de recomendações a respeito da formação de intérpretes, além de estar também muito envolvida com a pesquisa nos Estudos da Interpretação (EI).

Soma-se ao meu interesse pessoal o fato de que aqui no Brasil os Estudos da Interpretação ainda estão em um momento bem iniciante. Somos aproximadamente 20 pesquisadores voltados para o estudo da interpretação de línguas orais-auditivas em contexto acadêmico no Brasil (Vianna, no prelo, p.11). Pensando na formação de intérpretes, temos menos pesquisa ainda. Sendo assim, a reflexão a respeito das práticas de formação de intérpretes aqui no Brasil é bastante relevante e contribui para consolidar o campo de estudos no país. Há também a contribuição à pesquisa internacional sobre a formação de intérpretes. Como afirma o professor David Sawyer em seu livro *Fundamental Aspects of Interpreter Education*:

(...) é necessário realizar um esforço considerável para reunir documentação para pesquisa em geral. Uma base de dados centralizada e abrangente de documentos relacionados ao currículo, incluindo descrições de programas e cursos e outros textos que normalmente não são publicados, criaria uma base material sólida para a pesquisa

internacional sobre a formação de intérpretes e tradutores e contribuiria fortemente para a profissionalização.⁵ (2004, p.29)

Pensando ainda na importância da profissionalização, o professor Chanyun Bao, no capítulo sobre ensino de interpretação do *The Routledge Handbook on Interpreting*, diz que é necessário considerar a qualidade do ensino de interpretação:

Embora estes sejam acontecimentos animadores no campo da formação de intérpretes, muito ainda precisa ser feito para garantir que essa formação se dê de forma adequada e profissional. Apesar da grande quantidade de cursos de intérpretes que temos visto, a qualidade da formação ainda é, de modo geral, uma meta a ser alcançada.⁶ (2015, p.414)

O trabalho será estruturado da seguinte forma:

Após a introdução, no segundo capítulo serão apresentadas as bases teóricas da dissertação. A *Théorie du sens*, ou Teoria Interpretativa da Tradução, de Danica Seleskovitch e Marianne Lederer, será exposta, conforme descrita em seu livro *Pédagogie Raisonnée de L'interprétation*, que registra os principais métodos e princípios usados na formação de intérpretes na ESIT – École Supérieure d'Interprètes et de Traducteurs e na Divisão de Interpretação da Comissão Europeia. O segundo paradigma a ser apresentado, considerado mais atual, é apresentado por David Sawyer, diretor fundador do programa de pós-graduação em tradução e interpretação da Universidade de Maryland. Em seu livro *Fundamental Aspects of Interpreter Education* ele defende a importância de enxergar o currículo a partir de duas abordagens, o currículo como processo (abordagem cientificista) e o currículo como interação (abordagem humanista). Em seguida serão apresentadas duas propostas contemporâneas do mundo da tradução escrita, a saber, o socioconstrutivismo aplicado ao ensino de tradutores, defendido por Don Kiraly, e a noção de responsabilização do tradutor, de

⁵“(…) a considerable effort is required in documentation for general research purposes. A comprehensive, centralized database of curriculum documents, including in particular program and course descriptions and other writings that normally remain unpublished, would create a sound material basis for international research on translator and interpreter education and contribute greatly to professionalization.”

⁶“While these are all encouraging developments in the field of interpreter training, a lot more needs to be done in order to make sure that interpreter training is done properly and professionally. In spite of the large numbers we have seen in terms of interpreting courses and programs, the quality of training is a goal yet to be achieved across the board.”

Rosemary Arrojo. Como formadora, entrei em contato com essas abordagens e considerei que trazem reflexões proveitosas também para o ensino de intérpretes.

Um dos pressupostos deste trabalho é que o entendimento do que é interpretação por parte dos responsáveis pelos cursos determina a grade curricular dos mesmos, a abordagem pedagógica e a composição do corpo docente. A perspectiva profissional durante a formação será abordada, pois acredito que esta possui ligação com o empoderamento do aluno e com a responsabilidade que este precisa ter com o trabalho que vai realizar.

No capítulo 3 a intenção foi apresentar um panorama da história da formação de intérpretes no Brasil e no mundo. Faz-se referência aos julgamentos de Nuremberg e como esse evento histórico contribuiu para a consolidação da modalidade simultânea. Na sequência falamos sobre os anos iniciais da formação de intérpretes na Europa, América do Norte e Brasil. Na segunda seção do capítulo será reiterado o papel de destaque da Associação Internacional de Intérpretes de Conferência na consagração das melhores práticas para a formação de intérpretes em todo o mundo. As principais são: que o curso seja ministrado em nível de pós-graduação; que um teste de aptidão seja realizado antes do início do curso (para programas de até um ano) ou no início das aulas no caso de cursos mais longos; que o corpo docente seja composto por intérpretes de conferência; que a grade curricular inclua tanto interpretação consecutiva quanto simultânea; e que a duração do curso seja de pelo menos dois semestres, no mínimo um ano letivo).

A metodologia e os procedimentos de pesquisa serão descritos de forma detalhada no capítulo 4. Para chegar a mais conclusões a respeito da situação da formação de intérpretes no Brasil compreendemos que seria necessário realizar uma pesquisa descritiva com coleta de dados quantitativos e qualitativos com as diferentes instituições que formam intérpretes no Brasil atualmente⁷. De um total de 20 que formam intérpretes, a pesquisa obteve respostas de 11 cursos: três de pós-graduação, três de graduação, um sequencial e quatro livres. O instrumento de pesquisa utilizado para obtenção dos dados foi um questionário on-line preenchido por essas instituições por

⁷ A pesquisa foi realizada nos anos de 2015 e 2016.

meio dos coordenadores ou por representantes de sua escolha. No quinto capítulo será feita a apresentação e análise de dados da pesquisa. O trabalho se encerra com as considerações finais.

A formação de intérpretes de conferência profissionais: algumas propostas

Neste capítulo serão apresentadas propostas para fundamentar a formação de intérpretes. Mais do que apenas ensinar técnicas de interpretação e supervisionar como os aprendizes estão adquirindo essas técnicas, que se aproximam mais de um adestramento, defendo a ideia de que os cursos de formação devem ser locais onde os aprendizes são de fato preparados para atuar profissionalmente na área. Subjaz a este trabalho a convicção de que o objetivo do ensino seja o empoderamento e a formação profissional dos alunos.

Por ter sido a mais forte influência na formação de intérpretes desde a década de 1960, o modelo criado por Danica Seleskovitch e Marianne Lederer no livro *Pédagogie Raisonnée de L'interprétation*⁸ será apresentado em seus principais pontos. Em seguida, serão explicados os conceitos de currículo como processo e interação, introduzidos por David Sawyer, professor de interpretação e intérprete atuante, no livro *Fundamental Aspects of Interpreter Education*.

Além da *Théorie du Sens* e das ideias de Sawyer, apresentarei ainda duas propostas contemporâneas para a formação de tradutores que, a meu ver, também poderão contribuir de alguma maneira para a formação de intérpretes. As abordagens são as de Don Kiraly, professor e teórico da tradução, que aplica o socioconstrutivismo à formação de tradutores; e a elaborada por Rosemary Arrojo, professora e teórica da tradução, que propõe, em seu artigo “O ensino da tradução e seus limites: por uma abordagem menos ilusória” (1988), a importância da conscientização dos que ingressam em escolas de tradução a respeito de sua responsabilidade como tradutores.

⁸ Estou utilizando a edição norte-americana intitulada *A systematic approach to teaching interpretation*, publicada em 1995, como consta nas referências bibliográficas.

2.1.

A *Théorie du sens*: a base de tudo

No livro *Pédagogie Raisonnée de L'interprétation*, Danica Seleskovitch e Marianne Lederer registram os principais métodos e princípios usados na formação de intérpretes na ESIT – École Supérieure d'Interprètes et de Traducteurs e na Divisão de Interpretação da Comissão Europeia. O livro é resultado de um estudo solicitado pela Comissão Europeia e elaborado utilizando centenas de horas de gravação de aulas nas duas instituições.

As diretrizes apresentadas são muito significativas para a sala de aula, pois se mostram eminentemente práticas. O texto é fluido e objetivo, com uma escrita clara e contextualizada. O livro sugere exercícios e lista de forma extensiva as atividades relacionadas à formação de intérpretes – desde a importância do ensino de análise da mensagem até a tomada de notas; desde a qualidade de expressão até a metodologia em sala de aula.

Nos sete capítulos encontramos 59 seções diferentes, com recomendações variadas. O livro é escrito de forma bem sistemática. O método defendido pelas autoras ao longo do livro, na minha opinião, poderia ser aplicado a qualquer contexto pedagógico, inclusive os que serão apresentados nas próximas seções deste capítulo.

Logo na introdução e no primeiro capítulo, intitulado “The Interpreting Process” (o processo da interpretação), as autoras discorrem sobre o que consideram o fundamento da atividade de interpretação – a desverbalização. Trata-se da capacidade de transcender as palavras que estão sendo ditas em um idioma para que se possa alcançar as ideias e o significado da mensagem e, assim, transmiti-la de forma natural aos ouvintes no outro idioma:

O objetivo da interpretação é tomar o que foi expressado em um idioma e transmitir a mesma realidade ou sentido de forma fiel para outro idioma. Aí está a essência da abordagem usada com os alunos: a formação de intérpretes não é uma questão de ensinar termos correspondentes em idiomas diferentes (...) O objetivo, na verdade, é acostumar

o aluno a dissociar as ideias das palavras que as expressam e comunicar essas ideias de uma forma que possibilite a compreensão imediata⁹. (1995, p. 22)

A desverbalização é o fundamento da Teoria Interpretativa da Tradução (TIT), desenvolvida por Seleskovitch em 1968, em sua primeira publicação (Pagura, 2012, p.94), e depois defendida também por Marianne Lederer no ensino de intérpretes na ESIT. Seleskovitch desenvolveu o conceito de desverbalização tendo como base a interpretação consecutiva tradicional, situação na qual o intérprete ouve longos trechos do discurso antes de poder interpretar. Sendo assim, o apego às palavras é praticamente impossível, e o ideal é que o intérprete se concentre no sentido da mensagem.

A ênfase que Seleskovitch e Lederer colocam no sentido e no ato de se desprender das palavras para possibilitar a interpretação poderia ser compreendida, em um primeiro momento, como semelhante ao conceito de estrutura profunda postulado por Chomsky. O conceito, advindo da gramática gerativista, define que as frases como são ouvidas em uma dada língua são na verdade a estrutura superficial, e que existe uma estrutura profunda, onde pode ser encontrado o conteúdo semântico dessas mesmas frases. Chega-se ao significado através da transformação da estrutura superficial em estrutura profunda (Seleskovitch & Lederer, 1995, p.219).

O ato de desverbalização proposto por Seleskovitch e Lederer explica que o intérprete deve se desprender das palavras para acessar o sentido do que está sendo dito por um dado orador. Entretanto, para as autoras, esse sentido está presente por conta do ato de comunicação entre orador, ouvinte e intérprete. Não é um sentido inerente ao enunciado e, sim, um sentido ali presente porque aquele enunciado específico está sendo produzido por um falante em um dado contexto. Em uma outra obra, Danica Seleskovitch afirma que a perspectiva dos gerativistas e estruturalistas não pode ser utilizada para estudar a ação tradutória.

[P]ara estudar a tradução, deve-se abandonar o domínio dos sistemas de signos articulados, o domínio da competência linguística neutra de um “native speaker” [em

⁹ “The purpose of interpretation is to take what is expressed in one language and convey that same reality, or sense, faithfully in another language. Therein lies the essence of the approach taken with the students: interpreter training is not a matter of teaching the students corresponding terms in different languages (...) The purpose, rather, is to accustom the students to dissociating ideas from the words that convey them and expressing those ideas in a form which can be readily understood.”

inglês, no original em francês], a fim de penetrar no domínio do ato de comunicação que é, por sua vez, a realização da língua e a expressão de um pensamento individual, o domínio das mensagens transmitidas pela fala e que são, ao mesmo tempo, compostas da língua e de conteúdos cognitivos ligados aos signos linguísticos apenas de maneira transitória. (Seleskovitch apud Pagura, 2012, p.96)

Enquanto explicam a importância da desverbalização na sua obra seminal sobre ensino de interpretação, as autoras fazem oposição a um conceito de “tradução” no qual haveria apenas uma substituição de palavras de um idioma para outro (Seleskovitch & Lederer, 1995, p.iii). A partir disso o leitor pode equivocadamente entender que as autoras estão usando “tradução” no sentido de tradução literal nesta obra, e isso poderia sugerir um processo no qual não há tomada de decisões e nem escolhas.

O artigo “A Teoria Interpretativa da Tradução (*Théorie du sens*) revisitada: um novo olhar sobre a desverbalização”, do Prof. Reynaldo Pagura, permite compreender que o emprego da palavra “tradução” na TIT na verdade está relacionado à transcodificação, que seria “a tradução sem desverbalização, em que se traduzem as palavras de uma língua por equivalências convencionalmente pré-estabelecidas em outra língua” (Pagura, 2012, p.97).

Em relação ao papel do professor em sala de aula, cabe destacar que o modelo de ensino é mais antiquado e centrado na figura do mestre. Na introdução do livro as autoras afirmam que “o aluno deve aprender um método, e o papel do instrutor é ensiná-lo¹⁰” (Seleskovitch & Lederer, 1995, p.3). A preocupação de Seleskovitch e Lederer parece ter sido a de destacar a importância do professor-intérprete como alguém que sabe o que é necessário para a formação dos aprendizes, que pode servir de modelo para ensino das técnicas e dar-lhes feedback sobre como podem desenvolver suas habilidades (1995, p.148). A defesa do professor-intérprete por Seleskovitch e também pela AIIC será afirmada mais uma vez no capítulo 3 desta dissertação. Segundo as autoras,

[o] papel do professor é direcionar e guiar os alunos, dizer o que devem fazer para produzir uma boa interpretação e como podem gradativamente aumentar os padrões exigidos com o tempo, como avaliar seu próprio progresso, direcionar alguns a dar o próximo passo e aconselhar outros a aprimorar certas habilidades, já que não estão prontos para seguir adiante. Mas o professor não possui uma bola de cristal – se o aluno

¹⁰ “The student must learn a method and it is the instructor’s job to teach it.”

não tiver aptidão, talento, determinação ou se simplesmente não se esforçar, ele não será bem-sucedido. De qualquer forma o sucesso dependerá de um trabalho de equipe entre professor e aluno.¹¹ (Seleskovitch & Lederer, 1995, p.149)

As autoras estabelecem, na seção 3 do terceiro capítulo do livro, as bases para a “sala de aula” ideal para ensino da interpretação simultânea. As turmas devem ter de oito a dez integrantes no máximo, para garantir que o professor consiga identificar as causas dos erros dos alunos e também conhecer os pontos fracos e fortes de cada um (Seleskovitch & Lederer, 1995, p.138).

Também é recomendado que as aulas não ocorram em laboratórios de idiomas, porque este tipo de sala pode apresentar algumas restrições para os discentes. Esse assunto será abordado de forma mais detalhada no capítulo 3, seção 3.2 desta dissertação. Seleskovitch e Lederer sugerem que sejam incorporados alguns exercícios de consecutiva em aulas de simultânea para que seja possível perceber se a interpretação está inteligível. Funcionaria da seguinte forma: enquanto uma dupla está na cabine, os que estão na sala ficam tomando notas do que estão ouvindo; depois que a dupla de simultânea sai da cabine, os ouvintes fazem a interpretação consecutiva da interpretação dos intérpretes (Seleskovitch & Lederer, 1995, p.140).

Outra questão pertinente é que, quando não estiver praticando, a turma deve escutar os colegas ativamente para poder fazer comentários a respeito de seu desempenho. As autoras reforçam que os alunos devem dar feedback uns aos outros no que diz respeito ao conteúdo da interpretação, e os professores, a respeito da técnica (Seleskovitch & Lederer, 1995, p. 140-141). Essa dinâmica de sala de aula permite que os aprendizes desenvolvam sua própria capacidade de pensar criticamente e aprendam a se ajudar mutuamente no desenvolvimento de suas habilidades interpretativas, tornando-se responsáveis por sua interpretação e pelas críticas feitas aos colegas. Apesar de não ser explicitamente falado no livro, acredito que uma sala de aula na qual os discentes

¹¹ “The role of the teacher is to direct and to guide the students, to tell them what they must do to produce a good interpretation and how to gradually raise the standards required over time, to critique their progress, to direct some onto the next stage and advise others to work more on certain skills as they are not yet ready to move on. But the teacher does not have a crystal ball – if a student does not have the aptitude, the talent, the determination, or simply does not work hard enough, he will not succeed. In any case, his success will depend on team-work between teacher and student.”

participam ativamente no feedback certamente os ajudará a desenvolver suas competências profissionais relacionadas a responsabilidade e ética.

A contribuição de Danica Seleskovitch e Marianne Lederer é de valor inestimável para a formação de intérpretes. Quis trazer esse modelo porque tem sido um fundamento comum, uma fonte onde todos os formadores beberam em algum momento de sua trajetória e que provê concepções tanto do intérprete quanto do formador. Muitos de nós fomos formados por formadores influenciados por essas autoras. Na minha experiência, o conceito de desverbalização, ensinado mesmo que de forma superficial, auxilia os aprendizes desde o início de sua prática a serem menos literais em suas interpretações.

2.2.

Currículo como processo e interação: a solução de David Sawyer

David Sawyer, fundador e professor do programa de pós-graduação em tradução e interpretação da Universidade de Maryland, EUA, enfatiza a importância do currículo em seu livro *Fundamental Aspects of Interpreter Education*, que tem como objetivo principal “explorar as possíveis contribuições que as áreas de currículo e avaliação de idiomas podem dar para o aprimoramento da formação de intérpretes¹²” (2004, p.9). Um segundo objetivo foi apresentar esses itens através de um estudo de caso baseado no curso oferecido pela Graduate School of Translation and Interpretation (GSTI) do Monterrey Institute.

Ele endossa – e é nesse aspecto que vamos nos deter neste capítulo – que é possível utilizar duas abordagens aparentemente antagônicas de forma complementar nos currículos dos cursos de interpretação. São elas a visão cientificista, que percebe o currículo como processo, “um plano de ação” (Sawyer, 2004, p.91), e a visão humanista, que enxerga o currículo como interação, enfatizando as “experiências na aprendizagem” (p.91).

¹² “explore the potential contributions of the fields of curriculum and assessment (language testing) for improving interpreter education.”

A abordagem científicista se baseia na psicologia educacional, e são dois os paradigmas de pesquisa nos Estudos da Interpretação apontados por Sawyer como sendo por ela fundamentados: a visão computacional da mente (que inclui os estudos de processamento da informação) e a psicologia cognitiva da expertise (2004, p.61).

A abordagem científicista se baseia na psicologia educacional, e são dois os paradigmas de pesquisa nos Estudos da Interpretação apontados por Sawyer como sendo por ela fundamentados: a visão computacional da mente (que inclui os estudos de processamento da informação) e a psicologia cognitiva da expertise (2004, p.61).

Franz Pöchhacker cita a explicação de David Gerver, que definiu interpretar “como uma forma de processamento de informação humana bastante complexa envolvendo a recepção, armazenamento, transformação e transmissão de informação verbal.¹³” (Gerver apud Pöchhacker, 2004, p.viii). Na minha opinião essa metáfora é pertinente, pois a visão computacional da mente pode auxiliar a entender como o cérebro trabalha durante o processo da interpretação. Além disso, foi no âmbito dessa perspectiva que os modelos conceituais para a interpretação simultânea se desenvolveram.

Alguns expoentes nesse campo dentro dos EI são David Gerver, Dominic W. Massaro e Barbara Moser-Mercer (Sawyer, 2004, p.61). Sawyer aponta que a divulgação de pesquisas e modelos produzidos por essa área entre intérpretes profissionais é, entretanto, bem deficiente (2004 p.62).

Outro estudioso que representa bem a contribuição da abordagem científicista é Daniel Gile. Como professor de tradução e interpretação na ESIT, Gile desenvolveu alguns modelos que explicam os esforços que são exigidos ao mesmo tempo durante a interpretação e também o modelo gravitacional de disponibilidade linguística. Ambos serão apresentados brevemente nos próximos parágrafos.

O autor desenvolveu três modelos distintos de esforços para três modalidades de interpretação e tradução: a interpretação consecutiva, a interpretação simultânea e a

¹³ “a fairly complex form of human information processing involving the reception, storage, transformation, and transmission of verbal information.”

tradução à vista do texto (*sight translation*). Os modelos de Gile foram criados a partir da sua própria intuição e observação, e são fundamentados no conceito de operações automáticas e não-automáticas, oriundos da psicologia cognitiva (Gile, 2009, p.159).

Como Gile esclarece, a diferença básica entre as operações automáticas e as não-automáticas é que as automáticas não exigem atenção (capacidade de processamento) e as não-automáticas, sim. A partir desta definição, Gile procurou explicar como os procedimentos não-automáticos envolvidos na interpretação competem pela capacidade de processamento e como isso influencia o desempenho do profissional:

As operações não-automáticas retiram a capacidade de processamento de uma fonte com disponibilidade limitada (ainda não foi possível determinar se tudo é retirado do mesmo lugar). Quando a capacidade de processamento disponível para uma tarefa específica é insuficiente, o desempenho cai.¹⁴ (Gile, 2009, p.159)

O modelo de Gile apresenta os esforços envolvidos no processo de interpretação: o esforço de análise e escuta, o esforço de produção e o esforço de memória (Gile, 2009, p.160). Dependendo da modalidade, um desses esforços será mais exigido que o outro, e isso impacta o desempenho do intérprete.

Além desse, ele desenvolveu o modelo gravitacional de disponibilidade linguística, que demonstra como a capacidade linguística está relacionada ao uso que se faz dela; sendo assim, os termos que um intérprete mais usa estão mais disponíveis, e os termos que ele menos usa estão menos disponíveis, muitas vezes tão “distantes” que parecem nunca terem sido aprendidos (Gile, 2009, p.226). O modelo gravitacional de disponibilidade linguística também explica o que é chamado de *escort effect*, que faz com que palavras relacionadas à que está sendo usada sejam lembradas com mais facilidade. E o efeito negativo disso acontece quando há interferência, por exemplo, da língua fonte para a língua meta, por serem palavras parecidas ou até falsos cognatos (Gile, 2009, p.231).

¹⁴ “Non-automatic operations take processing capacity from a limited available supply (whether all of them take it from the same single reservoir or not is under debate). When the processing capacity available from a particular task is insufficient, performance deteriorates.”

Esses modelos são muito úteis durante o processo de formação, pois permitem aos aprendizes compreenderem o que acontece com eles durante a interpretação e faz com que possam analisar de forma mais embasada seu desempenho e considerar possíveis oportunidades de melhoria (Sawyer, 2004, p.63). A descrição em detalhes desses modelos não é o escopo deste trabalho; o essencial é entendermos a influência da visão computacional da mente sobre a formação de intérpretes.

Um outro desdobramento da abordagem científicista é o desenvolvimento das habilidades que são necessárias para que o aluno tenha expertise. O currículo deve ter como objetivo levar o aluno recém-chegado, *naive*, até o nível de experto ou *master*. Para tanto deve trabalhar com o sequenciamento de habilidades, desde as mais simples até as mais complexas. Os objetivos também devem ser sequenciados e precisam ser enxergados pelos alunos como marcos a serem alcançados (Sawyer, 2004, p.64). Essa abordagem influenciará o design instrucional, pois concebe a aquisição da competência interpretativa como um processo (Sawyer, 2004, p.73).

Ao descrever a visão humanista, Sawyer afirma que “o currículo como interação considera, portanto, a natureza social do aprendizado e da instrução, o que também se reflete na visão de expertise como uma característica definida em parte por forças sociais¹⁵” (Sawyer, 2004, p.75). Os pontos principais apresentados por ele são a comunidade de prática profissional, o aprendizado cognitivo, a cognição, o aprendizado situado e a prática reflexiva (Sawyer, 2004, p.75).

A ênfase na comunidade de prática profissional se refere à capacidade de o ambiente de formação ser o local onde os alunos são aos poucos apresentados às habilidades que precisam desenvolver para o exercício da profissão (2004, p.75). Por ser uma atividade profissional que exige o desenvolvimento de um conjunto de habilidades, Sawyer afirma que na interpretação há um relacionamento de aprendiz e mestre entre o aluno e o profissional experiente, neste caso, o professor. O aprendizado cognitivo, para o autor, se dá nesse relacionamento, onde há uma preocupação formal em aprender através de ambientes autênticos (2004, p.78).

¹⁵ “curriculum as interaction thus considers the social nature of learning and instruction, which is also reflected in the view of expertise as a trait defined in part by social forces.”

A cognição e o aprendizado situados são os conceitos que balizam como deve ser a experiência de aprendizado do aluno. Seja através de situações reais ou criadas, essas oportunidades fazem com que o aluno tenha experiências genuínas na atividade de interpretação (Sawyer, 2004, p.82). A cognição e aprendizado situados também promovem a prática reflexiva, que é a capacidade do aluno aprender não só as habilidades interpretativas mas também ensinamentos teóricos, e dialogar com eles. (2004, p.79).

Um outro aspecto apontado por Sawyer como merecedor de atenção é conhecer o currículo oficial e o oculto de uma instituição. O currículo oficial é descrito por Sawyer como o documento curricular a partir do qual o currículo será implementado (2004, p.42). O currículo oculto se refere a aquilo que é “incluído”, mas não necessariamente oficializado. De acordo com Sawyer, “o currículo oculto engendra valores e crenças que moldam os futuros membros da comunidade profissional¹⁶” (2004, p.42). O currículo “de fato” é formado pelo currículo oficial e pelo currículo oculto.

Sawyer destaca o fato de que aquilo que é realizado em aula, mas que não faz parte do currículo oficial, pode acabar sendo percebido pela turma como uma atividade menos importante. Então é necessário que, quando formos examinar a grade curricular de uma instituição, tenhamos a acesso a uma visão de dentro, de alguém que possa falar sobre as questões ocultas e que permita uma visão real do currículo que está sendo aplicado na instituição (2004, p.43). Esse foi um dos motivos pelos quais foi solicitado que a pesquisa realizada nesse trabalho fosse respondida pelo coordenador do curso ou por um professor indicado por ele.

Apesar de ser pouco conhecida por formadores aqui no Brasil, na minha opinião, a proposta defendida por David Sawyer remete a uma visão holística e conseqüentemente mais completa para a formação de intérpretes profissionais. Existe uma preocupação fundamental com o desenvolvimento das habilidades necessárias para a interpretação na mesma proporção em que há ênfase no desenvolvimento do intérprete como alguém que fará parte de uma classe profissional e que precisa ser formado em um

¹⁶ “the hidden curriculum instills values and beliefs that shape future members of the professional community.”

ambiente que corresponda a essa comunidade. A seguir, temos a proposta socioconstrutivista para a formação de tradutores de Donald Kiraly, muito complementar à de Sawyer.

2.3.

Socioconstrutivismo no ensino da tradução

Donald – ou Don – Kiraly, em seu livro *A Social Constructivist Approach to Translator Education* (2000), sustenta que é importante ir além do método transmissionista de educação para formar tradutores que sejam profissionais de fato. O autor defende duas áreas essenciais a serem desenvolvidas na formação de tradutores: a expertise, que ele chama de competência tradutória¹⁷ (2000, p.30) e o profissionalismo, denominada por ele de competência do tradutor¹⁸ (2000, p.31).

A competência tradutória é a da atividade da tradução em si. O emprego de estratégias, a utilização de *computer-based tools*, a formatação de textos e a pesquisa terminológica para realizar os trabalhos estão incluídos nessa característica (Kiraly, 2000, p.30). A competência de tradutor, por sua vez, diz respeito a habilidades sociointeracionais, como a capacidade de responder a contatos com os clientes, de lidar com as questões éticas e sociais da profissão, de saber se portar como profissional (2000, p.31). Para a aquisição dessa competência, ele crê que o método socioconstrutivista é a melhor abordagem pedagógica para a formação de tradutores (2000, p.33).

Kiraly apresenta nove princípios do método socioconstrutivista de ensino que norteiam sua aplicação desta abordagem educacional ao ensino de tradutores, no que ele chama de oficina de tradução, conceito que será explicado mais adiante (2000, p.34).

O primeiro que podemos destacar é o de realidades e perspectivas múltiplas: “a partir de uma perspectiva socioconstrutivista, o indivíduo nunca está sozinho. Aprendemos a nos comunicar e depois a pensar através do compartilhamento e contraste

¹⁷ Em inglês, *translation competence*.

¹⁸ Em inglês, *translator competence*.

de perspectivas com outros membros da comunidade à qual pertencemos¹⁹” (2000, p.34). Essa visão valoriza o olhar singular que cada aluno traz e forma a capacidade da turma de enxergar uma mesma questão por diferentes ângulos.

A seguir, Kiraly apresenta outros dois pontos, o aprendizado colaborativo e a apropriação. O aprendizado colaborativo é caracterizado pela conclusão de uma tarefa realizada de forma conjunta:

O aprendizado colaborativo autêntico não é simplesmente distribuir as atividades que compõem uma tarefa, uma mera divisão de trabalho. Na realidade, trata-se da realização conjunta de uma tarefa com um duplo objetivo de aprendizado: a construção de significado por parte do grupo e a apropriação de conhecimento cultural e profissional por parte de cada indivíduo do grupo.²⁰ (2000, p.36)

O autor sustenta que o trabalho colaborativo faz parte da experiência de aprendizagem; é necessário que os aprendizes trabalhem de fato juntos, aprendendo uns com os outros:

Os alunos podem trabalhar de forma colaborativa para encontrar suas próprias sub-tarefas nessas situações complexas e aprender a construir seus próprios significados. Este é o processo de aprender a aprender, que resulta em habilidades de aprendizagem para toda a vida, o que vai ajudá-los de inúmeras e surpreendentes situações depois que se formarem.²¹ (2000, p.37)

A apropriação está relacionada à internalização do conhecimento sociocultural (2000, p.38), “[c]onfigurando, portanto, um processo construtivo mútuo que envolve o diálogo entre o indivíduo e seu ambiente físico, social e cultural”²² (2000, p.39). Seguindo-se a estes dois, vemos o quarto ponto apresentado por Kiraly, que é a zona de

¹⁹ “From a social constructivist perspective, the individual is never alone. We learn to communicate, and then to think, by sharing and contrasting perspectives with other members of the community to which belong.”

²⁰ “True collaborative learning does not mean simply dividing up the work on a task, a mere division of labour. It is instead the joint accomplishment of a task with the dual learning goals of meaning-making on the part of the group as well as the appropriation of cultural and professional knowledge on the part of each individual group member.”

²¹ “Students can work collaboratively to find their own sub-tasks in these complex situations, and can learn to make their own meanings. This is the process of ‘learning how to learn’, resulting in lifelong learning skills that can serve them in an infinite and unpredictable variety of situations once they leave the institution.”

²² “a mutually constructive process involving a dialogue between an individual and his social, cultural and physical environment.”

desenvolvimento proximal, conceito elaborado por Vygotsky que consiste no “espaço virtual de potencial crescimento, a janela de oportunidade criada em uma situação específica de ensino e que pode levar à aprendizagem e, portanto, ao desenvolvimento sociocognitivo²³” (2000, p.40).

O quinto ponto desenvolvido por Kiraly é a aprendizagem situada: o envolvimento ativo do aluno no aprendizado autêntico e experimental. Para o construtivismo, o conhecimento é enxergado como um processo dinâmico de construção de significado (2000, p.43).

A viabilidade é o sexto princípio valorizado por esse teórico. “Aprender não é uma tentativa de se aproximar da verdade, mas sim de criar ferramentas que nos permitam funcionar eficientemente com relação à realidade física e ao ambiente sociocultural ao qual pertencemos²⁴” (2000, p.45).

O sétimo ponto, um dos conceitos mais importantes na minha opinião, é o *scaffolding*, que também é oriundo da obra de Vygotsky. *Scaffolding* é o suporte que os formadores devem dar para os aprendizes. Não há um formato rígido para oferecer esse suporte, que deve ser flexível e estar presente só quando necessário. Trata-se de “ajudá-los a não percorrerem o caminho do professor, mas a construírem suas próprias estradas²⁵” (2000, p.46). O *scaffolding* pode acontecer de diversas formas, mas o mais importante é que esteja presente de acordo com a necessidade dos alunos. Deve ser retirado gradativamente à medida que o aluno deixa de precisar dele e já consegue concluir a tarefa sozinho:

O scaffolding, por outro lado, não decompõe uma tarefa complexa em partes mais simples porque isso não permitiria que os aprendizes encontrassem seus próprios significados na situação. Em vez disso, é uma forma de *coaching* para que o aluno encontre sua própria interpretação viável do evento.²⁶ (2000, p.47)

²³ “‘virtual space’ of potential growth, a window of opportunity that is created within a specific learning situation and that can lead to learning and thus socio-cognitive development.”

²⁴ “learning is not an attempt to get closer to the truth, but to create tools that enable us to function efficiently with respect to the physical reality and the socio-cultural environment of which we are a part.”

²⁵ “helping them not to travel the teacher’s path, but to build viable roads of their own.”

²⁶ “Scaffolding, on the other hand, does not break down a complex task into easily grasped chunks because that would prevent learners from finding their own meanings in the whole event. It is instead a form of coaching toward the construction of the students’ own viable interpretations of an event.”

A aprendizagem sociocognitiva é o último ponto apresentado por Kiraly. Esse tipo de ênfase na aprendizagem traz autonomia para o aprendiz, caracterizando um processo de aprendizado semelhante ao dos que estão aprendendo um novo ofício (2000, p.47). O contexto é sempre de um ambiente colaborativo. Kiraly destaca também a importância da autonomia para os aprendizes:

Essa autonomia na aprendizagem depende da capacidade de refletir sobre o seu próprio trabalho e compará-lo ao desempenho de profissionais. O sucesso do aprendizado sociocognitivo se baseia nessa habilidade individual de automonitoramento do progresso até dominar a atividade, fazendo as mudanças necessárias sem direcionamento externo.²⁷ (2000, p.48)

A proposta de Kiraly para o ensino de tradutores se destaca justamente por ser radicalmente comprometida com aulas contextualizadas e apresentar situações reais com as quais os alunos se depararão enquanto profissionais. Ele sugere um modelo de sala de aula para ensino da tradução. A chamada oficina de tradução é descrita como um ambiente onde os aprendizes participam de um projeto de tradução real. Kiraly afirma que tenta conseguir trabalhos de tradução para suas turmas ou os ajuda a encontrar seus próprios trabalhos. Por vezes ele compartilha seus trabalhos de tradução com os alunos, sempre avisando ao cliente:

Frequentemente tenho conseguido compartilhar com os alunos trabalhos de tradução que me foram solicitados. Os clientes naturalmente fazem questão de que eu assuma a responsabilidade completa pela qualidade da tradução, mas ainda assim eu percebo que eles estão dispostos a permitir que aprendizes façam parte do projeto. Para criar uma situação de fato autêntica, eu transfiro para eles a responsabilidade de realizar uma tradução excelente.²⁸ (Kiraly, 2000, p.66)

Quando isso não é possível, Kiraly e seus alunos costumam encontrar algum material que precise de tradução ou de uma nova tradução. O autor acredita que, estando

²⁷ “This learning autonomy is dependent on the development of the ability to reflect on one’s own work and compare it to the performance of professionals. The success of socio-cognitive apprenticeship relies on this ability to monitor one’s own progress toward mastery and to make necessary changes without guidance.”

²⁸ “Often I have been able to share with students jobs that have been commissioned to me. While clients naturally insist that I personally assume full responsibility for the quality of the translation, I find they are willing to have students participate in the Project. In order to create an authentic learning situation, I in turn transfer responsibility for an excellent job to the students themselves.”

imersos nesse ambiente, os futuros tradutores poderão desenvolver tanto a competência tradutória quanto a competência do tradutor (2000, p.66). Na oficina a classe trabalha de forma colaborativa, aprende a estabelecer o prazo para realizar um projeto, a cobrar pelo serviço e a fazer a tradução.

Uma outra questão reforçada por Kiraly é que o objetivo das aulas deve ser construir soluções múltiplas e viáveis para os problemas que surgem em projetos autênticos. Esta é a materialização de dois conceitos já apresentados: o das perspectivas múltiplas e o do aprendizado situado.

Kiraly afirma que são os formadores que devem dar o suporte necessário para que os próprios alunos cheguem às respostas. Isso torna o empoderamento do aluno possível, pois o professor deixa de ser aquele que possui todas as respostas e faz com que o aprendiz trilhe seu próprio caminho. O aluno assume a responsabilidade pelo seu aprendizado e dessa maneira vai aos poucos se tornando profissional. Kiraly propõe que as aulas sejam como *workshops* de aprendizado sociocognitivo. Nesse ambiente os alunos são aos poucos retirados da periferia e inseridos na comunidade de prática profissional, onde “são gradualmente levados a assumir o discurso da comunidade até que se tornem, eles mesmos, membros plenos e competentes dessa comunidade²⁹” (Kiraly, 2000, p.69).

Um modelo socioconstrutivista para a sala de aula de interpretação, tomando por base o apresentado por Kiraly, poderá se materializar da seguinte maneira: para que os aprendizes sempre estejam envolvidos em situações profissionais, desde o início da formação serão realizadas conferências simuladas pelo menos uma vez por mês com a participação de todos – primeiramente em consecutiva e depois em simultânea. Essas conferências podem ser eventos criados pelos próprios alunos, que estarão todos envolvidos no projeto.

Em uma turma com 12 pessoas por exemplo, a divisão poderá ser de quatro oradores, quatro intérpretes, dois ouvintes e dois organizadores do evento. A cada conferência simulada os alunos se revezarão em cada um dos papéis designados. Os

²⁹ “where students at the periphery of the translation community are gradually drawn into the community’s discourse until they are competent, full-fledged members of the community themselves.”

professores servirão como facilitadores para todos os envolvidos no projeto. Os aprendizes que serão oradores terão a tarefa de preparar discursos que possam ser interpretados por alunos iniciantes. Essa prática também os auxiliará a aprender a pesquisar temas e desenvolver suas línguas de trabalho. À medida que o tempo for passando e forem realizadas mais conferências simuladas, podem ser convidados oradores que não sejam alunos e naturalmente o nível dos discursos se tornará cada vez mais complexo. Uma recomendação de uso é a gradação de materiais a serem interpretados preconizada por Seleskovitch e Lederer (1995, p.54).

Nesse modelo, passados alguns meses as conferências simuladas poderão ser realizadas com ouvintes externos. Buscar-se-ão oportunidades para que os alunos possam estagiar em eventos reais e os professores deverão apresentar situações verídicas para as turmas em sala de aula para que tenham a oportunidade de desenvolver: a competência para interpretar, isto é, ouvir, analisar a mensagem e reformular no outro idioma, bem como utilizar as estratégias e técnicas para lidar com as dificuldades que ocorrem durante a interpretação; e a competência de ser intérprete, que envolve habilidades sociointeracionais, como redigir contratos, gerir diferentes projetos, entender as necessidades do cliente, lidar com colegas e com contratantes de serviços de interpretação, saber trabalhar em dupla ou em equipe.

O fato de trabalharem sempre em dupla na programação das aulas simuladas também reforçará bastante os conceitos de aprendizado colaborativo e o de realidades e perspectivas múltiplas. Em quase todos os eventos os intérpretes profissionais trabalham de dois em dois, se alternando a cada 20 ou 30 minutos na modalidade simultânea. Aprender a trabalhar em equipe e construir soluções em conjunto deve ser algo muito presente na formação de intérpretes.

O aprendizado situado proposto por Kiraly é um dos fatores que ajudará o aprendiz a abandonar o modelo do tradutor ou intérprete que conhece toda a terminologia e que só deve se preocupar com esses aspectos linguísticos, para exercitar uma atitude profissional e familiarizar-se com o contexto de modo a fazer um bom trabalho de interpretação.

2.4.

Contribuição de Rosemary Arrojo – a responsabilidade do tradutor

A teórica da tradução Rosemary Arrojo escreveu diversos textos importantes abordando o ensino da tradução. Nesta seção vamos nos concentrar especificamente no artigo “O ensino da tradução e seus limites: por uma abordagem menos ilusória” (1988). No início do texto, Arrojo expõe uma situação peculiar que ilustra como uma concepção cartesiana da linguagem pode influenciar o ensino da tradução. Ela conta que uma de suas alunas a procurou ao final de uma aula com uma lista de palavras que não estava conseguindo traduzir e pediu a sua ajuda para realizar a tarefa. Quando Arrojo pergunta à aluna por que está tão certa de que ela, a professora, saberá a tradução que a própria aluna e os dicionários não conseguiram obter, a resposta foi que uma professora de prática de tradução teria o dever de conhecer esses significados (1988, p.27).

Arrojo diz que naquele momento se deu conta de que sua aluna estava agindo como se ela pudesse de fato saber a tradução de todas aquelas palavras, por ser professora. Como se fosse possível alguém um dia deter todo o conhecimento necessário para traduzir. Como se a tradução não fosse uma atividade que exigisse responsabilidade para fazer escolhas a respeito de soluções tradutórias consideradas adequadas.

Para Arrojo, o comportamento da aluna denuncia que ela ainda possui uma visão logocêntrica da atividade da tradução. Esse paradigma, que é explicado por Arrojo ao longo do artigo (1988, p. 27), se fundamenta na crença de que cada palavra possui um significado fixo, independentemente do sujeito. À luz dessa visão, a tradução de um texto envolve uma operação de decodificação das palavras para a língua meta: “substituição ou transferência de significados estáveis de um texto para o outro e de uma língua para a outra” (1988, p.29).

A formação de um tradutor no âmbito de um programa de formação baseada nessa concepção de linguagem e de tradução tende “a apostar na elaboração e no arquivo de glossários, de listas de palavras e de outras formas fixas de significados, e em exercícios de tradução que enfatizam a coleção e o domínio dessas formas ao invés de se aterem ao processo envolvido” (Arrojo, 1988, p.30).

A antítese disso, tese defendida por Arrojo no artigo, seria a formação de um tradutor que se entende como tendo “papel essencialmente ativo de produtor de significados e de representante e intérprete do autor e dos textos que traduz” (1988, p.30). Nesse processo de formação deve-se enfatizar o quanto é necessário que o tradutor aprenda a ler e a escrever de maneira a acompanhar a tendência do que se considera uma leitura aceitável para o seu tempo. Ao mesmo tempo, o tradutor profissional deve aprender a se familiarizar com os contextos nos quais os textos são produzidos, para que saiba como traduzi-los. A consulta aos dicionários e produção de glossários vai acontecer não como ponto de partida, mas como parte do processo tradutório e da familiarização.

Aplicando-se sua proposta de responsabilidade à formação de intérpretes, o foco estaria em primeiro lugar na conscientização dos futuros profissionais de que, assim como os ouvintes da conferência, eles mesmos, enquanto intérpretes, também constroem o significado da exposição feita pelo orador.

Além disso, os aprendizes devem querer aprender a aprender, isto é, a assumirem que precisam tomar as rédeas de seu processo de aprendizagem, para que se tornem profissionais autônomos. As turmas devem ser expostas a técnicas para pesquisarem tópicos que não lhe sejam conhecidos. O incentivo a aumentarem sua base de cultura geral e conhecimento extralinguístico deve ser enfatizado. Faz parte do empoderamento do aluno promover situações em sala de aula que demonstrem a importância da preparação e que lhe permitam desenvolver essa habilidade. Outra questão importante é ajudá-los a adquirir conhecimento específico para conferências.

Além de aprender a estar preparado para adquirir conhecimento em diferentes temas, de angiologia a perfuração offshore, de economia da funcionalidade a sistemas SAP, o intérprete também se capacita a lidar com diferentes públicos, dependendo da situação na qual estiver trabalhando. Em um mesmo tema, por exemplo, há diversas situações, que exigem estratégias diferentes de preparação por parte do intérprete.

O tema é, por exemplo, angiologia, mas o evento pode ser uma conferência internacional, onde os oradores farão suas apresentações em power points, comunicações de 20 minutos de duração em salas com 200 a 300 pessoas, com perguntas

e respostas. O público será composto, em sua maioria, por angiologistas ou cirurgiões vasculares. Ainda sobre o mesmo tema, o evento pode ser a interpretação de entrevistas individuais com participantes em um estudo clínico para aprovação de um medicamento para tratamento de varizes. As entrevistas são feitas por enfermeiras com o objetivo de descobrir quais os efeitos do tratamento sobre a vida dos pacientes.

Nos dois casos relatados o intérprete, ao se preparar, vai utilizar praticamente a mesma terminologia, mas a forma como ela será aplicada variará. Os interlocutores também determinam a interpretação que será realizada. No primeiro caso, a interpretação é entre pares em um evento formal, e no segundo, pode ser entre diferentes profissionais da área da saúde e os pacientes, em um contexto mais informal e ao mesmo tempo mais íntimo, exigindo por parte do intérprete uma interação maior com seus ouvintes.

É por isso que durante a formação o aluno deve ser exposto ao máximo de situações com as quais poderá trabalhar. Dessa maneira conseguirá desenvolver essa habilidade adaptativa que os intérpretes precisam ter. Além disso, na experiência os aprendizes perceberão que não há somente uma maneira correta de interpretar; situações e interlocutores distintos exigirão uma interpretação distinta, adequada para cada situação.

Todas essas questões estão intimamente relacionadas com a conscientização do aluno de que ele é responsável pela imagem do autor do texto oral que ele está interpretando. É necessário discutir a importância da ética profissional e informar sobre as implicações de assumir essa postura na sala de aula através de estudos de caso e situações práticas, tanto em sala de aula quanto em estágios.

Arrojo também aponta que é importante que haja menos ilusão por parte dos formadores. Nem sempre podemos garantir que os egressos saiam conscientes dessa responsabilidade que possuem, mas aos formadores cabe conscientizar os alunos a respeito do que envolve ser um profissional da área (Arrojo, 1988, p.31).

Como podemos observar, há uma semelhança entre o que vemos ser defendido por Don Kiraly e Rosemary Arrojo. Ambos reforçam que a formação de tradutores deve

se dar em um ambiente de responsabilidade e empoderamento. A sala de aula “oficina de tradução” é descrita por ambos os autores como o ambiente ideal para formar tradutores que assumem a responsabilidade pelo seu trabalho. Em sala de aula eles aprendem na prática como devem trabalhar com atividades contextualizadas e saem empoderados para exercerem suas escolhas.

Além disso, os aprendizes devem ser capazes de estabelecer critérios norteadores de sua atuação e de articular sua concepção de tradução/interpretação. A visão de tradução e interpretação deste trabalho é a de que, visto tratar-se de um processo de tomada de decisões, há diversos caminhos alternativos e, não, um só, o supostamente “correto”. A responsabilidade é um critério muito significativo para embasar esse processo de tomada de decisões.

Finalizamos aqui este capítulo, no qual foram apresentados o modelo da Teoria Interpretativa da Tradução de Danica Seleskovitch e Marianne Lederer aplicadas à formação de intérpretes; a abordagem curricular de David Sawyer, unindo as perspectivas científicista e humanista ao currículo; a defesa do uso do socioconstrutivismo no ensino de tradutores de Don Kiraly; e a importância da “conscientização dos aprendizes em relação ao papel que decidiram assumir em suas vidas profissionais e às atitudes que esse papel exige” (1988, p.31), postulada por Rosemary Arrojo.

Tendo apresentado esses fundamentos teóricos a respeito da formação de intérpretes no capítulo atual, no próximo capítulo será realizado um panorama histórico da formação de intérpretes no Brasil e no mundo, e também descrita a importância da Associação Internacional de Intérpretes de Conferência nesse contexto.

3

Breve panorama histórico da formação de intérpretes no mundo e no Brasil e a influência da AIIC

Antes de entrar propriamente no tema do trabalho - o mapeamento dos cursos de formação de intérpretes no Brasil - cabe recuperar a história da formação de intérpretes, para contextualizar a pesquisa desenvolvida. O objetivo deste capítulo é traçar, portanto, um breve panorama histórico da formação de intérpretes no mundo e no Brasil. Os laços entre a AIIC e a história da formação de intérpretes serão explicitados, e também enumeradas e discutidas as melhores práticas da AIIC para formação de intérpretes. Ao final do capítulo será abordada a profissionalização da formação de intérpretes nos últimos 20 anos.

3.1.

A formação de intérpretes: os primórdios

Como narra Pöchhacker (2004, p.28), apesar de sempre terem existido intérpretes atuando profissionalmente, a atividade da interpretação começou a ser tratada como carreira profissional somente a partir do início do século XX, com a formação de linguistas e tradutores. Pöchhacker atesta que a primeira escola dedicada à formação de intérpretes de conferência (naquela época, para a modalidade consecutiva apenas) foi o Institut für Übersetzen und Dolmetschen, baseado originalmente em Mannheim e coordenado por Antoine Velleman, intérprete da Liga das Nações.

A proliferação dos cursos de interpretação e tradução, ou só de interpretação, estava relacionada àquele período da história: a Liga das Nações deu origem à Organização das Nações Unidas. No mesmo período começaram as atividades da CECA, Comunidade Europeia do Carvão e Aço, em toda a Europa, fazendo com que a presença de intérpretes fosse indispensável para que a comunicação entre os delegados de diferentes países se tornasse possível (Pagura, 2010, p.11). As organizações precursoras da União Europeia trabalhavam com holandês, francês, alemão e italiano,

enquanto o Conselho Europeu e a OTAN, com apenas dois idiomas (Mackintosh, 1999, p.69).

Após a Segunda Guerra Mundial foram realizados os julgamentos de Nuremberg, onde foram processados os oficiais do partido nazista. O tribunal para julgar os réus deveria ser formado por juízes da França, Reino Unido, União Soviética e Estados Unidos, tornando necessário o uso do serviço de interpretação. Até aquele momento a modalidade mais conhecida era a interpretação consecutiva. Contudo, se os julgamentos acontecessem em consecutiva as audiências durariam muito tempo, e o período dos julgamentos seria muito longo (Baigorri-Jalón, 2014, p.213). Sendo assim, decidiu-se testar a interpretação simultânea, modalidade até então pouco conhecida. Os equipamentos foram fornecidos pela IBM, e quem coordenou o projeto foi o Coronel Léon Dostert, intérprete do exército americano (Baigorri-Jalón, 2014, p.219).

Até os julgamentos de Nuremberg, apesar de já existir a prática da interpretação simultânea, a modalidade ainda era muito malvista. Falando a respeito dos intérpretes de conferência atuantes no período antecedente aos julgamentos, Jesus Baigorri-Jalón diz:

Curiosamente os intérpretes eram mais resistentes que os juristas (...) por um lado esses intérpretes [consecutivos] não gostavam da ideia de ficarem relegados ao anonimato da cabine, e por outro lado, a velocidade que a simultânea exigia posava-lhes um desafio que não queriam enfrentar³⁰. (Baigorri-Jalón, 2014, p.215)

Na década de 1940 o ensino da técnica sequer fazia parte dos currículos das poucas escolas de interpretação existentes. A partir de Nuremberg e do bom funcionamento da modalidade, a simultânea passou a ser cada vez mais utilizada:

Portanto, antes mesmo que o veredito final fosse emitido em Nuremberg, o sistema já estava sendo testado nas Nações Unidas em Nova Iorque. Em poucos anos a simultânea se tornou a modalidade de interpretação predominante em conferências e organizações internacionais, e permanece assim hoje³¹. (Baigorri-Jalón, 2014, p.212)

³⁰ “Curiously, the interpreters themselves were more resistant than the jurists...On the one hand these [consecutive] interpreters did not like the idea of being relegated to the anonymity of the booth, and on the other hand, the speed required by simultaneous struck them as a challenge they did not want to face.”

³¹ “Thus, even before the final verdict was issued at Nuremberg, the system was already being tried out at the United Nations in New York. Within a few years, simultaneous became the predominant mode of interpretation at international conferences and organizations, and it remains so today.”

Sendo assim, as escolas de formação de intérpretes tiveram que começar a incluir a interpretação simultânea no currículo, pois esta era a necessidade do mercado (Pöchhacker, 2004, p.28). A informação de Pöchhacker a respeito da necessidade de inclusão da simultânea nos currículos das escolas de interpretação da época é uma das poucas às quais é possível ter acesso. Pode-se inferir que as escolas formavam intérpretes para trabalhar no recém-nascido mercado institucional europeu, mas não é possível determinar se a proposta pedagógica ou elementos curriculares eram semelhantes aos de hoje. Também não foi possível acessar o conceito de interpretação ou a visão do intérprete profissional que essas escolas tinham. Ainda assim, para conhecimento e situação do leitor no contexto, relacionamos aqui as datas de fundação dos cursos pioneiros na Europa e nos Estados Unidos.

Na década de 1940 foram surgindo diferentes escolas de interpretação na Europa. Pagura (2010, p.12) destaca uma em Genebra (1941), outra em Viena (1943), uma em Gernersheim (1947), a escola de Saarbrücken (1948) e uma escola patrocinada pela HEC – École de Hautes Etudes Commerciales, fundada em Paris em 1948. Mackintosh (1999, p.69) menciona uma escola em Graz, fundada em 1947. A Universidade de Heidelberg recebeu na década de 1950 a escola de Mannheim (Sawyer, 2003, p.20). Nos Estados Unidos, em 1949, foi fundado o curso de intérpretes na Universidade de Georgetown por Léon Dostert, responsável pelos serviços de interpretação em Nuremberg (Mackintosh, 1999, p.69).

A ESIT – École Supérieure d’Interprètes et de Traducteurs, uma das escolas de interpretação de maior prestígio na Europa, foi fundada em 1958, e o ISIT – Institut Supérieur d’Interprétation et de Traduction em 1959. No final da década de 1950 Pilley fundou um curso de formação de intérpretes no Linguist’s Club em Londres. A escola da Polytechnic of Central London (atual Westminster) foi fundada por Patricia Longley em 1963. O segundo curso a ser fundado nos Estados Unidos foi o curso do Monterey Institute of Foreign Studies (cujo nome atual é Middlebury Institute of International Studies, MIIS) em 1969 (ver Mackintosh, 1999, p.69).

Muito embora já houvesse conferências no Brasil desde antes deste período, o início da profissão no país está ligado às décadas de 1940 e 50, quando começaram a ser

organizados alguns congressos internacionais de maior destaque. A partir do levantamento histórico feito por Reynaldo Pagura em sua tese *A interpretação de conferências no Brasil: história de sua prática profissional e a formação de intérpretes brasileiros*, é possível depreender duas maneiras de se tornar intérprete nesse período.

A primeira era buscar formação fora do país nas décadas de 1950 a 1970 e voltar para tentar trabalhar no Brasil. Pagura relata em seu texto o caso de alguns desses profissionais e chega à conclusão de que os intérpretes formados fora tiveram dificuldades para se estabelecer no mercado do RJ por conta dos profissionais que já atuavam aqui. Esse impedimento na verdade produziu excelentes frutos. Fez com que essas intérpretes criassem suas próprias equipes, investissem na formação de novatos e abrissem o mercado de São Paulo e o do Rio de Janeiro. Essas mesmas intérpretes, Ulla Schneider, Jaqueline Branco e Cecilia Assumpção fundaram, com mais cinco colegas, a APIC, Associação Profissional de Intérpretes de Conferência (Pagura, 2010, p.82).

A segunda maneira de se tornar intérprete naquele período diz respeito àqueles formados *on the job*, quase que por acaso, e “descobertos” quando colocados em situações de necessidade. Reynaldo Pagura escreve sobre a situação emblemática de Ângela Levy. Uma das intérpretes mais antigas do Brasil, coordenadora e professora do curso da Associação Alumni (SP) durante décadas, Ângela experimentou um batismo de fogo na profissão. Ela era funcionária da União Cultural Brasil-Estados Unidos e foi chamada pelo cônsul norte-americano para atuar como intérprete no 1º Congresso Pan-Americano de Radiodifusão no dia em que o evento começava. A entrevista concedida a Pagura chega a ser cômica, pois sem nenhum aviso, treinamento, formação, nada, Ângela iniciou sua carreira aprendendo a interpretar com o operador de som do evento onde estava:

Você vai usar isso aqui e me deu uns *earphones* tão pesados, mas tão pesados que o meu queixo caiu em cima da mesa e eu falei assim: “O que que isso? *How do I go about it?*” E ele disse: “*I’ll tell you. Listen: they start ‘Ladies and gentlemen it’s a pleasure to’... and you start the Portuguese, the first sentence of [...] the lecture*”. Foi essa a informação que eu tive, o curso. (Levy apud Pagura, 2010 p.77)

A partir do caso de Ângela Levy é possível perceber como a formação de intérpretes estava sendo estabelecida no país. Uma intérprete que foi “formada” em

alguns minutos pelo operador de som. Costuma-se usar a expressão em inglês *sink or swim* (“afunde ou nade”) para se referir a como os intérpretes entravam na profissão nesse período. Se a pessoa tivesse um bom desempenho, ela se tornava intérprete. Se o desempenho fosse ruim, entendiam que ela não havia nascido para isso.

Um pouco depois dessa experiência, Ângela se tornou uma das fundadoras do curso de intérpretes da Associação Alumni, o primeiro de São Paulo, que foi criado em 1970, ensinando interpretação e tradução, e o currículo foi montado de forma bem intuitiva pela própria Ângela (Pagura, 2010, p.167).

O primeiro curso de intérpretes do Brasil, criado em 1968 e implantado em 1969, foi o da PUC-Rio. Teve início como uma das habilitações (denominadas especializações durante esse período) do curso de Letras, e na época fazia parte do Bacharelado em Letras com habilitação tradutor-intérprete-revisor (Martins, 2007, p.172). A partir de 1974 a habilitação passou a ser somente tradutor-intérprete e se manteve assim até 1976, quando duas habilitações passaram a ser oferecidas: tradutor-intérprete e tradutor. Em 1978 a habilitação tradutor-intérprete passou a se ocupar apenas da formação de intérpretes, ficando duas habilitações, uma para tradução e outra para interpretação (Martins, 2007, p.179). Ao longo dos anos, se ajustando às necessidades do mercado e também por conta do conhecimento de novas concepções acerca da formação de intérpretes, o curso foi passando por diversos formatos: graduação, sequencial, até se tornar a Especialização *lato sensu* que é hoje.

Além desses dois, Pagura indica a fundação de alguns outros cursos ainda na década de 1970 e 1980, fase que estamos denominando “os primórdios” neste panorama histórico. Houve um curso de interpretação criado em 1970 na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, trabalhando com inglês e alemão, que durou até meados da década de 1970 (Pagura, 2010, p.174). Um segundo curso no Rio Grande do Sul, na Universidade Federal, foi fundado em 1972 e continuou até meados da década de 1990, com formação de intérpretes com francês, inglês, alemão, espanhol e italiano (Pagura, 2010, p.174). Também fundado em 1972, o curso da antiga Faculdade Ibero-americana funciona até hoje integrando o grupo educacional Anhanguera.

3.2.

O papel da AIIC e sua *school policy* na formação de intérpretes e na formação de formadores.

Danica Seleskovitch explica a origem da chamada *school policy* da AIIC em um artigo no qual celebrava 50 anos trabalhando com a formação de intérpretes. Ela foi secretária executiva da AIIC de 1959 a 1963, período em que a *school policy* foi estabelecida. De acordo com Seleskovitch, assim que as escolas de interpretação começaram a se estabelecer na Europa, dada a necessidade de difundir o ensino da modalidade simultânea, os próprios intérpretes de conferência passaram a se envolver com o ensino da interpretação.

Através da revisão da literatura percebemos que não há dados muito concretos a respeito das escolas existentes na época. Pode-se deduzir que eram cursos universitários de Letras ou Linguística que começaram a ensinar interpretação. Muito provavelmente esses professores-intérpretes da AIIC não faziam parte do quadro permanente de docentes dessas escolas, mas ainda assim colaboravam com a formação da nova geração de intérpretes. Contudo, apesar dessa colaboração a opinião dos intérpretes veteranos muitas vezes não era considerada na formação do currículo e nas avaliações finais (Seleskovitch, 1999, p.58).

Por conta disso os profissionais começaram discussões em suas assembleias para estabelecerem uma iniciativa a partir da Associação Internacional e, dessa maneira, fazer um esforço conjunto em prol da formação de novos intérpretes (Seleskovitch, 1999, p.58). Nascia o Comitê de Escolas da AIIC. O objetivo inicial do comitê era credenciar escolas que atendessem aos critérios estabelecidos pela associação como essenciais para a formação de intérpretes.

De acordo com Seleskovitch, foram quatro as escolas que receberam o reconhecimento da AIIC a partir de 1963: Genebra, Heidelberg, Sorbonne e a HEC de Paris. A ideia de contribuir com a formação de intérpretes não era o consenso entre os associados. Alguns deles acreditavam que a interpretação não podia ser ensinada, a partir

da máxima: “intérpretes já nascem intérpretes”³², por isso não se interessavam por essa cooperação com os cursos de interpretação (Seleskovitch, 1999, p.58).

Em artigo escrito sobre a formação de intérpretes de conferência, Jennifer Mackintosh aponta que, assim como a AIIC estabeleceu padrões profissionais bem específicos desde a sua fundação, também formulou critérios a partir dos quais os cursos de formação de intérpretes deveriam ser avaliados. Esses critérios, de acordo com Mackintosh, foram “defendidos em simpósios e workshops desde 1969 e já haviam aparecido em outras publicações. Hoje se tornaram o parâmetro que a profissão adota para avaliar os padrões de formação.”³³ (Mackintosh, 1999, p.72).

Cabe esclarecer neste momento que, desde a fundação da AIIC, é no âmbito da associação que se reúnem os principais pesquisadores, formadores e profissionais da área. Danica Seleskovitch, Marianne Lederer, Daniel Gile, Barbara Moser-Mercer e David Sawyer, entre tantos outros, foram ou ainda são membros da associação. Desta maneira seria impossível tratar da história da formação de intérpretes sem tratar da história da AIIC.

Os critérios que devem ser atendidos são: que o curso seja ministrado em nível de pós-graduação; que um teste de aptidão seja realizado antes do início do curso (para programas de até um ano) ou no início das aulas no caso de cursos mais longos; na medida em que as disciplinas são predominantemente voltadas para a prática, que os professores do curso sejam intérpretes de conferência; que a grade curricular inclua tanto interpretação consecutiva quanto simultânea; e que a duração do curso seja de pelo menos dois semestres no mínimo (um ano letivo).

Atualmente a AIIC não credencia mais escolas como fazia inicialmente. O comitê de escolas, que hoje chama-se Comitê de Formação e Atualização Profissional³⁴, é o órgão da associação que tem a responsabilidade de publicar uma lista das escolas que atendem os requisitos da AIIC para a formação. Além disso, organizam cursos de desenvolvimento e atualização profissional e formação de formadores (Vianna, no prelo,

³² Em inglês, “interpreters are born, not made”.

³³ “advocated in symposia and workshops from 1969 onwards which already appeared in earlier publications. Now they officially became the yardstick by which the profession rated training standards.”

³⁴ AIIC Training and Professional Development.

p.5). A lista, chamada *AIIC Interpreting Schools and Programme Directory*³⁵, inclui 86 escolas de interpretação no mundo todo e é atualizada à medida que os cursos enviam seus dados e estes são verificados pelo comitê. Não há uma frequência média de atualização da lista.

Branca Vianna, única brasileira membro do Comitê de Formação da AIIC, descreve o processo para que o curso seja incluído na listagem:

Os cursos interessados em participar do cadastro respondem a quase quarenta perguntas sobre currículo, corpo docente, uso de tecnologia, combinações linguísticas, exames de aptidão e finais, número de diplomas conferidos *versus* número de candidatos aceitos e muitas outras. (Vianna, no prelo, p.5)

A exigência mínima é que atendam aos seis critérios descritos nos parágrafos acima e enviem seus dados. Na América Latina só há dois cursos que estão incluídos no diretório. E ambos são do Brasil.³⁶

É necessário esclarecer que duas das recomendações abrem bastante espaço para questionamento. A primeira é sobre o nível de pós-graduação. Em nenhum momento a AIIC faz distinção entre diferentes tipos de pós-graduação *stricto sensu* como mestrado e doutorado, que tendem a se concentrar mais em pesquisa, e os cursos de Especialização *lato sensu* que, apesar de também envolverem pesquisa, possuem uma ênfase maior no aspecto profissionalizante. Por existir um outro critério determinando que os professores dos cursos sejam intérpretes pode-se inferir que o perfil dos cursos seja mais profissionalizante, mas ainda assim, não é possível definir com certeza.

Além dessa recomendação, há outra que afirma que o curso deve ter pelo menos dois semestres de duração. Não há menção a exigências de carga horária. Isso poderia sugerir que há uma preocupação com o tempo cronológico mínimo de um ano, o que talvez seria importante para desenvolver melhor as habilidades necessárias para a prática da interpretação. Contudo a recomendação pode também abarcar programas com a duração de um ano, mas com uma carga horária muito reduzida, como apenas duas horas por semana durante dois semestres. No capítulo 5, ao analisarmos os perfis dos cursos

³⁵ <http://aiic.net/directories/schools/> acessado em 6 de fevereiro de 2017.

³⁶ São os cursos da PUC-Rio e PUC-SP.

aqui no Brasil falaremos mais a respeito dessa recomendação de duração mínima de um ano letivo.

O documento denominado *AIIC School Survey*³⁷ elenca as melhores práticas para a formação de intérpretes. Além daqueles seis principais itens, há outras recomendações. A respeito dos professores, além de serem intérpretes de conferência, recomenda-se que atuem no mercado e possuam formação específica para serem formadores. Isso para as disciplinas de interpretação. O documento não menciona recomendações quanto a disciplinas que não sejam de prática ou teoria da interpretação, como às relacionadas ao cuidado com a voz, ensino de pesquisa específica para preparação de conferências, metodologia da pesquisa entre outras.

Além disso, os professores devem ser falantes nativos de um dos idiomas da combinação linguística oferecida pelo curso e, preferencialmente, ter uma combinação linguística reconhecida pela AIIC. Quanto aos candidatos, a recomendação é que, para desenvolverem um nível adequado de competência linguística, devem ter residido por “um período considerável” nos países que falam os idiomas de sua combinação linguística.

A respeito da conexão dos alunos com o mercado, as recomendações são de que a escola informe durante e após o curso quanto às oportunidades de trabalho. As escolas de interpretação também devem ter uma disciplina que ensine a respeito de prática profissional e ética. Além disso, é recomendado que o curso possua um componente teórico.

Em relação à avaliação final, o texto da AIIC cobre vários aspectos, começando por dizer que os critérios e a condução da avaliação devem ser abertos e transparentes. O candidato deve ser avaliado tanto em simultânea quanto consecutiva, em todas as suas línguas de trabalho, e estas devem estar listadas em seu certificado. A banca de avaliação deve ser composta pelo corpo docente e avaliadores externos que sejam intérpretes de conferência atuantes. Também devem ser convidados representantes de organizações

³⁷ <https://aiic.net/page/3420/aiic-s-survey-of-interpreting-schools-and-programmes> Acesso em 14 mar. 2017

internacionais e outras instituições que contratam intérpretes, para participar das avaliações como observadores.

Um ponto interessante nas recomendações afirma que as instituições não podem se beneficiar financeiramente de trabalhos feitos por seus alunos.

Vemos que Mackintosh comenta que, a partir destes critérios, pode-se perceber questões que não representam um consenso na formação de intérpretes de conferência:

A formação em interpretação de conferências deve ser sempre em nível de pós-graduação? A interpretação de conferências pode ser ensinada por pessoas que não sejam intérpretes profissionais? Os cursos devem refletir as exigências do mercado? Outras questões que não são consenso: o ensino de idiomas deve ser incluído de alguma forma nos cursos de formação de IC? Em que momento durante o programa do curso deve ser iniciada a formação em interpretação simultânea? Deve-se ensinar teoria durante a formação? Se sim, qual teoria? Qual é a duração ideal de um curso? (Mackintosh, 1999, p.72)³⁸

Julie Boéri, professora de interpretação na Universidade Pompeu Fabra em Barcelona, em uma apresentação crítica desta influência exercida pela AIIC na formação de intérpretes, sugere que a atuação do Comitê de escolas foi uma das ações da AIIC que auxiliou a entidade a se tornar tão influente entre os profissionais como um todo. No capítulo “Key internal players in the development of the interpreting profession”, do *The Routledge Handbook on Interpreting*, a autora indica o papel da AIIC em três áreas: o contato direto com contratantes de serviços de interpretação, a subscrição ao código de ética da associação como forma de controle dos seus membros e o lobby junto às escolas de interpretação.

Boéri destaca que, quando foi estabelecida, a chamada *school policy* da AIIC era uma forma de instruir todos os que estivessem envolvidos com formação de intérpretes a respeito do que era uma formação adequada para conseguir o reconhecimento da associação (Boéri, 2015, p.33). Havia uma lista de critérios a serem seguidos para que a instituição tivesse seu nome citado como escola recomendada pela AIIC (na época em que foram criados). Apesar de hoje essas recomendações não constituírem a função

³⁸ “Should all CI training be postgraduate? Can CI be taught by persons who are not professional interpreters? Should courses be matched to market requirements? Other contentious issues include: does language teaching have any place in a CI training course? At what point in a programme should training in simultaneous commence? The place in theory in CI training, and if so, which theory? What is the optimum course duration?”

normativa que já tiveram, para Boéri esse foi um dos fatores que fortaleceu a associação, pois a AIIC estava diretamente envolvida, controlando, de certa forma, a formação dos futuros membros.

Em seu artigo “O consenso internacional sobre a formação de intérpretes de conferência” (2010), o professor Reynaldo Pagura endossa as melhores práticas da AIIC, que podem ser vistas em praticamente todo o consenso internacional discutido por ele. Pagura nomeia cinco questões principais como constituindo o consenso internacional na formação de intérpretes. Três delas são corroboradas pelas melhores práticas AIIC e duas estão relacionadas a questões metodológicas.

As questões metodológicas dizem respeito a quando a interpretação simultânea deve ser ensinada e ao ambiente adequado para ministrar aulas de interpretação. Pagura, em consonância com a visão da *Théorie du sens*, de que é importante ensinar os futuros intérpretes a se apegarem cada vez mais ao sentido da mensagem para aprenderem a técnica da interpretação, defende que a consecutiva deve preceder a simultânea no currículo. Essa de fato é a prática em muitas escolas na Europa, inclusive algumas delas só permitem que o aluno inicie aulas em simultânea tendo sido aprovado em consecutiva (Pagura, 2010, p.21).

A respeito do ambiente ideal para as aulas, Pagura se opõe à prática de alguns cursos de ministrar aulas de interpretação em laboratórios para ensino de idiomas, onde os alunos são dispostos em baias. Ele alega que, nessa situação, o professor não consegue monitorar adequadamente a turma, e em um laboratório de idiomas não é possível que se trabalhe em dupla. Além disso, os fones de ouvido utilizados nesses laboratórios não possibilitam aos alunos se ouvirem enquanto interpretam e, portanto, se automonitorarem. (Pagura, 2010, p.24).

Essa afirmação de Pagura corrobora Seleskovitch e Lederer em seu livro sobre ensino de interpretação já exposto no capítulo 2. As autoras mencionam algumas questões lembradas por Pagura, como os fones de ouvido e a falta de monitoramento. Cabe dizer que atualmente os equipamentos utilizados em muitos laboratórios de idiomas permitem que os alunos trabalhem em duplas e se ouçam plenamente, de modo que a afirmação de Pagura e de Seleskovitch e Lederer deve ser relativizada.

As autoras também dizem que a organização da sala em laboratórios desse tipo, por permitir que o aluno veja somente professor, não o deixa perceber quem está ouvindo sua interpretação (Seleskovitch & Lederer, 1995, p.134-135). E nisso certamente concordo, pois os laboratórios que usamos hoje, por mais recursos que possuam, podem acabar restringindo as atividades feitas em classe. Resumindo o que acredita ser essencial para, o “ambiente” para formar intérpretes, Pagura declara:

Não é, pois, o número de cabines que faz a diferença em um curso de interpretação, servindo tal fato apenas como apelo comercial aos leigos. O que importa, de fato, é seu uso adequado, num processo de formação com a progressão que leve os alunos a desenvolverem as técnicas que os tornarão verdadeiros intérpretes de conferência (2010, p.24).

Um outro ponto destacado por Pagura é o de que somente candidatos com maturidade intelectual e comprovada competência linguística devem ser aceitos nos cursos. O autor cita Namy:

Não se trata de atribuir virtudes mágicas aos títulos universitários; vemos neles, simplesmente, a garantia de um mínimo de maturidade intelectual, de discernimento, de gosto pelos estudos. Buscamos os candidatos “de cabeça feita” [...] É preciso acrescentar que eles deverão se submeter a uma seleção rigorosa, especialmente no que concerne ao conhecimento de línguas passivas, que devem compreender e falar sem dificuldade (Namy, 1988 apud Pagura 2010, p.45)

Essa afirmação está relacionada a dois critérios das recomendações AIIC: o fato de que os cursos devem ser de pós-graduação e a importância dos testes de aptidão para o acesso aos cursos. A segunda questão é a recomendação de pelo menos um ou dois anos acadêmicos para a duração dos cursos. A terceira é o apoio à premissa de que os docentes precisam ser intérpretes. Como mencionado anteriormente, a AIIC recomenda que os professores sejam intérpretes atuantes no mercado e que se mantenham capacitados enquanto formadores através de cursos para formação de formadores.

Seleskovitch sustenta que a AIIC acertou em definir que os professores devam ser intérpretes de conferência, pois isso reflete o consenso entre os profissionais (Seleskovitch, 1999, p.59). “Entre intérpretes há um fortíssimo entendimento de que a formação deve ser responsabilidade de intérpretes em atividade” (p.59)³⁹. Para a autora,

³⁹ “Among interpreters there is an overwhelming agreement that training should be the sole responsibility of practicing interpreters.”

Os intérpretes sabem o que querem alcançar com o ensino e sabem como fazê-lo. Conseguem selecionar materiais bons para a formação, sabem como corrigir erros metodológicos e podem demonstrar através de seu próprio desempenho o modelo que os alunos devem seguir.⁴⁰ (Seleskovitch, 1999, p.60)

Sobre formação de formadores, Seleskovitch comenta que:

Formadores em potencial devem ser em primeiro lugar intérpretes altamente qualificados. Além do *know-how* devem ter o *know-why*, a capacidade de diagnosticar os porquês. Devem não somente perceber os erros e problemas de interpretação, mas também detectar os motivos desses erros e colocar os alunos no caminho certo.⁴¹ (Seleskovitch, 1999, p.65)

Essas duas afirmações confirmam que o “professor intérprete” não precisa necessariamente ser um profissional atuante no mercado e ainda assim ministrar aulas no curso. Pode ser um intérprete aposentado ou que decidiu dedicar-se exclusivamente à docência por um período. Entretanto, não seria recomendado ter um “professor intérprete” que possua formação em interpretação sem ter tido vivência ou experiência no mercado, pois isso invalidaria sua posição como alguém que pode modelar e demonstrar estratégias para os alunos.

Em seu artigo sobre a formação de intérpretes, Jennifer Mackintosh aborda o período de transição que a interpretação de conferências experimentou. Inicialmente a atividade era vista como uma ocupação que as pessoas “nasciam prontas” para exercer. Hoje é percebida pelas pessoas envolvidas com interpretação como uma profissão onde a formação é indispensável (Mackintosh, 1999, p.67). Ela fala, no texto, dos aspectos relacionados à importância de uma formação de qualidade e realizada em nível profissional.

Mackintosh faz menção a um simpósio da AIIC em 1965 em Paris, que teve como tema o ensino da interpretação de conferências. A discussão no evento se deu em torno do currículo dos cursos, testes de aptidão, combinação linguística e nível de habilidade linguística, conteúdo das disciplinas, metodologia de ensino, em que

⁴⁰ “interpreters know what their teaching is aiming to achieve and how to achieve it. They know how to select speeches for training, how to correct methodological errors and last but not least they are able to offer students their own performance as a model to be followed.”

⁴¹ “Prospective teachers should first of all be highly qualified interpreters. In addition to know-how, ‘know-why’ is required to be a good teacher. They should also be able not only to note mistakes and misinterpretations but also to detect the reasons of such errors and put their students on the right track.”

momento da formação iniciar o ensino da interpretação simultânea (Mackintosh, 1999, p.70). Mackintosh registra, assim como Pöchhacker, que a partir da década de 1970, estendendo-se até a de 1990, o foco da pesquisa nos Estudos da Interpretação mudou, e o que entrou em voga foram os modelos baseados na teoria de processamento da informação e na linguística. Mas já que muitos intérpretes e pesquisadores interessados nessas teorias estavam envolvidos com o ensino, elas começaram a influenciar o currículo de formação de intérpretes de conferência (Mackintosh, 1999, p.71).

A respeito do ensino da teoria de interpretação durante a formação, Mackintosh faz duas contribuições pertinentes. Hoje, em 2017, parece óbvio que os futuros intérpretes devam ser iniciados aos Estudos da Interpretação e que a teoria precisa fazer parte do currículo dos cursos, mesmo que não haja uma disciplina específica com esse nome. A autora esclarece que no início havia resistência ao ensino da teoria por parte dos formadores, por dois motivos: uns ainda acreditavam que os intérpretes nasciam intérpretes, portanto não haveria motivo para ensinar teoria da interpretação. Outros, por estarem tão envolvidos com o seu trabalho como intérpretes e como professores, tinham pouco tempo para estudar e não se interessavam por questões teóricas. Além disso, eles percebiam que, apesar de não haver um componente teórico presente na formação, seus alunos se formavam com um excelente desempenho em cabine (Mackintosh, 1999, p.73).

A outra contribuição de Mackintosh é que, apesar de não ser possível comprovar que o ensino de teoria de fato beneficie os futuros profissionais, pode-se concluir que à medida que forem adquirindo mais conhecimento a respeito de ferramentas teóricas que os ajudem a enfrentar momentos difíceis e mais consciência a respeito dos processos existentes na interpretação, os alunos terão um desempenho cada vez melhor (Mackintosh, 1999, p.74).

A primeira organização a oferecer oportunidades de formação para formadores de intérpretes de conferência de forma ampla foi a própria AIIC, através do seu Comitê de Formação e Atualização Profissional⁴², em janeiro de 1991 (Mackintosh, 1999, p.75):

⁴² Na época ainda chamado de *Training Committee* em inglês.

Foi o primeiro evento do tipo e ficou superlotado. Ficou evidente que muitos formadores de intérpretes sentiam necessidade de comparar suas experiências e práticas em sala de aula com outros formadores e de ouvir quais soluções foram encontradas [...] ⁴³

O workshop promovido pela AIIC alguns anos depois passou a ser chamado de *Training of Trainers* (ToTs), um seminário curto, com duração de 2 a 3 dias, onde se ensina um assunto específico pertinente à formação de formadores. Os ToTs são ministrados por intérpretes que são formadores, experientes no assunto que vão ensinar.

Até hoje só três organizações no mundo oferecem oportunidades de formação para formadores de intérpretes: a AIIC, a Faculdade de Tradução e Interpretação da Universidade de Genebra e a Divisão de Interpretação da Comissão Europeia (Vianna, no prelo, p.9). Dentre essas três, a única que oferece uma formação em período extenso é a Universidade de Genebra. O programa do mestrado em formação de formadores (Master of Advanced Studies in Interpreter Training) até 2016 era composto por três módulos online e um módulo com aulas presenciais em Genebra. Recentemente anunciaram uma reformulação do currículo prevista para setembro de 2017 ⁴⁴.

A Divisão de Interpretação da Comissão Europeia só forma instrutores para seus próprios cursos. Já a AIIC, apesar de não possuir um curso com período extenso para a formação de formadores, oferece seus ToTs em diversos países do mundo, multiplicando o conhecimento para formadores que sejam membros ou não da associação. Pela falta de oportunidades formais, a maior parte dos formadores tem que gerenciar sua própria formação. É preciso dedicar-se à leitura de livros e artigos, manter-se atualizado indo a congressos e conferências, interagir com outros docentes e buscar cursos avulsos. Os ToTs da AIIC são uma maneira de preencher essa lacuna que os formadores possuem em sua capacitação profissional com especialistas em diferentes áreas.

⁴³ “It was the first such event of its kind and was over-subscribed. It was evident that many interpreter trainers felt the need to compare their experience and classroom practice with others and to hear what solutions had been found [...]”

⁴⁴ <https://www.unige.ch/formcont/masinterpretertraining/> Acesso em 22 de ago de 2016.

A respeito da importância da formação profissional, formação de formadores e mais resultados de pesquisa, Mackintosh já apontava em 1999 o que ainda é extremamente necessário hoje em dia:

Para que a pedagogia de interpretação de conferências contribua de forma eficaz com a formação de intérpretes no século 21 não só terá que se concentrar mais na formação de formadores, mas também terá que fazer uso sistemático de resultados de pesquisa em diversas áreas como, por exemplo, as melhores estratégias para pares linguísticos específicos (especialmente línguas que possuam estruturas diferentes); a natureza e os efeitos da carga de processamento na compreensão e produção de discurso na interpretação simultânea; comparação entre trabalhar para a língua B e para a língua A; e, especificamente, a área de medição de desempenho, muito difícil e ainda muito pouco pesquisada.⁴⁵ (Mackintosh, 1999, p.77)

3.3.

A formação de intérpretes nos últimos 20 anos

O professor de interpretação Chuanyun Bao, do Middlebury Institute of International Studies, em um capítulo sobre o ensino de interpretação escrito em 2015, registra que, em 2005, havia no mundo 230 programas só para formação de intérpretes (Bao, 2015, p.400). Mira Kim já havia contado mais de 600 programas de formação de tradutores e intérpretes no mundo todo em 2013 (p.102). Comentando esses números de Kim, Bao salienta que essa mudança brusca, em apenas oito anos, mudou o cenário do ensino da interpretação (Bao, 2015, p.400).

De acordo com Bao, uma das questões que influenciou a mudança foi a profissionalização da formação, ou seja, a oferta de cursos de formação mais profissionais. Ele faz referência ao European Masters in Conference Interpreting (EMCI), um acordo feito em maio de 2001 para estabelecer um consórcio de 11 universidades na Europa que se utilizam das mesmas diretrizes para formar intérpretes. Atualmente os membros do EMCI estão na Bélgica, Eslovênia, Espanha, França, Hungria, Itália, Polônia, República Tcheca, Romênia, Suíça e Turquia. O consórcio

⁴⁵ “If CI pedagogy is to contribute effectively to training interpreters for the 21st century, not only will it have to focus much more closely on training the trainers but will also have to learn to make systematic use of research findings into areas as diverse as the strategies best suited to given language pairs (especially structurally distant languages); the nature and effects of the processing load incurred in speech comprehension and production in simultaneous interpretation; working into a B language as against an A language and, in particular, the difficult and seriously under-researched area of performance measurement.”

trabalha em colaboração com a divisão de interpretação da Comissão Europeia e do Parlamento Europeu.

O importante no EMCI é que, apesar das instituições possuírem certa autonomia para terem seus próprios currículos, há diretrizes básicas relacionadas ao currículo acadêmico e ao processo de admissão e avaliação final que precisam ser cumpridas. Em relação ao currículo acadêmico, as instituições participantes concordam a respeito da necessidade de ensinar teoria da interpretação, a prática da interpretação (contendo disciplinas que auxiliem nessa área como oratória e comunicação, técnicas de preparação para conferências etc) e interpretação consecutiva e simultânea.

Em relação ao processo de admissão, deve haver um teste de aptidão e uma prova de conhecimentos gerais. A avaliação final deve ser realizada com banca, composta por intérpretes profissionais, formadores de intérpretes, um avaliador externo e um representante das instituições europeias. O certificado do EMCI só é concedido ao aluno se ele passar em todos os exames na combinação linguística desejada.

Essas diretrizes estabelecidas garantem consistência a respeito do tipo de formação oferecida pelas instituições (Bao, 2015, p.401). O site do EMCI revela que “os membros do Consórcio têm como objetivo contribuir com a disseminação de boas práticas na Europa”.⁴⁶ Algumas das universidades membro do EMCI também fazem parte da CIUTI, Conférence Internationale Permanente d’Instituts Universitaires de Traducteurs et Interprètes (Conferência Internacional Permanente de Institutos e Universidades de Tradução e Interpretação).

Franz Pöchhacker, em seu livro *Introducing Interpreting Studies*, define a CIUTI, formada no início da década de 1960, como sendo um grupo seletivo formado por instituições formadoras de tradutores e intérpretes que desejavam observar os critérios descritos na *school policy* da AIIC, principalmente a defesa de que os cursos de formação de intérpretes deveriam ser ministrados por intérpretes de conferência que estivessem

⁴⁶ “the participants aim to contribute to spreading good practice across Europe.”

trabalhando no mercado (Pöchhacker, 2004, p.30-31). Atualmente a CIUTI é formada por 45 universidades em 19 países (Bao, 2015, p.404).

A função das duas instituições (CIUTI e EMCI) é distinta. A proposta da CIUTI é de associar instituições que ofereçam programas de mestrado em Tradução e Interpretação, promovendo melhores práticas nas áreas de formação e pesquisa, aumentando também a probabilidade de contratação de seus formandos.⁴⁷ A Conferência coopera com a formação para formadores das instituições membro, realiza fóruns anuais e concede um prêmio à melhor dissertação de mestrado defendida em uma das universidades associadas. A CIUTI também mantém contato direto com diversos empregadores de serviços de tradução e interpretação.

O EMCI, por sua vez, é um programa de mestrado praticamente conjunto, utilizando o mesmo certificado, oferecido por onze instituições diferentes. Os membros aceitam submeter sua grade curricular aos critérios estipulados pelo EMCI, conforme discriminado acima. Mesmo se tratando de propostas diferentes, o objetivo de citar o EMCI e o CIUTI é de demonstrar como essas iniciativas conjuntas têm como objetivo profissionalizar a formação de intérpretes, compartilhando as melhores práticas e aproximando as instituições que oferecem formação de qualidade na área.

Essas iniciativas de oferecer formação conjunta se tornaram exemplo para outros cursos de formação ao redor do mundo e revelam um nível mais alto de profissionalização da formação. Como leremos no próximo capítulo, aqui no Brasil, apesar de termos um cenário diversificado, já estamos formando intérpretes há 48 anos, e aparentemente, a profissionalização se intensificou nos últimos 18 anos, fato percebido por vermos pelo menos nove cursos de formação fundados durante o período.

Nos anos mais recentes vemos o despontar do uso das redes sociais, sites e blogs no contexto da interpretação de conferência. Dois dos mais conhecidos, *A word in your year*⁴⁸ e *The interpreter diaries*⁴⁹, são de formadores de intérpretes. *A word in your year* é gerenciado por Lourdes de Rioja, formadora de intérpretes na Universidade de La

⁴⁷ <http://www.ciuti.org/about-us/questions-answers/> Acesso em mar 22 de 2016.

⁴⁸ <https://lourdesderioja.com/> Acesso em 14 mar. 2017.

⁴⁹ <https://theinterpreterdiaries.com/> Acesso em 14 mar. 2017.

Laguna (Espanha). Em seu blog ela publica vídeos nos quais convida colegas para tratarem de diferentes assuntos, escreve textos sobre tópicos relevantes (entonação na interpretação, dicas para uso de tecnologia etc).

O blog *The interpreter diaries* é gerenciado por Michelle Hof, também professora de La Laguna e do Glendon College (Canadá). O conteúdo é predominantemente de textos que contêm dicas, confissões do mundo da interpretação e divulgação de cursos ou oportunidades para formadores.

Além dos blogs temos as interações por grupos no Facebook. No Brasil há dois grupos de intérpretes profissionais. O mais antigo, Intérpretes de Conferência, já conseguiu cadastrar 768 membros⁵⁰. Um mais recente, fundado em 2015, Intérpretes de Conferência Profissionais, possui 107 membros⁵¹. Além desses dois grupos há também um chamado Intérpretes de Conferência Iniciantes (com 967 membros⁵²), que conta com estudantes e egressos recentes de cursos de interpretação. Toda essa interação tem certamente tornado as informações sobre a profissão mais acessíveis e aproximado os colegas. As interações são das mais diversas: dúvidas, textos sobre o reconhecimento da profissão e dos profissionais, *posts* sobre situações de trabalho e problemas com clientes, divulgação de eventos etc.

Aqui no Brasil, desde 2010, estamos vivendo um novo momento, com um interesse renovado em pesquisas, motivadas pelo desejo de conhecer mais os cenários de intérpretes no país e também com a publicação das monografias dos cursos de formação de intérpretes em nível de pós-graduação. Branca Vianna afirma:

Reynaldo Pagura inaugura, em 2010, com sua tese sobre a história da interpretação no Brasil (Pagura, 2010), uma nova era em que intérpretes profissionais e estudantes começam a criar um banco de teses, dissertações, monografias, trabalhos de conclusão de cursos e apresentações em congressos. Empregando os recursos oferecidos pela mídia social e questionários on-line, começamos a descobrir quantos somos, quanto ganhamos, onde estamos, o que pensamos de nós mesmos, que idade temos, qual é a nossa formação, interesses, idiomas de trabalho. Esses dados, por enquanto soltos e coletados, em alguns casos, sem muito rigor acadêmico, começam a criar um princípio de identidade profissional, em torno da qual o grupo se torna potencialmente mais coeso e mais forte. (no prelo, p.3)

⁵⁰ <https://www.facebook.com/groups/interpretesdeconferencia/> Acesso em 21 dez de 2016.

⁵¹ <https://www.facebook.com/groups/1422171661441356/> Acesso em 21 dez de 2016.

⁵² <https://www.facebook.com/groups/interpretesiniciantes/> Acesso em 21 dez de 2016.

Neste capítulo foi apresentado um breve apanhado da história da formação de intérpretes ao redor do mundo e no Brasil. No próximo, serão vistos os aspectos metodológicos que embasaram este trabalho e a descrição da pesquisa que foi realizada para mapear o cenário da formação de intérpretes no Brasil.

4

Metodologia

Neste capítulo será reiterado e justificado o objetivo da pesquisa, bem como seu posicionamento epistemológico, sua natureza e os procedimentos de apresentação e análise dos dados.

4.1.

Objetivo da Pesquisa

A pesquisa qualitativa é uma atividade situada que localiza o observador no mundo. Consiste em um conjunto de práticas materiais e interpretativas que dão visibilidade ao mundo. Essas práticas transformam o mundo em uma série de representações, incluindo as notas de campo, as entrevistas, as conversas, as fotografias, as gravações e os lembretes. Nesse nível, a pesquisa qualitativa envolve uma abordagem naturalista, interpretativa, para o mundo, o que significa que seus pesquisadores estudam as coisas em seus cenários naturais, tentando entender, ou interpretar, os fenômenos em termos dos significados que as pessoas a eles conferem. (Denzin & Lincoln, 2006, p.17)

A partir desse trecho do capítulo de Introdução ao livro *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*, podemos perceber que há diversas formas de realizar a pesquisa qualitativa e que o conceito é bem abrangente. Esse “conjunto de práticas materiais e interpretativas que dão visibilidade ao mundo” pode ser pensado como uma maneira de apresentar áreas da sociedade, proporcionar visibilidade a uma área não muito conhecida, um universo particular que ainda esteja escondido para muitos.

De uma certa maneira me vejo realizando esta tarefa com minha pesquisa. Sou intérprete de conferência há oito anos e há cinco venho me dedicando à formação de intérpretes na PUC-Rio. Tem sido uma experiência prazerosa compartilhar experiências com os alunos e vê-los trilhar seus próprios caminhos como profissionais.

O objetivo desta pesquisa, como já apresentado, é mapear o cenário diverso de formação de intérpretes de conferência de línguas orais-auditivas e em segundo lugar

comparar o currículo e as práticas destes cursos com as melhores práticas de formação de intérpretes recomendadas pela Associação Internacional de Intérpretes de Conferência (AIIC).

A interpretação de conferência como atividade profissional já é pouco conhecida. A formação de intérpretes menos ainda. Esta pesquisa se encaixa nesse esforço destacado por Denzin e Lincoln de, através da pesquisa, “dar visibilidade” a esse mundo particular da interpretação de conferência.

4.2.

Posicionamento epistemológico

Longe de impossibilitar a pesquisa científica, que continua associada a noções como “evidências factuais” e “objetividade”, a perspectiva relativista da realidade e do conhecimento permite que o pesquisador se dedique a desenvolver *insights* que valorizem o exame intersubjetivo enquanto realiza uma reflexão contínua a respeito do aspecto humano inerente à pesquisa científica. Isso torna a objetividade um esforço social, informado por nossa própria subjetividade (Babbie, 1999, p.36). Daí vem a necessidade de os pesquisadores explicitarem a perspectiva teórica e conceitual, assim como as escolhas metodológicas. (Pöchhacker, 2004, p.61)⁵³

Em seu livro *Introducing Interpreting Studies*, Franz Pöchhacker fala da importância do pesquisador afirmar seu ponto de partida epistemológico antes de iniciar sua pesquisa. Assumimos portanto, como ponto de partida, a posição hermenêutico filosófica a partir da qual não se pode compreender a ideia de um observador neutro, que se separa de quem é para conseguir interpretar. Na verdade, é do lugar onde o analista está posicionado que será possível realizar a pesquisa. Schwandt, citando Fay e Outhwaite, afirma que, “para que uma determinada ação social seja entendida (p.ex., amizade, eleição, casamento, ensino), o investigador deve compreender o significado que constitui esta ação” (Schwandt, 2006, p.197).

⁵³ “Far from precluding the possibility of scientific research, which continues to be associated with notions like “factual evidence” and ‘objectivity’, the relativistic view of reality and knowledge enables the researcher to strive for insights which hold up to the intersubjective examination while continuously reflecting on the inescapable humanness of scientific inquiry. This makes objectivity a social endeavor, informed by our individual subjectivity (see Babbie 1999:36). Hence the need for researchers to make explicit their theoretical perspective and conceptual as well as methodological choices.”

A compreensão, nesse paradigma, é construída num processo dialógico. A hermenêutica filosófica parte do pressuposto de que o “significado é negociado mutuamente no ato da interpretação; não é simplesmente descoberto” (Schwandt, 2006, p.199). Dessa maneira, a pesquisa se fundamentará nessa empreitada de compreender. Para a hermenêutica filosófica, compreender é interpretar.

4.3.

Natureza da pesquisa

A pergunta motivadora da pesquisa foi “Como acontece a formação de intérpretes no Brasil? ” É, portanto, uma pesquisa descritiva com a intenção de mapear e detalhar a situação da formação de intérpretes de conferência no Brasil. Analisando as possibilidades de instrumentos para coleta avaliamos que o mais indicado seria um questionário para obtenção de dados de natureza quantitativa e qualitativa.

4.4.

Procedimentos e descrição de pesquisa

Primeiramente foi realizado um levantamento em motor de busca na internet (*Google*) com os vocábulos “formação de intérpretes”, “Cursos de intérpretes”, “Formação de intérpretes de conferência”, “tradutor e intérprete”, “graduação em tradução e interpretação”, “Tradução e interpretação” para saber da existência de cursos de formação de intérpretes existentes no Brasil. A partir desse levantamento inicial foi produzida uma lista de vinte cursos. Foram considerados cursos de qualificação acadêmica distinta: cursos livres, de graduação, sequenciais e de Especialização *lato sensu*, independentemente da carga horária total carga horária total de cada um.

Seguem os nomes das instituições da lista: UNASP, Unilago – União das Faculdades dos Grandes Lagos, Universidade Católica de Santos, PUC-SP, FMU, São Judas Universidade, Universidade de Franca, Universidade Metodista de São Paulo, Anhanguera (antigo Unibero), Uninove, Faculdade FIBRA (que possui dois programas distintos para formação de intérpretes – uma pós-graduação e um curso de graduação),

Associação Alumni, Brasillis, Easy Translations, Infoland, Versão Brasileira, Estácio de Sá RJ e SP, PUC-Rio e Interpret2b.

Em paralelo à composição da lista de cursos foi realizado o processo de redação do questionário. Além da orientadora do trabalho, três professores de interpretação, um americano e três brasileiros, foram consultados para contribuírem com a redação e organização das perguntas, além de realizar os pré-testes de preenchimento. A partir de suas sugestões, o questionário foi sendo alterado até chegar ao seu formato definitivo, que pode ser encontrado no Anexo 1. Para hospedar o questionário online utilizamos uma plataforma chamada *Survey Monkey*, um website que permite criar formulários baseados na internet e facilita o envio de dados por parte do respondente. Também foi oferecida uma versão do questionário em Word, enviada em anexo por email.

Uma vez concluída a redação e validação do questionário, ele foi enviado para aprovação do Comitê de Ética, juntamente com o termo de consentimento informado a ser assinado pelas instituições participantes. Após a aprovação do termo e a solicitação para que fosse incluído um segundo termo por parte do Comitê de Ética, a pesquisa foi aprovada. A partir da lista inicial de instituições e conclusão dos pré-testes com o questionário, foi enviado por email para os coordenadores dos cursos um link para o questionário online, juntamente com os dois termos de consentimento informado para a participação na pesquisa, para serem assinados, respectivamente, pelas instituições participantes e por seus representantes.

Por meio do questionário, foram coletados dados relacionados às atividades realizadas pelo curso: pré-requisitos e admissão de alunos; objetivos de ensino e resultados esperados⁵⁴; carga horária; disciplinas oferecidas; composição do corpo docente; avaliação final; e iniciativas para propiciar aos aprendizes conhecimento sobre o mercado de trabalho. As perguntas feitas no questionário estão diretamente relacionadas às recomendações da AIIC para a formação de intérpretes. As respostas ao questionários dos 11 participantes podem ser encontradas no Anexo II.

⁵⁴ Os objetivos do curso estão relacionados à proposta do curso e ao que se deseja ensinar. Os resultados esperados descrevem o que os alunos devem ter aprendido ao final do curso. Nas seções 5.2.1. e 5.2.2. os dois itens serão melhor explicados.

4.5.

Procedimentos de análise

Após a chegada de todas as respostas de participantes o primeiro passo foi extrair os dados do Survey Monkey. A seguir foi realizada a separação dos dados de acordo com as perguntas. Em um segundo momento procurou-se verificar, a partir das respostas, em que medida os participantes atendem às melhores práticas recomendadas pela AIIC. Esses resultados serão apresentados no capítulo 5, juntamente com os perfis dos cursos que participaram da pesquisa e a análise dos dados.

5

A formação de intérpretes no Brasil: perfis dos cursos

Neste capítulo serão apresentados e analisados os dados da pesquisa com os cursos de interpretação do Brasil. Dos vinte cursos listados no capítulo anterior, onze aceitaram participar da pesquisa: Associação Alumni, Brasillis, Estácio de Sá, Faculdade Fibra (cursos de graduação e pós-graduação), Interpret2b, PUC-Rio, PUC-SP, UMESP, UNASP e Versão Brasileira.

Como já mencionado amplamente ao longo da dissertação, os participantes são de níveis acadêmicos variados, com cargas horárias distintas, em formatos heterogêneos (modular, ano letivo regular, presencial, online) e com abrangência diferente (alguns são voltados exclusivamente para a formação de tradutores, outros se propõem a formar tradutores-intérpretes).

O objetivo deste capítulo é conseguir descrever melhor a situação da formação no Brasil através de uma breve síntese das informações e apresentar um perfil para cada curso, redigido a partir dos dados recebidos nos questionários. Também serão apontados os quesitos nos quais os participantes da pesquisa atendem às recomendações da AIIC.

Quero destacar que, entre os cursos que participaram, dois estão na mesma instituição, a Faculdade Fibra de Belém. Foi feito um perfil para cada um por serem de nível acadêmico distinto e dirigidos por coordenadores diferentes. Também desejo esclarecer que, nos perfis dos cursos que se propõem a formar tradutores e intérpretes, não será apresentada a lista total das disciplinas da grade, apenas daquelas voltadas para a interpretação.

5.1. Cursos de interpretação

Nesta seção apresento os cursos que responderam à pesquisa, agregando informações extraídas das respostas aos questionários⁵⁵ a outras obtidas por meio de material de divulgação disponível para consulta. Os perfis dos cursos serão apresentados

⁵⁵ Os trechos entre aspas são citações diretas extraídas das respostas aos questionários. Os mesmos estão disponíveis para consulta no Anexo II.

em ordem alfabética. Como já mencionado no capítulo de metodologia, foi solicitado que os questionários fossem respondidos pelos coordenadores dos cursos ou por algum professor indicado pelos mesmos.

5.1.1. Alumni

O curso de intérpretes da Associação Alumni (São Paulo, SP) foi o segundo a ser fundado no Brasil, em 1971. Com carga horária total de 172 horas, oferece a combinação português-inglês e, dependendo da disponibilidade dos alunos, tem a possibilidade de ministrar aulas em qualquer turno (manhã, tarde ou noite).

Eles exigem que os professores sejam intérpretes atuantes e tenham formação como tradutores ou intérpretes, com experiência comprovada nas áreas acadêmica e profissional. Os períodos de início das aulas são março e agosto, e o curso abre mais de duas turmas por ano. A média por turma é de 10 a 15 alunos. A idade mínima para ingressar é 21 anos; além disso, o candidato deve ter pleno domínio dos idiomas de trabalho e ser aprovado no processo seletivo. Esse processo é composto de entrevistas em inglês e em português, tradução e versão de textos e uma prova de múltipla escolha. Importante destacar que o curso da Associação Alumni é um curso de tradução e interpretação, então a intenção durante o processo seletivo é selecionar candidatos para trabalhar também no campo da tradução.

O curso Alumni é o único dos cursos de tradução e interpretação participantes que é no formato chamado “Y”. Isso significa que os alunos estudam um currículo comum durante três semestres, deixando apenas para o último semestre a especialização entre tradução ou interpretação. A opção por uma das especializações não é necessariamente feita pelo aluno: “os alunos são encaminhados conforme sua inclinação e capacidade”. Em alguns casos é possível cursar as duas especializações simultaneamente. A grade curricular é dividida por bimestres e contempla 17 disciplinas no total, todas elas concentradas nas habilidades técnicas necessárias para a tradução e interpretação. Segue a grade curricular, incluindo somente as disciplinas voltadas para a interpretação:

Disciplinas – Alumni	
<p>Nível 1 1º bimestre Exercícios Orais</p> <p>Nível 2 1º bimestre: Iniciação a Interpretação Consecutiva</p> <p>2º bimestre: Interpretação Intermitente e Consecutiva</p>	<p>Nível 3 1º bimestre Interpretação Simultânea Interpretação Consecutiva</p> <p>2º bimestre: Interpretação Consecutiva Interpretação Simultânea Português/Inglês</p> <p>Nível 4: Especialização em interpretação 1º bimestre Interpretação Simultânea Inglês/Português</p> <p>2º bimestre Interpretação Simultânea Português/Inglês</p>

Em relação aos resultados esperados, o curso da Alumni propõe-se a formar “alunos bem-sucedidos que ocupem posição de destaque no mercado de tradução e interpretação (nacional e internacional)”. O curso promove estágios para os alunos através de parcerias com ONGs ou patrocinando eventos. As informações sobre o mercado são transmitidas através de palestras dadas por profissionais. A avaliação final é feita através de teste de interpretação com banca.

5.1.2. Brasillis

O curso Brasillis (Rio de Janeiro, RJ) foi fundado em 2000 com o objetivo de capacitar os alunos para a carreira de intérprete de conferência. Com carga horária de 204 horas, abre duas turmas a cada semestre e recebe de cinco a dez alunos por turma. As aulas podem ser em qualquer turno, dependendo da disponibilidade dos alunos. Há também a possibilidade de cursar o Brasillis online, com o mesmo currículo presencial; nesse caso, as aulas são à noite, uma vez na semana. Os candidatos devem ter no mínimo

18 anos e pleno domínio dos idiomas português e inglês. É desejável que tenham tido vivência no exterior.

Assim como outros três participantes da pesquisa, o Brasillis realiza entrevistas em inglês e em português com seus candidatos. O processo seletivo inclui, ainda, uma redação em cada um dos idiomas, bem como uma prova de interpretação simultânea.

A integração ao corpo docente se dá mediante convite, sendo exigidos nível superior e formação como intérprete de conferências. Em relação à combinação linguística dos professores, “quando não há professores nativos do inglês, convidamos intérpretes ‘quase nativos’ do inglês”. Os professores são intérpretes atuantes.

Em comparação com os demais, o Brasillis possui mais disciplinas, seis bem curtas, com duração de 1h e 30 min, e três disciplinas de menos de 6h (duas de 3h e uma de 6h). Talvez o conteúdo dessas nove disciplinas seja diluído, nos outros cursos, no âmbito das disciplinas existentes; a composição da grade e distribuição dos conteúdos fica, naturalmente, a critério de cada curso. A respeito de ter ou não um componente teórico específico que exponha os alunos aos Estudos da Interpretação, a resposta foi que “há disciplinas específicas de Estudos da Interpretação (citadas acima) na quais são apresentados textos relevantes e respectiva bibliografia.”

Segue a grade curricular:

Disciplinas – Brasillis	
1) Introdução à Interpretação de Conferência - 1h30min	10) Prática da Interpretação Simultânea (presencial):
2) Pesquisa e Elaboração de Glossários - 1h30min	(a) Prática no laboratório – ciclo iniciante, 30h
3) Técnicas e Ferramentas de Interpretação - 3h	(b) Prática no laboratório – ciclo intermediário, 30h
4) Estudo de Casos e Exercícios da parte Teórica - 3h	(c) Prática no laboratório – ciclo avançado, 30h
5) Português e Inglês para Intérpretes - 6h	(d) Prática em cabine – Simultânea Simulada, 30h
6) Dinâmica de Equipe, Ética e Comportamento - 1h30min	11) Prática da Interpretação Simultânea (on-line):
7) Oratória e Uso da Voz (aula com fonoaudióloga) - 15h	(a) Prática em cabine virtual – ciclo iniciante, 8h

8). Relaxamento e Concentração - 1h30min	(b) Prática em cabine virtual – ciclo intermediário, 8h
9)Teoria e Prática da Interpretação Consecutiva e Apresentações Individuais com Glossários - 24h	(c) Prática em cabine virtual – ciclo avançado, 8h
	12) Empreendedorismo para Intérpretes - 1h30min
	13) O Mercado de Interpretação -1h30min

Em relação aos resultados esperados, o curso Brasillis almeja preparar os alunos para o mercado. Há a possibilidade de estágios para os alunos, mas não é frequente. Um ponto inovador é que o Brasillis possui um grupo fechado no Facebook para continuar a expor os egressos às oportunidades do mercado de interpretação. A avaliação final é um teste de interpretação com banca de professores.

5.1.3. Estácio de Sá

A Universidade Estácio de Sá passou a oferecer o curso de Especialização *lato sensu* em 2013, o único a funcionar em dois estados ao mesmo tempo – Rio de Janeiro e São Paulo – com o mesmo currículo. Com carga horária total de 360 horas (o mínimo exigido de Especializações) seu objetivo é “formar intérpretes capacitados para atuar com excelência no mercado de trabalho, tanto na modalidade consecutiva quanto na simultânea”.

Os professores são convidados a integrar o corpo docente, e é necessário que possuam pelo menos uma Especialização para ingressarem na equipe. Em relação à combinação linguística do curso, todos os professores são nativos dos idiomas que ensinam (espanhol, português e inglês). Como são intérpretes, os professores possuem a combinação linguística do curso que ministram, por exemplo: os que ensinam português-espanhol possuem os dois idiomas em sua combinação.

O curso abre duas turmas por ano (uma em São Paulo e outra no Rio de Janeiro), de acordo com a necessidade, e as aulas acontecem em dois sábados por mês, de 8 às 17h. As turmas costumam se formar com de um a cinco alunos (português-espanhol) e cinco a dez alunos (português-inglês).

Para serem aprovados no processo seletivo os candidatos precisam ser graduados em qualquer área do conhecimento; demonstrar domínio da língua materna e de outras línguas com as quais trabalharão; possuir “correção gramatical, léxico variado, adequação de registro”; apresentar curiosidade e interesse por temas da atualidade e passar no teste de aptidão realizado para verificar habilidades de “memória, capacidade de análise (escolha de ideias importantes) e de síntese. ”

O curso oferece disciplinas introdutórias e também de prática das modalidades. Segue a grade curricular:

Disciplinas - Estácio de Sá
Introdução à interpretação - 20h
Oratória e preparação da voz - 20h
Interpretação consecutiva I - 40h
Interpretação consecutiva II - 40h
Interpretação simultânea I - 60h
Interpretação simultânea II - 70h
Versão oral - 60h
Coordenação de eventos - 20h
Metodologia de pesquisa - 30h

Para informar os alunos a respeito do mercado de trabalho o curso agenda palestras com profissionais da área. Quanto ao programa de estágios, não está prevista essa possibilidade. Desejo destacar a disciplina Coordenação de eventos, que “mostra quais podem ser as partes integrantes em um evento que precisa de interpretação e como o intérprete pode se tornar coordenador.” Retomando o conceito de currículo oficial e oculto, em um mercado como o da interpretação de conferências, onde todos os profissionais são autônomos, uma disciplina que informe sobre esses assuntos transmite aos alunos a seriedade da questão e é um diferencial.

A avaliação final do curso é feita através de TCC, que deve ser defendido oralmente no último dia de aula. Nas disciplinas de interpretação, os alunos são avaliados por seu desempenho.

5.1.4. Fibra graduação

O curso Bacharel em Tradução e Interpretação em Português/Inglês da Faculdade Fibra (Belém, PA) foi fundado em 2012. Essa graduação em Letras tem uma carga horária total de 3.640 horas. O curso abre até duas turmas por ano com uma média de 25 a 30 alunos. A seleção é feita mediante vestibular. A combinação linguística oferecida, como o nome do curso deixa claro, é português-ínglês.

O corpo docente é selecionado por convite e é necessário ter no mínimo Especialização (pós-graduação *lato sensu*) e experiência na área. Os professores são nativos de português, mas não de inglês, e todos atuam no mercado de interpretação.

Na graduação da Faculdade Fibra não há nenhuma disciplina exclusiva de interpretação, apenas quatro disciplinas compartilhadas com a área de tradução e interpretação, totalizando 320h do currículo. A respeito do componente teórico o curso respondeu que as “disciplinas mesclam a teoria com a técnica”. Segue a grade curricular:

Disciplinas – Fibra graduação
Teoria e Técnica de Tradução e da Interpretação I – 80h
Teoria e Técnica da Tradução e da Interpretação II – 80h
Tradução e Interpretação de Textos Inglês/Português I – 80h
Tradução e Interpretação de Textos Inglês/Português II – 80h

O currículo prevê quatro disciplinas obrigatórias de estágio supervisionado, cada uma com carga horária de 100h. O estágio conta com plano de atuação elaborado pelo coordenador, professores e discentes. O responsável pelas respostas ao questionário não entrou em detalhes para explicar em que circunstâncias de evento de interpretação ocorreriam estágios, nem quantas dessas 400 horas são destinadas à interpretação e quantas à tradução.

Para informar os alunos sobre o mercado são oferecidas palestras com profissionais atuantes, e a avaliação final é feita por meio de TCC.

5.1.5. Fibra Pós-graduação

A Pós-graduação Tradutor-Intérprete (Inglês & Português) da Faculdade Fibra em Belém (PA) foi fundada em 2010. É a única das pós-graduações *lato sensu* (Especialização) participantes da pesquisa que se propõe a ensinar tanto tradução quanto interpretação; os outros cursos de dupla habilitação são no nível da graduação ou cursos livres. Com uma carga horária de 420 horas compartilhadas com Tradução, o programa tem como objetivo formar alunos bilíngues “por meio de uma abordagem teórica e prática, atualizada e dinâmica” para exercerem as profissões de tradutor e intérprete em diferentes áreas.

Como já presente no título, a combinação linguística do curso é português-inglês. As aulas ocorrem em dois finais de semana por mês, com aulas pela manhã e à tarde. O curso abre apenas uma turma por ano, com 10 a 15 alunos. O corpo docente é formado por intérpretes atuantes, nativos de português, porém com a combinação linguística inglês-português.

Para serem selecionados, os candidatos precisam ter um curso de graduação em qualquer área do saber e “ter conhecimento [de] nível intermediário em língua inglesa”. No processo seletivo, o curso considera importante que o candidato tenha alguma experiência profissional. Isso poderia indicar que a formação não é para iniciantes, e sim para profissionais já atuantes. Portanto, um ponto para questionamento seria conhecer melhor o público-alvo – seria um curso de formação de intérpretes ou uma formação para que profissionais da área aprimorem suas habilidades? Sobre o corpo docente, a Fibra pós-graduação respondeu exigir que seus professores tenham mestrado e sejam intérpretes atuantes no mercado de interpretação.

Das 13 disciplinas da grade curricular (cada uma com carga horária de 30h), duas são de interpretação, seis de tradução escrita, uma de comunicação, duas de linguística e duas de pesquisa. A respeito do componente teórico, o representante do curso respondeu que são dedicadas “10h para conteúdos teóricos na primeira disciplina do curso”. Segue a grade apenas para as disciplinas de interpretação (as demais podem ser vistas na resposta da instituição ao questionário):

Disciplinas - Fibra pós-graduação
Técnicas de Interpretação – 30h
Prática de Interpretação Avançada – 30h

Em relação aos resultados esperados, o curso deseja “tornar o intérprete e o tradutor preparados para o crescente mercado de trabalho no Norte do país e em outras regiões”. O curso não tem programa de estágios e informa os alunos a respeito do mercado de trabalho através de e-mails com oferta de trabalho e vagas em empresas, ou divulgando palestras na área. A avaliação final ocorre por meio de TCC.

5.1.6. Interpret2b

A Interpret2b é uma escola online de formação de intérpretes fundada no ano 2016. O objetivo do curso é formar intérpretes de conferências em/para outros contextos (incluindo a interpretação comunitária), tanto por meio de um curso regular para iniciantes quanto através de formação continuada, com cursos para profissionais que desejem aprimorar apenas algumas habilidades específicas.

Os pares linguísticos de trabalho são português-inglês e português-espanhol. No curso regular, cuja carga horária é de 280 horas, são oferecidas aulas à noite, duas vezes por semana. No curso personalizado os alunos fazem as disciplinas de acordo com a sua disponibilidade. As primeiras duas turmas tiveram oito alunos (inglês) e dois alunos (espanhol). A proposta é abrir pelo menos uma turma por ano por par de idiomas. Além de aprovação no processo seletivo, os candidatos devem ter “domínio excelente de pelo menos duas línguas de trabalho”.

Os professores do curso Interpret2b são todos intérpretes atuantes, e a sua incorporação ao curso é feita por meio de convite. Não há exigência de formação acadêmica mínima, mas a maioria das professoras atuais possui título de mestre com pesquisa desenvolvida nos Estudos da Interpretação. De modo geral, o corpo docente é formado por falantes nativos dos três idiomas de trabalho, sendo que as aulas voltadas para questões linguísticas são ministradas por professores nativos do idioma usado naquela aula.

O currículo é composto de disciplinas introdutórias e instrumentais, e depois em módulos de prática nos níveis básico, intermediário e avançado. Esses módulos são seguidos de uma especialização que deve ser cursada pelos alunos em uma das duas áreas: interpretação médica ou interpretação jurídica. O componente teórico é dado no primeiro módulo, nas aulas do tópico “Conceitos básicos”. Nas disciplinas introdutórias às modalidades simultânea e consecutiva também são abordados assuntos dos Estudos da Interpretação, como as “técnicas sugeridas pelos principais teóricos da área”. Segue a grade curricular:

Disciplinas - Interpret2b
<p>Ano 1</p> <p>Módulo 1: Universo da Interpretação</p> <ul style="list-style-type: none"> <input type="checkbox"/> Contextos e modos <input type="checkbox"/> O desenvolvimento da interpretação no Brasil <input type="checkbox"/> Conceitos básicos <input type="checkbox"/> Práticas profissionais e instituições <input type="checkbox"/> Oratória e preparação da voz <input type="checkbox"/> Técnicas de concentração e relaxamento I <input type="checkbox"/> Práticas iniciais de escuta ativa e interpretação consecutiva <p>Módulo 2: Técnicas iniciais</p> <ul style="list-style-type: none"> <input type="checkbox"/> Interpretação consecutiva sem notas <input type="checkbox"/> Workshop de Consecutiva <input type="checkbox"/> Interpretação Consecutiva com Notas <input type="checkbox"/> Introdução à Interpretação Simultânea <input type="checkbox"/> Técnicas de concentração e relaxamento II <p>Módulo 3: Introdução à interpretação simultânea</p> <ul style="list-style-type: none"> <input type="checkbox"/> Interpretação Simultânea I (A>B) <input type="checkbox"/> Interpretação Simultânea I (B>A) <input type="checkbox"/> Interpretação Consecutiva I (A>B) <input type="checkbox"/> Interpretação Consecutiva I (B>A) <p>Ano 2*</p> <p>Módulo 4: Prática de Interpretação Simultânea e Consecutiva - Nível básico</p> <ul style="list-style-type: none"> <input type="checkbox"/> Tópicos sobre interpretação: Interpretação Remota <input type="checkbox"/> Interpretação Simultânea II (A>B)

- Interpretação Simultânea II (B>A)
- Interpretação Consecutiva II (A>B)
- Interpretação Consecutiva II (B>A)

Módulo 5: Prática de Interpretação Simultânea e Consecutiva - Nível intermediário

- Tópicos sobre interpretação: O Mercado de Interpretação
- Interpretação Simultânea II (A>B)
- Interpretação Simultânea II (B>A)
- Interpretação Consecutiva II (A>B)
- Interpretação Consecutiva II (B>A)

Módulo 6: Prática de Interpretação Simultânea e Consecutiva - Nível avançado

- Tópicos sobre interpretação: Tema bônus a ser escolhido pela turma
- Interpretação Simultânea II (A>B)
- Interpretação Simultânea II (B>A)
- Interpretação Consecutiva II (A>B)
- Interpretação Consecutiva II (B>A)

*Especializações:

Interpretação na Área da Saúde

Interpretação na Área Jurídica

O curso, em sua resposta, foi bem específico quanto aos resultados esperados a partir do currículo ensinado: no primeiro ano os alunos devem ter conhecimento das técnicas de interpretação consecutiva e simultânea, e no segundo ano devem conseguir:

Fazer uma interpretação consecutiva de até cinco minutos sem interrupção, de material de nível intermediário (velocidade e conteúdo). Em relação à simultânea, esperamos que sejam capazes de fazer uma interpretação simultânea de velocidade e conteúdo intermediário a avançado, com desempenho satisfatório para um evento real.

A Interpret2b informa os alunos a respeito do mercado de trabalho na primeira aula de cada módulo e, além disso, costuma convidar representantes das associações profissionais (AIIC e APIC) para dar palestras. Sobre estágios, o curso firmou parcerias com instituições sem fins lucrativos, que estão aguardando os alunos chegarem “no nível mínimo recomendado para estágio” para recebê-los.

A avaliação final é um teste de interpretação com banca de professores.

5.1.7. PUC-Rio

O curso de formação de intérpretes da PUC-Rio, pioneiro no Brasil, teve diferentes configurações desde sua criação em 1968 e implantação em 1969, conforme descrito no capítulo 4. Os objetivos relatados pelo curso em sua forma atual são promover uma “prática intensiva das modalidades com apoio de habilidades instrumentais e reflexão teórica.”

A combinação oferecida é português-inglês, mas são aceitos alunos que tenham outras línguas B que não o inglês e que dominem português. O candidato deve ter inglês pelo menos como língua passiva para ser aprovado no processo de seleção. Com carga horária total de 510 horas, o curso abre duas turmas por ano, dependendo da demanda; as aulas são durante a semana pela manhã e também cinco sábados por semestre. Costuma ter de 10 a 15 alunos por turma.

Por ser uma Especialização *lato sensu* exige que seus candidatos possuam uma graduação, mas não faz restrições quanto à área do conhecimento do curso. O candidato, para ser aprovado, além de ter pleno domínio dos idiomas de trabalho, deve passar no teste de aptidão e submeter-se a uma entrevista em inglês e em português. O teste de aptidão é feito para medir diferentes habilidades específicas utilizadas no processo de interpretação. Ter passado algum período vivendo no país onde as línguas de trabalho são faladas é desejável, assim como no caso do Brasil, mas não configura uma exigência.

A respeito do corpo docente, a PUC-Rio declarou exigir Especialização como titulação mínima, mas dá preferência a contratar mestres e doutores. Os professores são quase todos nativos de português (uma professora é nativa de espanhol), possuem “amplo conhecimento e experiência com a língua inglesa” e são intérpretes atuantes no mercado.

A PUC-Rio possui um currículo que abrange disciplinas introdutórias, instrumentais e de prática de interpretação, além de uma disciplina teórica. Algumas diferenças que podemos perceber, quando comparamos a grade da PUC-Rio com a dos

outros cursos, são as disciplinas Aperfeiçoamento linguístico (proposta de melhorar as línguas de trabalho), Tópicos em Engenharia do Petróleo e em Relações Internacionais, e Outras modalidades (onde são cobertos acompanhamento, sussurrada, uso do equipamento portátil e situações específicas que envolvem a interpretação simultânea e consecutiva fora do ambiente tradicional de conferências).

Segue a grade:

Disciplinas - PUC-Rio	
1º semestre: Habilidades instrumentais - 30h Simultânea para a Língua A - 60h Consecutiva 1 - 60h Introdução à Interpretação de conferências - 45h Estudo Dirigido 1 - 15h Aperfeiçoamento Linguístico - 30h Prática de Cabine 1 - 20h	2º semestre: Consecutiva 2 - 30h Estudos da Interpretação - 30h Simultânea para a Língua B - 60h Simultânea para a língua A - 45h Estudo Dirigido II - 15h Outras Modalidades - 30h Tópicos em Eng. do Petróleo - 10h Tópicos em Relações Internacionais - 10h Prática de Cabine 2 - 20h

A PUC-Rio pretende que seus egressos sejam intérpretes com competência não só técnica – preparados atuar em diversas áreas e modalidades – como também em questões de conduta e ética profissional. A PUC-Rio possui um programa de estágios no qual os alunos atuam em situações reais de trabalho dentro e fora da universidade. Informações sobre o mercado são obtidas a partir de palestras com intérpretes convidados e também através dos professores, que são intérpretes de conferência atuantes.

A avaliação final é feita através de um teste de interpretação com banca de professores, em um evento real feito dentro da universidade, com participação do público externo. Para receberem seu certificado de conclusão os alunos também precisam escrever um TCC.

5.1.8. PUC-SP

O Curso Sequencial Intérprete em Língua Inglesa da PUC-SP, o único dessa modalidade no Brasil, foi fundado em 1999. O objetivo do curso, que tem carga horária total de 360 horas é formar intérpretes de conferência com “conhecimento específico e domínio técnico para atuarem como mediadores no processo comunicativo em eventos e conferências”. A combinação oferecida é inglês-português. O curso abre duas turmas por ano, sempre no turno da noite, com uma média de 10 a 15 alunos.

A PUC-SP é a única que seleciona o corpo docente por meio de concurso promovido pela universidade. Sobre a qualificação acadêmica,

[o] docente pode ser contratado, inicialmente, apenas com o grau de Bacharel e ocupar a posição Auxiliar de Ensino no quadro de carreira da Universidade. Porém, espera-se que se qualifique minimamente para o grau de Mestre. Na realidade a maioria dos docentes do curso são Doutores ou estão a caminho de alcançar esse grau.

Além disso, a PUC-SP informou que “80% dos docentes são ou foram intérpretes atuantes”. E em relação à combinação linguística dos professores, os mesmos devem ter “absoluto domínio e alto grau de excelência no idioma inglês”.

Quanto à seleção dos alunos, a PUC-SP não coloca exigências relacionadas à idade mas requer que os candidatos tenham concluído o ensino médio e pleno domínio dos idiomas com os quais vai trabalhar. Outra questão citada foi a importância da cultura geral e do conhecimento de atualidades.

Esse curso é o único, dentre os oferecidos no âmbito de universidades, que se volta unicamente para a formação de intérpretes e não constitui pós-graduação *lato sensu* (Especialização). Oferece três disciplinas introdutórias antes das matérias práticas e tem uma maneira diferente de estruturar o currículo. As disciplinas são de prática, mas não está explícito na grade em que momento o foco recai sobre a prática da modalidade consecutiva e quando incide sobre a modalidade simultânea. Além disso, tem uma disciplina teórica chamada Teoria da Interpretação. A grade segue abaixo:

Disciplinas - PUC-SP
Primeiro Ano: EIXO DE FUNDAMENTAÇÃO

1º semestre do curso | Turma NA1 Notação e Expansão Lexical para Intérpretes – 30h
 Compreensão Oral para Intérpretes – 30h
 2º semestre do curso | Turma NA2 Introdução à Interpretação – 60h
Segundo Ano: FORMAÇÃO ESPECÍFICA
 3º semestre do curso | Turma NA3 Teoria da Interpretação – 30h
 Prática de Interpretação: Inglês>Português I – 60h
 Estágio de Interpretação I – 30h
 4º semestre do curso | Turma NA4
 Prática de Interpretação Português>Inglês- 60h
 Prática de Interpretação Inglês>Português II- 30h
 Estágio de Interpretação II – 30h

Em termos de resultados pretendidos, a instituição espera que o aprendiz se torne um intérprete com elevado grau de competência em diferentes contextos de atuação profissional. O curso oferece um programa de estágios no qual os alunos atuam em situações reais de trabalho dentro e fora da universidade. Visando uma familiarização com o mercado de trabalho, são promovidas palestras com intérpretes convidados.

Em relação à avaliação final, a PUC-SP é a única instituição que realiza o teste de interpretação diante de uma banca integrada também por avaliadores externos, além dos professores do curso.

5.1.9. UMESP

A Universidade Metodista de São Paulo oferece o bacharelado em Letras – Língua Inglesa – Habilitação Tradutor e Intérprete há mais de 10 anos. O objetivo do programa, com carga horária de 2.880 horas, é preparar o aluno para atuar profissionalmente nas áreas de tradução e interpretação, com o diferencial de ter uma “matriz curricular que expõe os alunos às práticas de tradução e interpretação em projetos de ação profissional distribuídos ao longo do curso.”

As aulas ocorrem no turno da manhã, e o curso abre uma turma por ano com os candidatos aprovados pelo vestibular. O número de alunos por turma é o maior dentre todas as instituições pesquisadas; as turmas costumam começar com 70 alunos e ao final se formam de 35 a 40, ainda assim o dobro do número médio de alunos nas turmas dos demais cursos respondentes.

A equipe de professores deve ter como pré-requisito mínimo o mestrado, e o processo para entrada de membros no corpo docente se dá por convite da instituição. Há três professores de interpretação: dois intérpretes atuantes e um terceiro que já trabalhou como intérprete, mas atualmente se dedica exclusivamente à docência.

O curso de interpretação da UMESP é dividido com tradução mas mantém 280h para as disciplinas de interpretação, cobrindo as duas modalidades principais – simultânea e consecutiva. Além disso prevê duas disciplinas, Interpretação intermitente e Interpretação prima vista, que em outros cursos podem ser conteúdos cobertos nas aulas das outras disciplinas. O curso tem, ainda, uma disciplina de caráter teórico, Teorias e estratégias da interpretação. Segue a grade curricular, somente com as disciplinas voltadas para a interpretação, ressaltando-se que os nomes das disciplinas não mencionam se a prática será de língua materna para estrangeira ou vice-versa.

Disciplinas – UMESP
Teorias e estratégias da interpretação – 40 h
Interpretação Intermitente – 40 h
Interpretação Consecutiva – 80 h
Intepretação Simultânea – 80 h
Interpretação Prima Vista – 40 h

Ao falar dos resultados esperados, a UMESP apontou um dado interessante, que é o seguinte: como o curso é de tradução e interpretação, após seu início, por vezes, alguns alunos percebem que se identificam mais com a atividade de tradução, por conta do nível de exposição que a interpretação exige. Sendo assim, um dos resultados esperados é que até mesmo esse aluno que descobre que não deseja seguir a carreira de intérprete possa se beneficiar das aulas, porque desenvolverá memória, capacidade de concentração, desenvoltura, fluência, técnicas para fazer palestras e falar em público, trabalhar em grupo etc.

A respeito de estágios, embora haja uma disciplina específica para tal na grade, o estágio acaba sendo cumprido em atividades de tradução. Sobre o mercado, a UMESP chama profissionais para falar e incentiva os alunos a visitarem agências de tradução. Além disso, o mercado é discutido em sala de aula. A avaliação das diferentes disciplinas

de interpretação se dá mediante prova teórica e uma ou mais atividades práticas, avaliadas pelos professores das disciplinas; já a avaliação final é feita por meio de TCC.

5.1.10. UNASP

O curso da UNASP é uma graduação em interpretação e tradução, sendo que reserva 216 horas exclusivamente para disciplinas de interpretação, dentro de uma carga horária total de 2.916 horas. Além disso, oferece uma disciplina introdutória, disciplinas das duas modalidades principais, simultânea e consecutiva, e um componente teórico integrado a uma das disciplinas.

A combinação linguística do curso é inglês e português. A seleção é feita por meio de aprovação no vestibular da instituição. A prática tem sido abrir uma turma por ano, com uma média de 20 a 25 alunos, que estudam no turno da noite. Os professores são intérpretes atuantes e devem ter no mínimo mestrado para integrarem o corpo docente. Essa exigência, igualmente explicitada na resposta da PUC-SP, parece apontar para uma tendência – já consolidada nos cursos de formação de tradutores – de os docentes dos cursos de formação de intérpretes serem também pesquisadores com titulação acadêmica, além de intérpretes profissionais.

A seguir, apresento as disciplinas de interpretação previstas na grade curricular, chamando a atenção para o fato de que a direcionalidade do idioma não está indicada no nome da disciplina, ou seja, não está explícito se a orientação será da língua materna para a estrangeira ou vice-versa.

Disciplinas – UNASP
Introdução à Interpretação – 54h
Prática de Interpretação Consecutiva – 54h
Prática de Interpretação simultânea 1 – 36h
Prática de Interpretação simultânea 2 – 36h
Prática de Interpretação supervisionada – 36h

No curso da UNASP as oportunidades de estágio acontecem na própria universidade ou acompanhando professores na sua atuação no mercado. Essa última é uma maneira excelente de expor os aprendizes a situações reais e ainda permitir que eles

vejam os professores “em ação”, que é sempre algo que os deixa motivados. Nenhum outro curso mencionou fazê-lo, e achei de muito valor destacar essa prática. Sabe-se que não é simples a ideia de sistematizar a ida de alunos a trabalhos de professores; por vezes o local do evento só permite a entrada de pessoas inscritas ou cadastradas, não sendo possível obter autorização para pessoas de fora participarem. Ainda assim é uma prática a ser encorajada, pois pode se tornar uma espécie de laboratório onde o aluno está observando de forma ativa e pode perceber as questões que são tratadas em sala de aula.

O curso também relatou que possui convênio com empresas para estágios, só não ficou claro se esses estágios são na área de tradução escrita ou interpretação. Além disso, os alunos são expostos ao mercado de trabalho através de palestras com profissionais da área. A avaliação final é feita por meio de TCC.

5.1.11.

Versão Brasileira

O curso Versão Brasileira (Curitiba, PR) foi fundado em 2013. A iniciativa tem como objetivo oferecer uma formação básica em interpretação a pessoas que não teriam acesso às oportunidades de formação existentes nos grandes centros. Com carga horária total de 190h, suas turmas têm, em média, de 10 a 15 alunos.

A proposta é ensinar noções de habilidades cognitivas e comunicativas e o panorama geral das modalidades de interpretação (acompanhamento, consecutiva e simultânea), tendo como objetivo geral desenvolver profissionalismo nos alunos. Em diversas respostas ao longo do questionário o curso deixou claro que recebe alunos que já se dizem intérpretes, por isso faz questão de ressaltar a importância do profissionalismo na atividade.

Quanto ao perfil discente, o curso aceita alunos com qualquer combinação que inclua português, desde que haja mais de um colega com a mesma combinação. O idioma inglês também é exigido, em nível suficiente para a leitura de textos teóricos.

No que diz respeito ao corpo docente respondeu que procura “uma equipe de pessoas experientes com formação de intérpretes que tenham conteúdos sólidos para transmitir aos alunos”. Não há nenhuma exigência de titulação acadêmica para os professores, que são intérpretes atuantes. O Versão Brasileira abre somente uma turma

por ano. As aulas são realizadas em um final de semana por mês, aos sábados e domingos, em dois turnos, manhã e tarde.

Esse curso foi o único, dentre os participantes da pesquisa, que declarou não ter pré-requisitos para a entrada de alunos. O curso considera que os dois primeiros módulos (de um total de seis) equivaleriam a uma etapa eliminatória, pois os alunos que não se identificam com a profissão ou que não têm aptidão para serem intérpretes fariam uma auto-seleção. Como recebem muitos alunos que já dizem ser intérpretes, o primeiro módulo também serve como ferramenta de conscientização:

a imensa maioria já diz ser intérprete antes mesmo de começar o curso e, em inúmeros casos, foi ao longo do curso que perceberam que não são. Tê-los impedido de fazer ao menos o primeiro módulo provavelmente teria resultado em eles continuarem a se dizer intérpretes no mercado, sem jamais terem uma oportunidade de descobrir que ainda têm muito a aprender.

O curso Versão Brasileira, por ser modular, oferece menos disciplinas. As matérias são introdutórias, porque o objetivo do curso é oferecer “uma formação básica e ao mesmo tempo séria e abrangente”. Ao final do curso, os alunos têm duas semanas intensivas de prática. Na primeira dessas duas semanas, os alunos fazem prática intensiva de interpretação simultânea, e na segunda, são ouvintes em um curso com intérpretes experientes com português C. Segue a grade curricular:

Disciplinas - Versão Brasileira
Introdução às habilidades comunicativas e cognitivas - 38 h
Introdução à consecutiva: 19 horas-aula
Introdução à simultânea + ética, padrões profissionais e mercado: 38 h
Gravações remotas com feedback: previsão de que o aluno dedique aprox. 12 h
2 semanas intensivas: 86 h

Em relação aos resultados esperados, o Versão Brasileira mais uma vez afirma desejar que o indivíduo que já se dizia intérprete se torne um profissional mais embasado. Nesse curso os alunos não têm a possibilidade de estágio, mas ao final fazem as duas semanas intensivas de prática, que poderia ser considerada uma espécie de estágio por simular uma situação real de trabalho.

No que diz respeito a informar os alunos sobre o mercado, no Versão Brasileira, por ter professores que são intérpretes atuantes, as questões de trabalho são discutidas desde o primeiro dia de aula.

O curso não possui sistema de avaliação final; os alunos são avaliados ao longo do período letivo e recebem bastante feedback tanto dos professores quanto dos colegas.

5.2.

Análise dos dados

Nesta seção, serão analisados os dados obtidos na pesquisa em relação às características dos cursos e será feita a correlação entre os critérios da AIIC para a formação de intérpretes e as respostas dos questionários recebidos.

5.2.1.

Objetivos do curso

Os objetivos do curso estão relacionados às intenções de ensino, à proposta do curso em si. A análise desta pergunta foi feita separando os cursos que são só de interpretação (Estácio de Sá, PUC-Rio, PUC-SP, Brasillis e Versão Brasileira) e aqueles que são de interpretação e tradução (UMESP, UNASP, Fibra graduação, Fibra pós-graduação e Alumni).

Iniciando com os cursos que são só de interpretação, percebemos que a resposta do Versão Brasileira foi bem transparente, pois deixa claro que o curso é básico, para pessoas que não teriam acesso à formação nos grandes centros. Informaram, como objetivos, oferecer noções de habilidades cognitivas e comunicativas e o panorama geral das modalidades (acompanhamento, consecutiva e simultânea). Um outro objetivo, por receberem alunos que já são intérpretes, é conscientizá-los quanto à importância do profissionalismo no exercício da interpretação.

A resposta da PUC-Rio foi concentrada no plano de aulas: “prática intensiva das modalidades com apoio de habilidades instrumentais e reflexão teórica.” A Estácio de Sá e o Brasillis deram praticamente a mesma resposta, apontando, como seus objetivos, “formar intérpretes para trabalhar com excelência no mercado” (Estácio) e “capacitar os alunos para a carreira de intérprete de conferência” (Brasillis). A PUC-SP também falou o mesmo, mas mencionou “conhecimento específico e domínio técnico para [os

aprendizes] atuarem como mediadores no processo comunicativo em eventos e conferências”. A resposta do Interpret2b foi que o objetivo é formar intérpretes de conferência e também intérpretes que atuem em outros contextos, como na interpretação comunitária.

No que tange aos cursos que ensinam tradução e interpretação, o objetivo é praticamente o mesmo, formar profissionais para atuar com tradução e interpretação. Percebemos que a única resposta um pouco mais destoante foi a da Fibra graduação, pois informou o objetivo de “formar bacharel com habilitação em tradução e interpretação em português e em inglês, capaz de lidar de forma crítica com as linguagens, especialmente a verbal, nas duas línguas, no contexto oral e escrito.” Na minha opinião, lidar de forma crítica com as linguagens nas duas línguas não necessariamente envolve as atividades de tradução e interpretação.

5.2.2.

Resultados esperados

Os resultados esperados são centrados nos alunos, descrevem o que eles devem aprender ou ter aprendido ao final do curso. É fundamental que haja coerência entre os objetivos e os resultados esperados, isto é, que o que é declarado como objetivo se reflita nos resultados esperados. Mais uma vez as respostas serão apresentadas divididas entre os cursos que são só de interpretação e os que são de interpretação e tradução. A seção se iniciará com os cursos só de interpretação.

A Estácio de Sá respondeu de forma detalhada, mencionando tudo o que o aluno deve apresentar como resultados no que diz respeito às competências técnicas, isto é: operações mentais, reformulação, fidelidade, propriedade lexical, estruturas morfológicas e estratégias. Já a PUC-Rio expressou que espera formar profissionais com competência técnica, ou seja, capazes de atuar nas diversas áreas e modalidades, mas também bem preparados no que tange a questões de conduta e ética profissional.

Para a PUC-SP, o resultado esperado é que o aluno se torne um futuro intérprete com elevado grau de competência em diferentes contextos de atuação profissional. O Brasillis “pretende que o aluno saia pronto para o mercado”. E o Versão Brasileira mais uma vez reitera desejar que aquele que já se dizia intérprete se torne um profissional

mais embasado. A Interpret2b respondeu de forma específica designando o intervalo de tempo no qual os alunos devem ter um desempenho compatível com o que é esperado de um profissional, nas modalidades consecutiva e simultânea. Foi observada a coerência entre os objetivos e resultados esperados dos cursos com este perfil.

Entre os cursos de tradução e interpretação também observamos que os objetivos estão refletidos nos resultados esperados. Todos os participantes afirmam que o resultado esperado é formar profissionais competentes. Destacamos algumas respostas: a Fibra pós-graduação menciona a possibilidade de atender à demanda do crescente mercado para interpretação na região Norte e em outras. A UNASP reafirma que o resultado é um profissional holístico e preparado. A Alumni se refere a profissionais bem-sucedidos em posição de destaque. Como já citado no perfil da UMESP, um dos resultados esperados pelo curso é que, todos os alunos – mesmo aqueles que, ao longo dos estudos, desistam de se tornar intérpretes – possam se beneficiar das aulas, desenvolvendo memória, capacidade de concentração, desenvoltura, fluência, técnicas para fazer palestras e falar em público, capacidade para trabalhar em grupo etc.

5.2.3.

Combinação linguística

A respeito da combinação linguística oferecida, de 11 cursos participantes, dez trabalham com a combinação inglês-português como base para as aulas. São eles PUC-Rio, Estácio de Sá, UNASP, PUC-SP, Associação Alumni, Brasillis, Faculdade Fibra graduação, Faculdade Fibra pós-graduação, Interpret2b, Estácio de Sá e UMESP. O Versão Brasileira aceita alunos com qualquer combinação que inclua português, contanto que haja outro colega na turma com o mesmo par de línguas. A Estácio de Sá e a Interpret2b oferecem, além de português-inglês, a combinação português-espanhol. A PUC-Rio também aceita alunos com outro idioma ativo, mas que possuam inglês na combinação.

Acredito que a situação reflita a procura dos alunos, que acaba sendo mais para essas duas línguas, inglês e português. Foge do escopo deste trabalho falar sobre isso, o fato é que é esta a combinação mais presente no mercado brasileiro, onde há mais eventos em inglês do que nos outros idiomas.

5.2.4. Corpo docente e composição das turmas

Conforme já apresentado, foram feitas algumas perguntas a respeito do corpo docente: como são selecionados os professores para darem aula no curso, se lhes é exigida alguma qualificação acadêmica, se são intérpretes atuantes no mercado e se são nativos dos idiomas ensinados dos cursos. Dos 11 respondentes, dez deles compõem seu corpo docente mediante convite aos professores e nove contam com intérpretes atuantes. Os cursos que são de instituições de ensino superior todos exigem minimamente que seus professores tenham Especialização *lato sensu*. Os que exigem no mínimo título de mestre são a Fibra pós-graduação, UMESP e UNASP.

Creio que isso aponte em primeiro lugar, para uma tendência das faculdades e universidades de exigirem cada vez mais qualificação acadêmica de seus professores. Em segundo lugar, pela falta de formação específica para formadores de intérpretes, há uma preferência por professores que sejam especializados, isto é, que tenham desejo de se aprimorar e se atualizar profissionalmente. Em terceiro lugar, há uma tendência também por parte dos professores de quererem pesquisar o campo, e para o fazerem de forma mais embasada, buscam programas de mestrado e doutorado para adquirirem o ferramental necessário. Dos 20 pesquisadores brasileiros na área de EI citados na introdução, 13 já foram formadores ou o são atualmente⁵⁶.

Sobre o número de alunos médio em cada turma, seguem algumas divisões: cinco cursos possuem turmas com 10 a 15 alunos, a saber, Versão Brasileira, PUC-Rio, PUC-SP, Alumni e Fibra pós-graduação. No Brasillis e na Estácio de Sá, os números são mais baixos, cinco a 10 alunos. A Fibra graduação e a UNASP afirmaram ter uma média de 20 a 30 alunos por turma. Já a UMESP afirmou que “as turmas começam com 70 alunos, e terminam, após quatro anos, com média de 35 a 40 alunos”.

A respeito das turmas, como já falado no capítulo 2, Seleskovitch e Lederer recomendam que tenham no máximo dez alunos. Trabalhar com um grupo desse tamanho possibilita ao instrutor dar uma atenção individual maior, o que torna as aulas

⁵⁶ São eles: Anelise Gondar – PUC-Rio, Branca Vianna – PUC-Rio, Christiano Sanches – PUC-Rio, Denise Araujo – PUC-Rio, Gloria Maria Sampaio – PUC-SP, Layla Penha – PUC-SP, Lúcia Helena Sena França – PUC-SP, Luciana Carvalho – PUC-SP, Luciana Ginezi – Uninove, Marcelle Castro – Interpret2b, Mylene Queiroz – Interpret2b, Raffaella Quental – PUC-Rio, Reynaldo Pagura – PUC-SP.

mais proveitosas e o feedback específico e claro. Ao mesmo tempo é sabido que as instituições de ensino dependem, de modo geral, de um número mínimo de alunos para poder abrir a turma, então é necessário que haja um equilíbrio entre essa necessidade institucional e a necessidade pedagógica de ter uma turma com um número de alunos próximo ao que a literatura recomenda.

Uma turma maior (de 15 a 20 alunos) demandará mais do corpo docente, não só nas aulas, mas também em reuniões, para que todos os professores estejam atentos aos diferentes alunos e conversem a respeito de como os mesmos estão se desenvolvendo e correspondendo às aulas.

Já uma turma com 20 a 30 alunos se torna um desafio de outro porte. Acrescentando aos aspectos citados no parágrafo anterior, uma turma com mais de 20 alunos exigirá que as aulas sejam de caráter mais expositivo ou então uma versatilidade enorme por parte do professor para multiplicar as atividades de maneira que todos participem. Além disso, não será possível que o professor dê atenção individualizada aos alunos, fazendo com que o feedback seja pouco presente. Com base nas recomendações da literatura e em minha experiência enquanto docente, confesso que é preocupante pensar em uma sala de aula com mais de 30 alunos, e questiono se é de fato possível formar intérpretes de conferência em uma turma deste tamanho.

5.2.5.

Exposição ao mercado e estágios

Todos os cursos disseram que informam os alunos sobre o mercado. Algo que todos os cursos compartilham é a realidade de professores-intérpretes atuantes, o que faz com que os aprendizes estejam sempre em contato com o que está acontecendo no “mundo real” da interpretação de conferências. PUC-Rio, PUC-SP e Estácio mencionaram palestras com intérpretes convidados.

Os participantes que oferecem programa de estágios específico para interpretação são Alumni, Interpret2b, PUC-Rio, PUC-SP. No Brasillis, não há programa de estágios, mas os alunos têm alguma oportunidade para estagiar. Na UMESP os alunos fazem estágios, mas raramente no campo da interpretação. Na UNASP os alunos têm oportunidade de estágios, mas não ficou claro se há um programa. No Versão

Brasileira não há um programa para estágio dos alunos mas estão previstas duas semanas de prática intensiva ao final do curso. Os demais participantes relataram não ter programa de estágios.

Esse elo entre os alunos e o mercado, na minha opinião, é essencial para que os alunos entendam que não estão só aprendendo uma nova habilidade ou técnica e, sim, adentrando uma nova profissão. Em todas as carreiras são cumpridos estágios ao longo da formação. Acredito que o programa de estágios traz um aspecto mais formal ao curso e possibilita aos aprendizes exercitarem o que estão aprendendo em um ambiente em que precisam agir como profissionais, mesmo que ainda iniciantes.

5.2.6. Avaliação final

Em relação à avaliação final, dos 11 participantes, cinco aplicam um teste de interpretação com banca de professores: Alumni, Brasillis, Interpret2b, PUC-Rio e PUC-SP. Na PUC-SP o teste é com banca de professores e avaliadores externos (“os avaliadores externos são intérpretes profissionais, em geral membros da APIC”), concordando com as recomendações da AIIC.

Na PUC-Rio os alunos precisam se submeter a uma prova de interpretação com banca de professores e também elaborar um TCC. Isso faz com que sejam avaliados duplamente – no que diz respeito ao seu desempenho tanto na interpretação como na produção acadêmica.

Seis dos cursos têm como exigência para a aprovação a escrita de um trabalho de conclusão de curso: PUC-Rio, Estácio de Sá, UNASP, Fibra graduação, Fibra pós-graduação e UMESP. Essa questão tem alguns prós e contras. Do lado positivo vemos a expansão da produção acadêmica na área, e a cada nova turma de formandos aumenta a massa crítica. A escrita do TCC também concede uma oportunidade de reflexão acadêmica e teórica a respeito da prática da interpretação.

Pensando nos aspectos negativos, há pontos a serem considerados. O primeiro é que, no caso daqueles cursos também de tradução, a saber, os da UNASP, UMESP, Fibra graduação e Fibra pós-graduação, essa expansão dos textos acadêmicos da área de interpretação pode não acontecer, pois os alunos podem optar por voltar seus trabalhos

para o campo da tradução. O segundo ponto se refere ao conteúdo dos TCC. Por serem cursos profissionalizantes, é natural que o interesse dos alunos seja de apenas aprender a atividade, sem maior interesse em escrever um trabalho acadêmico, que envolve realização de pesquisa. Esses alunos podem acabar desenvolvendo um trabalho sem profundidade, objetivando apenas cumprir o requisito estabelecido pelo curso.

5.2.7.

Critérios AIIC

Em primeiro lugar, cabe deixar claro que nenhum dos cursos participantes conseguiu atender a todas as recomendações da AIIC descritas no capítulo 4. Recapitularei brevemente as recomendações no próximo parágrafo e em seguida farei a correlação com as respostas dadas pelos participantes da pesquisa.

As principais recomendações da AIIC são as seguintes: que o curso seja ministrado em nível de pós-graduação; que um teste de aptidão seja realizado antes do início do curso (para programas de até um ano) ou no início das aulas no caso de cursos mais longos; que os professores sejam intérpretes de conferência, na medida em que as disciplinas são predominantemente voltadas para a prática; que a grade curricular inclua tanto interpretação consecutiva quanto simultânea; e que a duração do curso seja de pelo menos dois semestres no mínimo (um ano letivo).

Quanto ao critério de todos os professores serem intérpretes, nove dos onze cursos confirmaram atendê-lo. Os outros dois disseram que os professores já foram intérpretes e atualmente deixaram de atuar no mercado para se dedicar à docência. Outros dois fatores mencionados nas demais recomendações da AIIC quanto aos docentes são que tenham feito formação para formadores e que sejam nativos numa das línguas da combinação oferecida para o curso oferecida pelo curso. O atendimento ao primeiro critério não foi relatado por nenhum curso. Em relação a serem nativos da combinação oferecida, os respondentes disseram que os professores são falantes nativos de português, sendo que alguns têm professores nativos de outros idiomas (espanhol e inglês) também.

Os únicos cursos que estão no nível de pós-graduação e, portanto, observam a recomendação da AIIC são PUC-Rio, Estácio de Sá e Fibrá Pós-Graduação. Em relação

ao ensino de simultânea e consecutiva, todos os cursos deixam claro em suas respostas que trabalham as duas modalidades, exceto a formação da Fibra, tanto graduação quanto pós-graduação.

Todas as instituições participantes cumprem a duração mínima recomendada de um ano letivo em suas grades. Esse critério, como já falamos, é um tanto vago. Entre os participantes da pesquisa, por exemplo, há cursos como o da Associação Alumni, participante com a menor carga horária, com 172h (divididas com disciplinas de tradução) distribuídas em dois anos letivos. Já a PUC-Rio, participante com a maior número de horas na grade curricular, cumpre 510h de aula em um ano letivo.

Tentando demonstrar as diferenças de carga horária entre os participantes, podemos dizer que, entre os cursos de formação somente de intérpretes, o de menor carga horária é o Versão Brasileira (190h em 12 meses), seguido pelo Brasillis (204h em 15 meses) e o Interpret2b (280h em dois anos). Com 360h, ficam a Estácio de Sá (18 meses) e a PUC-SP (em dois anos). Como já falado no parágrafo anterior, o curso da PUC-Rio (510h) tem duração de 12 meses.

Entre os cursos de formação de intérpretes e tradutores, há o da Alumni (172h em dois anos), já citado, o único na categoria de cursos livres. Em seguida temos o curso da Fibra pós-graduação (420h em 14 meses), o da UMESP (2.880h em quatro anos), o da UNASP (2.916h em quatro anos) e o da Fibra graduação (3.640h em quatro anos).

No que tange à necessidade de teste de aptidão é mais difícil de avaliar, pois o questionário por mim elaborado apenas indagava se havia um processo de seleção, sem pedir maiores detalhes a respeito. É possível apenas destacar os cursos que relataram aplicar ou não um teste de aptidão: Interpret2b, PUC-Rio, Estácio de Sá, Alumni, Brasillis, Versão Brasileira e PUC-SP.

Em sua resposta, o curso Brasillis afirma fazer um teste de aptidão, mas na descrição apresentada, a informação fornecida é a de que há uma prova de interpretação. Gostaria de ressaltar que uma prova de interpretação simultânea (como diz aplicar o Brasillis) e um teste de aptidão para avaliar as habilidades do candidato (como dizem aplicar a Interpret2b, Estácio de Sá, PUC-Rio e PUC-SP) são duas situações bem diferentes. Se a prova de interpretação for projetada para observar as habilidades específicas do candidato para a atividade sem necessariamente avaliar sua interpretação,

poderá ser considerada como uma espécie de teste de aptidão. Se a prova tiver como objetivo ver se o aluno pode ter um bom ou mau desempenho, é como o método *sink or swim* dos anos 1950; os candidatos que conseguem sobreviver à “prova de fogo” são aprovados para começar a estudar interpretação.

O curso Versão Brasileira oferece dois módulos no início do curso, que são considerados eliminatórios, conforme já explicado em detalhes no perfil apresentado. Esse processo foi considerado teste de aptidão para fins desta análise. Os demais cursos são os de graduação (UNASP, UMESP e Fibra graduação), cujo processo seletivo é o vestibular da instituição, e a Fibra pós-graduação, que somente exige graduação e conhecimento em nível intermediário da língua inglesa.

Em suas demais recomendações, a AIIC não afirma se deve haver uma disciplina na grade que seja apenas de cunho teórico. A preocupação aparenta ser mais com garantir algum tipo de componente teórico nas aulas e que os aprendizes não fiquem somente praticando ou sendo “treinados” sem nenhum tipo de exposição à teoria. Os cursos que possuem de fato uma disciplina de cunho teórico são Interpret2b, Brasillis, PUC-Rio, UNASP, UMESP e PUC-SP. Os demais informaram que suas disciplinas têm sempre um conteúdo prático e teórico, com oportunidade para reflexão.

A AIIC recomenda que os cursos ofereçam uma disciplina que aborde questões de prática profissional e ética. Todos os participantes afirmaram informar seus alunos sobre o mercado, mas os únicos que têm uma disciplina específica para tal são Estácio e Brasillis. Sobre a consideração de que os alunos deveriam viver por algum período significativo nos países onde são faladas suas línguas de trabalho, dois cursos (Brasillis e PUC-Rio) afirmaram que consideram isso desejável para o candidato.

Neste capítulo foi possível perceber o cenário diversificado da formação de intérpretes no Brasil. Apesar das diferenças também ficaram patentes as semelhanças entre as escolas e o fato de que, apesar de serem todas formadoras de intérpretes, os tipos de formação podem estar à procura de perfis distintos de candidatos.

No próximo capítulo serão apresentadas as considerações finais da dissertação.

Considerações finais

O objetivo deste trabalho foi melhor compreender a situação atual da formação de intérpretes de conferência de línguas orais-auditivas no Brasil. Pensando na importância da formação de intérpretes profissionais e também na profissionalização do ensino de interpretação, o parâmetro principal para analisar as grades curriculares e atuação dos cursos foi a lista de melhores práticas de formação de intérpretes recomendadas já há mais de 50 anos pela Associação Internacional de Intérpretes de Conferência (AIIC).

De um total de 20 cursos formadores de intérpretes no Brasil, a pesquisa teve 11 participantes e o instrumento para obtenção de dados dos mesmos foi um questionário. As respostas recebidas foram analisadas e foi feita a correspondência entre as informações dos respondentes e as melhores práticas recomendadas pela AIIC.

É possível chegar a algumas conclusões ao final desse trabalho. A primeira é que acredito que, apesar de não poder reproduzir os dados de todas as instituições que formam intérpretes no Brasil, a amostragem utilizada foi bem representativa, pois foi composta por cursos de diferentes regiões geográficas e de todos os perfis acadêmicos. A segunda foi a percepção de que nenhum dos participantes da pesquisa conseguiu atender satisfatoriamente a todos os itens da lista de melhores práticas da AIIC. Alguns, como foi possível perceber, se aproximam mais de atender à maior parte dos critérios; outros, menos.

Ao longo da dissertação observei que algumas das melhores práticas recomendadas pela AIIC são um tanto abrangentes e de certa forma pouco claras. As recomendações sobre a duração do curso e o seu oferecimento em nível de pós-graduação podem ser vistas como vagas ou inespecíficas. Ao mesmo tempo acredito que, por serem colocadas dessa maneira, possibilitam a criação de uma identidade, apesar das demais diferenças que existem entre as instituições formadoras de intérpretes. Por essa perspectiva compartilho da opinião de que as recomendações da AIIC são uma referência, uma lista de princípios que balizam instituições que formam intérpretes no mundo todo.

Sendo assim, e dentro dessa segunda conclusão, é possível ver que os cursos aqui no Brasil possuem uma identidade comum: todos têm professores intérpretes (alguns deles não mais atuantes mas ainda assim intérpretes), todos expõem seus alunos à realidade presente no mercado, todos possuem espaço para reflexão e ensino de conteúdos de teoria juntamente com aulas práticas, permitindo aos futuros intérpretes desenvolverem uma metalinguagem a respeito da interpretação.

Dessa maneira, uma terceira conclusão possível de ser derivada é que o ensino da interpretação está em processo de profissionalização no Brasil. Lembrando das palavras do professor Chanyun Bao, citadas na introdução, ainda precisamos de muitos esforços e estudos para garantir que a formação de intérpretes seja feita de forma profissional e com qualidade (Bao, 2015, p.414). Minha expectativa é que este trabalho seja lido pelas instituições que ensinam intérpretes de maneira a gerar uma reflexão: como podemos nos aprimorar em nosso trabalho como formadores? Como podemos aprimorar o ensino de interpretação como um todo em nosso país? Como podemos nos aproximar de práticas já consagradas por pesquisadores e formadores de intérpretes em outras partes do mundo?

A partir desses resultados iniciais, podem-se vislumbrar estudos mais aprofundados cuja realização poderá contribuir para a profissionalização e promoção da qualidade na formação de intérpretes em nosso país. A área de testes de aptidão durante o processo de seleção é um exemplo, tanto investigando um curso especificamente, entendendo como é feito o teste de aptidão, quanto realizando um estudo que compare as práticas entre os cursos. Estudos que façam correlação entre os alunos que recebem notas altas no teste de aptidão e os que recebem notas altas na avaliação poderiam ajudar a comprovar quais as melhores atividades a serem incluídas nos testes de admissão.

Seria interessante pesquisar mais a fundo as grades curriculares e aulas dos cursos que se propõem a formar ao mesmo tempo intérpretes e tradutores. Esse não era o escopo do trabalho, por isso não foi feita essa comparação, mas seria interessante realizar um estudo à parte – aprofundando mais o estudo em relação à proporção de carga horária entre tradução e interpretação, a forma como são distribuídos os estágios,

o enfoque profissional dado ao longo do curso principalmente nas disciplinas comuns etc.

Uma outra área que poderia ser melhor explorada é a conexão com o mercado. A combinação entre estágios, disciplinas específicas, o que é esclarecido durante o curso e o que não é. Um outro assunto levantado ao longo do trabalho foi como os modelos de Daniel Gile influenciam a formação e a perspectiva de jovens profissionais.

A respeito da minha inquietação quanto à sala de aula de interpretação, penso também em outras questões: como são desenvolvidos os planos de aulas dos professores? Onde ocorrem as aulas? Quais as implicações do formato da sala no trabalho do professor? Como é ser docente e intérprete? Como os docentes de interpretação têm buscado se atualizar na profissão e como formadores? Participam de congressos? São pesquisadores?

Um outro foco de pesquisa mais relacionado à sala de aula seria o aluno de interpretação. Como ele se vê ou sente-se aos poucos adentrando essa comunidade de prática? Como é essa relação com o curso, com a nova profissão e com os professores? O aluno aprende durante a formação a trabalhar em dupla e se sente empoderado para atuar profissionalmente? Está conseguindo se inserir no mercado de trabalho logo que se forma?

Retomando a citação de Herbert podemos afirmar que, definitivamente, intérpretes não nascem prontos, são formados. Além disso, podem ser formados de diversas maneiras e em diferentes contextos. Aqui no Brasil ainda temos muito a aprender, mas esperamos que nos próximos anos cheguemos cada vez mais perto da realidade de formar intérpretes profissionais de forma profissional.

Referências bibliográficas

AIIC School Survey. <https://aiic.net/page/3420/aiic-s-survey-of-interpreting-schools-and-programmes> Acesso em 14 mar. 2017

ARROJO, Rosemary. O ensino da tradução e seus limites: por uma abordagem menos ilusória. Em **Trabalhos em Linguística Aplicada**, nº 11, jan./jun., pp. 27-32, 1988a. Reproduzido em Arrojo (org.), **O signo desconstruído**. Campinas: Pontes, 1992, pp. 99-105.

BAIGORRI-JALÓN, Jesús. **From Paris to Nuremberg: The birth of conference interpreting**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing, p. 270p, 2014.

BAO, C. Pedagogy. In: Mikkelson, H. and Jourdenais, R. **The Routledge Handbook of Interpreting**. London and New York: Routledge. 2015, p. 400-416.

BOÉRI, Julie. In: Mikkelson, H. and Jourdenais, R. **The Routledge Handbook of Interpreting**. London and New York: Routledge. 2015, p. 29-44.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (Orgs.). **O Planejamento da Pesquisa Qualitativa: teorias e abordagens**. 2ª. ed. Porto Alegre, Artmed Bookman, 2006.

EMCI Interpreting. <http://www.emcinterpreting.org/?q=node/11> Acesso em 17 mar. 2016.

GERVER, David. "Aspects of Simultaneous Interpretation and Human Information Processing." 1971 Doctor of Phil thesis, Oxford University.

GILE, Daniel. **Basic Concepts and Models for Interpreter and Translator Training**. Revised edition. Amsterdam/Philadelphia: Johns Benjamins Publishing Company. 2009. 283p

HERBERT, J. How conference interpretation grew. In: GERVER, David; SINAIKO, Henry (Eds.). **Language, interpretation and communication**. New York: Plenum Press, 1978.

KIM, Mira. Research on translation and interpreter education. **The Routledge Handbook of Translation Studies**. London and New York: Routledge. 2013, p. 102-116.

KIRALY, Don. **A social constructivist approach to translator education: Empowerment from Theory to Practice**. Manchester: St. Jerome, 2000.

MACKINTOSH, Jennifer. Interpreters are made not born. **Interpreting**, Amsterdam/Philadelphia, Volume 4, Issue 1, 1999, p.67-80.

MARTINS, Marcia Amaral Peixoto. A institucionalização da tradução no Brasil: o caso da Puc-Rio.. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 1, n. 19, set. 2008, p. 171-192..

Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/6997>>. Acesso em: 11 mar. 2017. doi:<http://dx.doi.org/10.5007/6997>.

MAS in Interpreter Training. Universite de Geneve. <https://www.unige.ch/formcont/masinterpretertraining/> Acesso em 22 ago. 2016.

NAMY, Claude. Quinze ans d'entraînement dirigé à l'interprétation d'anglais et espagnol en français. *Paralleles*, v.9, 1988, 43-47.

PAGURA, Reynaldo José. **A Interpretação de Conferências no Brasil: história de sua prática profissional e a formação de intérpretes brasileiros**. 2010. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

_____. O Consenso Internacional sobre a Formação de Intérpretes de Conferência. **Tradução e Comunicação**, v. 21, 2010, p. 11-29.

_____. A Teoria Interpretativa da Tradução (Théorie du Sens) revisitada: um novo olhar sobre a desverbalização. **Tradterm**, v. 19, 2012, p. 92-108.

PÖCHHACKER, Franz. **Introducing interpreting studies**. New York, NY: Routledge, 2004.

_____. The role of research in interpreter education. **Translation and Interpreting**, 2 (1), 2010, p.1-10.

Portal CIUTI. <http://www.ciuti.org/about-us/questions-answers/> Acesso em 22 mar. 2016.

SAWYER, David. **Fundamental aspects of interpreter education**. Amsterdam: John Benjamins, 2004.

SCHWANDT, T. **Três posturas epistemológicas para a investigação qualitativa**. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (Orgs.). **O Planejamento da Pesquisa Qualitativa: teorias e abordagens**. 2ª. ed. Porto Alegre, Artmed Bookman, 2006.

SELESKOVITCH, Danica. Pour une théorie de la traduction inspirée de sa pratique. *Meta*, v. 25, n. 4.. Montreal: Presses de l'Université de Montréal, 1980, pp. 401-408

_____. The Teaching of Conference Interpretation in the Course of the Last 50 Years. **Interpreting**, Amsterdam/Philadelphia, Volume 4, Issue 1, 1999, p.55-66.

SELESKOVITCH, Danica; LEDERER, Marianne. **A Systematic Approach to teaching interpretation**. Trans Jacolyn Harmer. The Registry of Interpreters for the Deaf, 1995.

VIANNA, Branca. A atuação do Comitê de Formação e Atualização Profissional da AIIC no novo panorama de ensino e pesquisa no Brasil. **Formação de intérpretes: experiências brasileiras e contribuições internacionais**. eds. Castro, M. e Queiroz, M. no prelo.

Anexo I - Questionário

O estudo Formação de Intérpretes no Brasil pretende em primeiro lugar saber quais são e onde estão os cursos formadores de intérpretes de línguas orais-auditivas no Brasil. Em segundo lugar o estudo deseja descobrir como estes cursos trabalham, quem são seus formadores e dados sobre o processo de formação dos alunos.

Solicitamos, assim, sua participação voluntária para fins de pesquisa. Esta atividade NÃO apresenta riscos aos participantes e, a qualquer momento e sem qualquer tipo de cobrança, você poderá solicitar esclarecimentos sobre o trabalho que está sendo realizado.

Os dados obtidos nesta pesquisa serão utilizados em publicações, eventos científicos, atividades de orientação como iniciação científica, dissertações e teses; contudo, assumimos a total responsabilidade de não publicar qualquer dado que comprometa o sigilo de sua participação. Os participantes (como indivíduos) serão anônimos e sempre referidos durante a pesquisa como “o representante do curso X”. Quaisquer informações que possam revelar sua identidade pessoal não serão publicadas em hipótese alguma. Sua participação será voluntária, não recebendo por ela qualquer tipo de pagamento.

Para qualquer esclarecimento sobre a pesquisa por favor envie um e-mail para denisevasco@gmail.com. Para esclarecimentos sobre seus direitos como participante no estudo, solicitamos contatar a pesquisadora, Denise Araujo (21) 99585-8311 e sua orientadora, Marcia Martins (mmartins@puc-rio.br).

Dados básicos
1. Qual é o nome do curso? Em que instituição é oferecido? Qual a classificação acadêmica do curso (Ex: livre, graduação, sequencial, pós-graduação)?
2. Qual foi o ano de fundação do curso?
3. Quais os objetivos do curso (comunicados em materiais de promoção e divulgação)? "Os objetivos são baseados nas intenções do ensino e tipicamente indicam o conteúdo que o professor deseja cobrir. Os resultados de aprendizado, por outro lado são mais centrados nos alunos e descrevem o que os alunos devem aprender. " http://assessment.uconn.edu/primer/goals1.html
4. Qual é a combinação linguística oferecida pelo curso? () Português – Inglês () Português – Espanhol () Português – Francês Outra:

Corpo docente
5. Como são selecionados os professores que ministram aulas neste curso? () Concurso () Convite () Outro (especifique aqui o processo de seleção do seu curso)
6. O curso exige qualificação acadêmica dos professores? () Sim

Não

Se a resposta for sim, especifique a qualificação acadêmica exigida.

7. Os professores são nativos das línguas cuja combinação é oferecida?

Sim

Não

Outro (especifique)

8. Os professores do curso são intérpretes atuantes no mercado de interpretação?

Sim
 Não

Se não, possuem alguma experiência prévia com interpretação de conferência?

Horários e número de alunos

9. Em quais horários são as aulas?

Manhã

Tarde

Noite

Especifique, por favor.

10. Quantas turmas recebem por ano? Especifique em que período do ano as turmas iniciam o curso (Ex: março, agosto, de acordo com a necessidade etc).

11. Quantos alunos há nas turmas em média?

Processo de seleção

12. Quais são os pré-requisitos para que o aluno seja selecionado para o curso?

13. No caso de cursos de especialização ou outros que exijam graduação, há exigências a respeito da área do conhecimento da graduação?
14. Quais são as exigências a respeito do conhecimento prévio de línguas, estrangeira, materna etc?

Currículo Acadêmico
15. Liste as disciplinas oferecidas no curso e a sua carga horária.
16. Para os cursos que ensinam Tradução e Interpretação, quantas matérias ao longo do curso são específicas da área de Interpretação? Favor especificar o número de horas.
17. O curso possui um componente teórico específico aos Estudos da Interpretação? Caso afirmativo, explique de que forma os alunos são expostos aos Estudos da Interpretação (disciplinas, textos, oficinas práticas) e quantas horas (ou créditos) são dedicadas a este componente teórico.
18. Quais resultados são esperados a partir do currículo oferecido? "Os objetivos são baseados nas intenções de ensino e tipicamente indicam o conteúdo que o professor deseja cobrir. Os resultados de aprendizado, por outro lado são mais centrados nos alunos e descrevem o que os alunos devem aprender. " http://assessment.uconn.edu/primer/goals1.html

Mercado de trabalho e estágios
19. O que o curso faz para informar os alunos sobre o mercado de trabalho?
20. O curso oferece a possibilidade de estágios? Caso afirmativo por favor descreva o funcionamento do programa de estágios.

Avaliação final

21. Como é o processo de avaliação final?

TCC

Prova escrita

Teste de interpretação com banca (professores)

Teste de interpretação com banca (avaliador externo)

Teste de interpretação com banca (professores e avaliador externo)

Se o processo de avaliação final for diferente das opções acima favor descrever aqui. Se desejar fornecer quaisquer outras informações a respeito do processo de avaliação, por favor o faça aqui.

Comentários adicionais

22. Há mais algum aspecto do seu curso que gostaria de relatar?

Anexo II – Questionários dos respondentes

- 1) Associação Alumni
- 2) Brasillis
- 3) Estácio de Sá
- 4) Fibra graduação
- 5) Fibra pós-graduação
- 6) Interpret2b
- 7) PUC-Rio
- 8) PUC-SP
- 9) UMESP
- 10) UNASP
- 11) Versão Brasileira

#6 **COMPLETAS**

Coletor: Web Link 1 (Link)
 Iniciado em: quarta-feira, 7 de outubro de 2015 17:12:31
 Última modificação: quarta-feira, 7 de outubro de 2015 19:18:03
 Tempo gasto: 02:05:32
 Endereço IP: 187.9.93.18

PÁGINA 2: Dados básicos

P1: Qual é o nome do curso? Em que instituição é oferecido? Qual a classificação acadêmica do curso (Ex: livre, graduação, sequencial, pós-graduação)?

Curso de Formação de Tradutores e Intérpretes
 Associação Alumni
 Curso Profissionalizante

P2: Qual foi o ano de fundação do curso? 1971

P3: Quais os objetivos do curso (comunicados em materiais de promoção e divulgação)? "Os objetivos são baseados nas intenções do ensino e tipicamente indicam o conteúdo que o professor deseja cobrir. Os resultados de aprendizado, por outro lado são mais centrados nos alunos e descrevem o que os alunos devem aprender. "<http://assessment.uconn.edu/primer/goals1.html>

Preparar alunos para atuar profissionalmente nas áreas de tradução/versão e interpretação consecutiva e simultânea.

P4: Qual é a combinação linguística oferecida pelo curso? Português - Inglês

PÁGINA 3: Corpo docente

P5: Como são selecionados os professores que ministram aulas neste curso? Convite

P6: O curso exige qualificação acadêmica dos professores? Sim,
 Se a resposta for sim, especifique a qualificação acadêmica exigida.
 Curso de Formação de Tradutor/Intérprete
 Experiência comprovada na área acadêmica e no setor da tradução/interpretação

P7: Os professores são nativos das línguas cuja combinação é oferecida? Sim

P8: Os professores do curso são intérpretes atuantes no mercado de interpretação? Sim

PÁGINA 4: Horários e número de alunos

P9: Em quais horários são as aulas? Manhã,
 Especifique, por favor. Manhã, tarde e noite

P10: Quantas turmas recebem por ano?	Mais de duas turmas, Especifique em que período do ano as turmas iniciam o curso (Ex: março, agosto, de acordo com a necessidade etc). março e agosto
P11: Quantos alunos há nas turmas em média?	10 a 15

PÁGINA 5: Processo de seleção

P12: Quais são os pré-requisitos para que o aluno seja selecionado para o curso?	
São matriculados os candidatos aprovados no Teste de Admissão, que consta de uma tradução e uma versão escritas, sem uso de dicionários, duas entrevistas, com tradução oral de inglês para português e vice-versa. Há, ainda, testes de múltipla-escolha de vocabulário e gramática, tanto de inglês como de português. Com base nos resultados, os alunos são divididos em 2 turmas. Além de conhecimento avançado de português e inglês, o curso tem como pré-requisito conhecimento em nível intermediário/avançado de informática. Idade mínima de 21 anos.	
P13: No caso de cursos de especialização ou outros que exijam graduação, há exigências a respeito da área do conhecimento da graduação?	Não
P14: Quais são as exigências a respeito do conhecimento prévio de línguas, estrangeira, materna etc?	
São matriculados os candidatos aprovados no Teste de Admissão, que consta de uma tradução e uma versão escritas, sem uso de dicionários, duas entrevistas, com tradução oral de inglês para português e vice-versa. Há, ainda, testes de múltipla-escolha de vocabulário e gramática, tanto de inglês como de português.	

PÁGINA 6: Currículo acadêmico

P15: Liste as disciplinas oferecidas no curso e sua carga horária.	
http://notasdetraducao.weebly.com/formacao.html	
P16: Para os cursos que ensinam Tradução e Interpretação, quantas matérias ao longo do curso são específicas da área de Interpretação? Favor especificar o número de horas.	
7 matérias, 172 horas	
P17: O curso possui um componente teórico específico aos Estudos da Interpretação?	Sim, Caso afirmativo, explique de que forma os alunos são expostos aos Estudos da Interpretação (disciplinas, textos, oficinas práticas) e quantas horas (ou créditos) são dedicadas a este componente teórico. Nas disciplinas são apresentados alguns textos teóricos. Nas oficinas práticas e palestras alguns componentes teóricos também são abordados.
P18: Quais resultados esperados a partir do currículo oferecido?"Os objetivos são baseados nas intenções de ensino e tipicamente indicam o conteúdo que o professor deseja cobrir. Os resultados de aprendizado, por outro lado são mais centrados nos alunos e descrevem o que os alunos devem aprender." http://assessment.uconn.edu/primer/goals1.html	
Alunos bem sucedidos que ocupam posição de destaque no mercado da tradução e interpretação (nacional e internacional).	

PÁGINA 7: Mercado de trabalho e estágios

P19: O que o curso faz para informar os alunos sobre o mercado de trabalho?

Palestras sobre como se inserir no mercado de trabalho e sobre como criar empresa
Bate-papos com ex-alunos

P20: O curso oferece a possibilidade de estágios?

Sim,

Caso afirmativo por favor descreva o funcionamento do programa de estágios.
Estágios em eventos onde a Alumni é patrocinador ou em ONGs onde a Alumni tem convênio.

PÁGINA 8: Avaliação final

P21: Como é o processo de avaliação final?

Teste de interpretação com banca (professores)

PÁGINA 9: Comentários adicionais

P22: Há mais algum aspecto do seu curso que gostaria de relatar?

O respondente ignorou esta pergunta

#7 **COMPLETAS**

Coletor: Web Link 1 (Link)
Iniciado em: segunda-feira, 12 de outubro de 2015 18:06:28
Última modificação: segunda-feira, 12 de outubro de 2015 21:44:43
Tempo gasto: 03:38:15
Endereço IP: 73.129.187.202

PÁGINA 2: Dados básicos

P1: Qual é o nome do curso? Em que instituição é oferecido? Qual a classificação acadêmica do curso (Ex: livre, graduação, sequencial, pós-graduação)?

Curso de Formação de Intérpretes de Conferência oferecido pelo Brasillis. Trata-se de um curso livre.

P2: Qual foi o ano de fundação do curso? 2000

P3: Quais os objetivos do curso (comunicados em materiais de promoção e divulgação)?"Os objetivos são baseados nas intenções do ensino e tipicamente indicam o conteúdo que o professor deseja cobrir. Os resultados de aprendizado, por outro lado são mais centrados nos alunos e descrevem o que os alunos devem aprender. "http://assessment.uconn.edu/primer/goals1.html

Objetivo geral do curso: capacitar os alunos para a carreira de intérprete de conferência na combinação EN<>PT nas modalidades consecutiva e simultânea. O curso ensina teoria e técnicas de interpretação e oferece prática individual em laboratório, além de oportunidade de trabalhar em dupla, interpretando palestrantes convidados em réplicas de situações reais. Os alunos também recebem treinamento em voz e oratória, e o curso informa sobre o mercado de trabalho, as entidades de classe, ética, dinâmica do trabalho em equipe e sua importância. O aluno tem ainda a oportunidade de treinar em ambiente presencial e virtual.

P4: Qual é a combinação linguística oferecida pelo curso? Português - Inglês

PÁGINA 3: Corpo docente

P5: Como são selecionados os professores que ministram aulas neste curso? Convite

P6: O curso exige qualificação acadêmica dos professores? Sim,
 Se a resposta for sim, especifique a qualificação acadêmica exigida.
 Formação universitária e formação como intérprete de conferência.

P7: Os professores são nativos das línguas cuja combinação é oferecida? Sim,
 Outro (especifique)
 Sempre nativos do idioma português. Nativos, quando disponíveis, do idioma inglês. Quando não há professores nativos do inglês, convidamos intérpretes "quase nativos" do inglês.

P8: Os professores do curso são intérpretes atuantes no mercado de interpretação? Sim

PÁGINA 4: Horários e número de alunos

P9: Em quais horários são as aulas?	Manhã, Especifique, por favor. Depende da turma. Há turmas de manhã, à tarde e à noite.
P10: Quantas turmas recebem por ano?	Mais de duas turmas, Especifique em que período do ano as turmas iniciam o curso (Ex: março, agosto, de acordo com a necessidade etc). Em geral, abrimos duas turmas em março e duas turmas em agosto. Modalidades presencial e virtual.
P11: Quantos alunos há nas turmas em média?	5 a 10

PÁGINA 5: Processo de seleção

P12: Quais são os pré-requisitos para que o aluno seja selecionado para o curso?

Preferencialmente, o aluno terá se graduado. Mas, excepcionalmente, aceitamos alunos com o 2o grau completo, ainda cursando a faculdade, que tenham pelo menos 18 anos.
Todos os alunos precisam passar por uma entrevista em inglês e português, fazer uma redação em cada um desses dois idiomas, e depois fazer uma prova de interpretação simultânea no laboratório ou na cabine virtual (EN->PT).

P13: No caso de cursos de especialização ou outros que exijam graduação, há exigências a respeito da área do conhecimento da graduação?

Não

P14: Quais são as exigências a respeito do conhecimento prévio de línguas, estrangeira, materna etc?

Domínio dos dois idiomas (fluência, conhecimento profundo incluindo nuances das línguas, longa experiência na aplicação dos dois idiomas,, preferencialmente vivência no exterior em país de língua inglesa para os candidatos brasileiros.

PÁGINA 6: Currículo acadêmico

P15: Liste as disciplinas oferecidas no curso e sua carga horária.

Carga horária total 204H

- 1) Introdução à Interpretação de Conferência 1h30min
 - 2) Pesquisa e Elaboração de Glossários 1h30min
 - 3) Técnicas e Ferramentas de Interpretação 3h
 - 4) Estudo de Casos e Exercícios da parte Teórica 3h
 - 5) Português e Inglês para Intérpretes 6h
 - 6) Dinâmica de Equipe, Ética e Comportamento 1h30min
 - 7) Oratória e Uso da Voz (aula com fonoaudióloga) 15h
 - 8). Relaxamento e Concentração 1h30min
 - 9).Teoria..e.Prática..da..Interpretação..Consecutiva e Apresentações Individuais com Glossários 24h
 - 10) Prática da Interpretação Simultânea (presencial):
 - (a) Prática no laboratório – ciclo iniciante, 30h
 - (b) Prática no laboratório – ciclo intermediário, 30h
 - (c) Prática no laboratório – ciclo avançado, 30h
 - (d) Prática em cabine – Simultânea Simulada, 30h 120h
 - 11) Prática da Interpretação Simultânea (on-line):
 - (a) Prática em cabine virtual – ciclo iniciante, 8h
 - (b) Prática em cabine virtual – ciclo intermediário, 8h
 - (c) Prática em cabine virtual – ciclo avançado, 8h 24h
 - 12) Empreendedorismo para Intérpretes 1h30min
 - 13) O Mercado de Interpretação 1h30min
- Carga horária total 204H

P16: Para os cursos que ensinam Tradução e Interpretação, quantas matérias ao longo do curso são específicas da área de Interpretação? Favor especificar o número de horas.

Oferecemos formação em tradução como um curso separado.

P17: O curso possui um componente teórico específico aos Estudos da Interpretação?

Sim,

Caso afirmativo, explique de que forma os alunos são expostos aos Estudos da Interpretação (disciplinas, textos, oficinas práticas) e quantas horas (ou créditos) são dedicadas a este componente teórico.

Há disciplinas específicas de Estudos da Interpretação (citadas acima) na quais são apresentados textos relevantes e respectiva bibliografia.

P18: Quais resultados esperados a partir do currículo oferecido?"Os objetivos são baseados nas intenções de ensino e tipicamente indicam o conteúdo que o professor deseja cobrir. Os resultados de aprendizado, por outro lado são mais centrados nos alunos e descrevem o que os alunos devem aprender. "<http://assessment.uconn.edu/primer/goals1.html>

O resultado esperado é o cumprimento de nosso objetivo descrito na resposta número 2. Esperamos preparar com sucesso o aluno para o mercado de interpretação de conferência.

PÁGINA 7: Mercado de trabalho e estágios**P19: O que o curso faz para informar os alunos sobre o mercado de trabalho?**

Há aulas específicas sobre o assunto (Mercado de Interpretação, Empreendedorismo para Intérpretes). Temos ainda um grupo fechado no facebook onde divulgamos informações sobre o mercado e sobre a profissão. Além disso, os professores são atuantes no mercado e mantêm os alunos a par dos acontecimentos na área.

P20: O curso oferece a possibilidade de estágios?

Sim,

Caso afirmativo por favor descreva o funcionamento do programa de estágios. Quando possível, oferecemos estágio, o que não é muito frequente e geralmente ocorre em situações de apoio social. Não há ainda um programa regular de estágio oficial.

PÁGINA 8: Avaliação final

P21: Como é o processo de avaliação final?

Teste de interpretação com banca (professores)

PÁGINA 9: Comentários adicionais

P22: Há mais algum aspecto do seu curso que gostaria de relatar?

O respondente ignorou esta pergunta

#3



COMPLETAS

Coletor: Web Link 1 (Link)
 Iniciado em: terça-feira, 8 de setembro de 2015 22:04:04
 Última modificação: quarta-feira, 9 de setembro de 2015 13:06:47
 Tempo gasto: 14:32:42
 Endereço IP: 177.142.107.39

PÁGINA 2: Dados básicos

P1: Qual é o nome do curso? Em que instituição é oferecido? Qual a classificação acadêmica do curso (Ex: livre, graduação, sequencial, pós-graduação)?

Pós-graduação em Interpretação de Conferências

P2: Qual foi o ano de fundação do curso? 2013

P3: Quais os objetivos do curso (comunicados em materiais de promoção e divulgação)?"Os objetivos são baseados nas intenções do ensino e tipicamente indicam o conteúdo que o professor deseja cobrir. Os resultados de aprendizado, por outro lado são mais centrados nos alunos e descrevem o que os alunos devem aprender. "<http://assessment.uconn.edu/primer/goals1.html>

O curso tem o objetivo de formar intérpretes capacitados para atuar com excelência no mercado de trabalho, tanto na modalidade consecutiva quanto na simultânea.

P4: Qual é a combinação linguística oferecida pelo curso? Português - Inglês, Português - Espanhol

PÁGINA 3: Corpo docente

P5: Como são selecionados os professores que ministram aulas neste curso? Convite

P6: O curso exige qualificação acadêmica dos professores? Sim,
 Se a resposta for sim, especifique a qualificação acadêmica exigida.
 Mínimo especialização. De preferência, mestrado.

P7: Os professores são nativos das línguas cuja combinação é oferecida? Sim,
 Outro (especifique)
 Uma professora que ministra Versão oral (port-ing) é brasileira mas com anos de vivência nos Estados Unidos.

P8: Os professores do curso são intérpretes atuantes no mercado de interpretação? Sim

PÁGINA 4: Horários e número de alunos

P9: Em quais horários são as aulas? Especifique, por favor.
 Dois sábados por mês em período integral, das 8h às 17h

P10: Quantas turmas recebem por ano?

Duas turmas,

Especifique em que período do ano as turmas iniciam o curso (Ex: março, agosto, de acordo com a necessidade etc).

Normalmente inicia uma turma de interpretação ing-port no Rio e em São Paulo no primeiro semestre.

Quanto à Interpretação esp-port, formou-se uma turma no Rio em 2012 mas nenhuma em São Paulo; em 2013 foi ao contrário. Em 2014 não abriu nenhuma turma.

P11: Quantos alunos há nas turmas em média?

Outro (especifique)

1-5 nas turmas de espanhol 5-10 nas turmas de inglês Estes números correspondem aos alunos que ficam no curso. No início do curso sempre há alguns alunos mais, mas alguns desistem.

PÁGINA 5: Processo de seleção

P12: Quais são os pré-requisitos para que o aluno seja selecionado para o curso?

O aluno deve ter um excelente domínio das línguas com as que trabalhará (correção gramatical, léxico variado, adequação de registro); deve ter conhecimento de temas de atualidade e curiosidade; deve ter memória, capacidade de análise (escolha de ideias importantes) e de síntese; deve ter vocação para ser intérprete.

P13: No caso de cursos de especialização ou outros que exijam graduação, há exigências a respeito da área do conhecimento da graduação?

Não

P14: Quais são as exigências a respeito do conhecimento prévio de línguas, estrangeira, materna etc?

O aluno deve ter um excelente domínio das línguas com as que trabalhará, tanto a materna quanto a estrangeira (correção gramatical, léxico variado, adequação de registro).

PÁGINA 6: Currículo acadêmico

P15: Liste as disciplinas oferecidas no curso e sua carga horária.

Introdução à interpretação (20h)
Oratória e preparação da voz (20h)
Interpretação consecutiva I (40h)
Interpretação consecutiva II (40h)
Interpretação simultânea I (60h)
Interpretação simultânea II (70h)
Versão oral (60h)
Coordenação de eventos (20h)
Metodologia de pesquisa (30h)

P16: Para os cursos que ensinam Tradução e Interpretação, quantas matérias ao longo do curso são específicas da área de Interpretação? Favor especificar o número de horas.

Introdução à interpretação (20h)
Interpretação consecutiva I (40h)
Interpretação consecutiva II (40h)
Interpretação simultânea I (60h)
Interpretação simultânea II (70h)
Versão oral (60h)

P17: O curso possui um componente teórico específico aos Estudos da Interpretação?

Não,

Caso afirmativo, explique de que forma os alunos são expostos aos Estudos da Interpretação (disciplinas, textos, oficinas práticas) e quantas horas (ou créditos) são dedicadas a este componente teórico.

O curso não possui um componente teórico específico no sentido de não ter uma disciplina propriamente teórica. Não obstante, embora o foco do curso seja a prática, os professores dividem o tempo entre explicações teóricas e prática, na proporção aproximada de 20% e 80% respectivamente. São apresentados os diferentes tipos de interpretação, as técnicas e estratégias usadas na profissão, além de oferecer uma bibliografia básica sobre interpretação. Na disciplina de Metodologia de pesquisa, os alunos aprendem a fazer um trabalho de pesquisa sobre interpretação e nela os alunos mergulham na pesquisa de determinado tema de seu interesse.

P18: Quais resultados esperados a partir do currículo oferecido?"Os objetivos são baseados nas intenções de ensino e tipicamente indicam o conteúdo que o professor deseja cobrir. Os resultados de aprendizado, por outro lado são mais centrados nos alunos e descrevem o que os alunos devem aprender. "<http://assessment.uconn.edu/primer/goals1.html>

Conseguir que o estudante:

- gerencie as operações mentais de recepção de uma mensagem na língua de partida e de reformulação na língua de chegada com fluência, tendo em consideração a fidelidade, a propriedade do léxico, as estruturas morfológicas e sintáticas adequadas.
- adquira as estratégias que permitem aproveitar a antecipação, a redundância do orador, o co-texto e o contexto do discurso.

PÁGINA 7: Mercado de trabalho e estágios

P19: O que o curso faz para informar os alunos sobre o mercado de trabalho?

- Todos os professores são intérpretes atuantes no mercado e dedicam parte das aulas a explicar particularidades do mercado de trabalho.
- A disciplina "Coordenação de eventos" mostra quais podem ser as partes integrantes em um evento que precisa de interpretação e como o intérprete pode se tornar coordenador.
- Mediante parceria com a APIC e a AIIC, o curso recebe palestrantes que falam sobre determinados aspectos do mercado de trabalho.

P20: O curso oferece a possibilidade de estágios?

Não

PÁGINA 8: Avaliação final

P21: Como é o processo de avaliação final?

TCC,

Se o processo de avaliação final for diferente das opções acima favor descrever aqui. Se desejar fornecer quaisquer outras informações a respeito do processo de avaliação, por favor o faça aqui! Para ser aprovado no curso, o aluno deve passar em todas as matérias com nota 7. Nas disciplinas práticas (Interpretação consecutiva, Interpretação simultânea e Versão oral), o aluno tem que fazer um teste de interpretação que é avaliado por um ou mais professores. Além disso, tem que fazer um TCC e defendê-lo oralmente na última aula do curso.

PÁGINA 9: Comentários adicionais

P22: Há mais algum aspecto do seu curso que gostaria de relatar?

O respondente ignorou esta pergunta

**COMPLETAS**

Coletor: Web Link 1 (Link)
Iniciado em: terça-feira, 13 de outubro de 2015 18:19:51
Última modificação: quarta-feira, 14 de outubro de 2015 18:13:30
Tempo gasto: 23:53:39
Endereço IP: 201.90.54.194

PÁGINA 2: Dados básicos

P1: Qual é o nome do curso? Em que instituição é oferecido? Qual a classificação acadêmica do curso (Ex: livre, graduação, sequencial, pós-graduação)?

Letras Bacharelado, habilitação Tradução e Interpretação em Português /Inglês

P2: Qual foi o ano de fundação do curso? 2012

P3: Quais os objetivos do curso (comunicados em materiais de promoção e divulgação)?"Os objetivos são baseados nas intenções do ensino e tipicamente indicam o conteúdo que o professor deseja cobrir. Os resultados de aprendizado, por outro lado são mais centrados nos alunos e descrevem o que os alunos devem aprender. "http://assessment.uconn.edu/primer/goals1.html

Formar bacharel, com habilitação em Tradução e interpretação em Português/Inglês, capaz de lidar de forma crítica com as linguagens, especialmente a verbal, nas duas línguas, no contexto oral e escrito.

P4: Qual é a combinação linguística oferecida pelo curso? Português - Inglês

PÁGINA 3: Corpo docente

P5: Como são selecionados os professores que ministram aulas neste curso? Concurso

P6: O curso exige qualificação acadêmica dos professores? Sim,
 Se a resposta for sim, especifique a qualificação acadêmica exigida.
 Necessário pós-graduação e experiência na área.

P7: Os professores são nativos das línguas cuja combinação é oferecida? Não

P8: Os professores do curso são intérpretes atuantes no mercado de interpretação? Sim

PÁGINA 4: Horários e número de alunos

P9: Em quais horários são as aulas? Noite

P10: Quantas turmas recebem por ano? Duas turmas,
 Especifique em que período do ano as turmas iniciam o curso (Ex: março, agosto, de acordo com a necessidade etc).
 Em janeiro

P11: Quantos alunos há nas turmas em média? 25 a 30

PÁGINA 5: Processo de seleção

P12: Quais são os pré-requisitos para que o aluno seja selecionado para o curso?

Ser aprovado no processo seletivo vestibular, ter concluído o ensino médio.

P13: No caso de cursos de especialização ou outros que exijam graduação, há exigências a respeito da área do conhecimento da graduação? Não

P14: Quais são as exigências a respeito do conhecimento prévio de línguas, estrangeira, materna etc?

Ter sido aprovado no processo seletivo, com disciplinas diversas e redação.

PÁGINA 6: Currículo acadêmico

P15: Liste as disciplinas oferecidas no curso e sua carga horária.

Em anexo

P16: Para os cursos que ensinam Tradução e Interpretação, quantas matérias ao longo do curso são específicas da área de Interpretação? Favor especificar o número de horas.

11 disciplinas, totalizando 960 h

P17: O curso possui um componente teórico específico aos Estudos da Interpretação?

Sim,

Caso afirmativo, explique de que forma os alunos são expostos aos Estudos da Interpretação (disciplinas, textos, oficinas práticas) e quantas horas (ou créditos) são dedicadas a este componente teórico.
Disciplinas que mesclam a teoria com a técnica, estágio no Escritório de Tradução da Instituição, 480h.

P18: Quais resultados esperados a partir do currículo oferecido?"Os objetivos são baseados nas intenções de ensino e tipicamente indicam o conteúdo que o professor deseja cobrir. Os resultados de aprendizado, por outro lado são mais centrados nos alunos e descrevem o que os alunos devem aprender."
<http://assessment.uconn.edu/primer/goals1.html>

A formação de profissionais interculturalmente competentes, capazes de lidar, de forma crítica com as linguagens especialmente a verbal, nos contextos oral e escrito, e conscientes de sua inserção na sociedade.

PÁGINA 7: Mercado de trabalho e estágios

P19: O que o curso faz para informar os alunos sobre o mercado de trabalho?

O curso proporciona eventos específicos para a área de tradução e interpretação, convidando palestrantes que atuam no mercado de trabalho.

P20: O curso oferece a possibilidade de estágios?

Sim,

Caso afirmativo por favor descreva o funcionamento do programa de estágios.
O estágio supervisionado é uma disciplina de caráter obrigatório para a integralização curricular.
O estágio conta com plano de atuação elaborado pelo coordenador, professores e discentes.

PÁGINA 8: Avaliação final

P21: Como é o processo de avaliação final?

TCC

PÁGINA 9: Comentários adicionais

P22: Há mais algum aspecto do seu curso que gostaria de relatar?

O respondente ignorou esta pergunta

**COMPLETAS**

Coletor: Web Link 1 (Link)

Iniciado em: quarta-feira, 4 de novembro de 2015 07:25:58

Última modificação: quarta-feira, 4 de novembro de 2015 08:03:57

Tempo gasto: 00:37:58

Endereço IP: 94.226.190.121

PÁGINA 2: Dados básicos

P1: Qual é o nome do curso? Em que instituição é oferecido? Qual a classificação acadêmica do curso (Ex: livre, graduação, sequencial, pós-graduação)?

Pós-graduação Tradutor-Intérprete (Inglês & Português)

P2: Qual foi o ano de fundação do curso?

2010

P3: Quais os objetivos do curso (comunicados em materiais de promoção e divulgação)?"Os objetivos são baseados nas intenções do ensino e tipicamente indicam o conteúdo que o professor deseja cobrir. Os resultados de aprendizado, por outro lado são mais centrados nos alunos e descrevem o que os alunos devem aprender. "http://assessment.uconn.edu/primer/goals1.html

Por meio de uma abordagem teórica e prática, atualizada e dinâmica, o curso tem como objetivo preparar alunos bilíngues para atuarem profissionalmente na área de tradução e de interpretação consecutiva e simultânea em diferentes campos.

P4: Qual é a combinação linguística oferecida pelo curso?

Português - Inglês

PÁGINA 3: Corpo docente

P5: Como são selecionados os professores que ministram aulas neste curso?

Convite,
Outro (especifique aqui o processo de seleção do seu curso)
Professores com mestrado e doutorado que fazem parte do corpo da instituição, além de professores convidados

P6: O curso exige qualificação acadêmica dos professores?

Sim,
Se a resposta for sim, especifique a qualificação acadêmica exigida.
Mestrado ou Doutorado

P7: Os professores são nativos das línguas cuja combinação é oferecida?

Sim

P8: Os professores do curso são intérpretes atuantes no mercado de interpretação?

Sim

PÁGINA 4: Horários e número de alunos

P9: Em quais horários são as aulas?	Manhã, Especifique, por favor. Manhã e tarde, aos fins de semana (2x ao mês)
P10: Quantas turmas recebem por ano?	Uma turma, Especifique em que período do ano as turmas iniciam o curso (Ex: março, agosto, de acordo com a necessidade etc). De acordo com a necessidade - mínimo de 10 alunos por turma.
P11: Quantos alunos há nas turmas em média?	10 a 15

PÁGINA 5: Processo de seleção

P12: Quais são os pré-requisitos para que o aluno seja selecionado para o curso?	
Conhecimento nível intermediário em língua inglesa.	
P13: No caso de cursos de especialização ou outros que exijam graduação, há exigências a respeito da área do conhecimento da graduação?	Não
P14: Quais são as exigências a respeito do conhecimento prévio de línguas, estrangeira, materna etc?	
Fluência em língua portuguesa, mas sem realização de testes; alguma experiência profissional (sem comprovação. O mercado de intérpretes em Belém é relativamente pequeno, então todos os alunos se conhecem e sabem a respeito do trabalho um do outro).	

PÁGINA 6: Currículo acadêmico

P15: Liste as disciplinas oferecidas no curso e sua carga horária.
<ul style="list-style-type: none"> - Metodologia da produção científica - Introdução aos Estudos de Linguagem - Estudos de Fonética e Fonologia - Técnicas de Tradução - Técnicas de Interpretação - Técnicas de Versão - Prática de Tradução Avançada - Prática de Interpretação Avançada - Prática de Versão Avançada - Prática de Tradução Literária - Recursos de Pesquisa, Tradução Juramentada e Direitos Autorais - Linguagem dos Veículos de Comunicação e Mídia Internacional Elaboração do Trabalho Final (sob orientação por dois meses)
Total: 420 horas
P16: Para os cursos que ensinam Tradução e Interpretação, quantas matérias ao longo do curso são específicas da área de Interpretação? Favor especificar o número de horas.
Técnicas de Interpretação e Prática de Interpretação Avançada (25 horas/aula cada)

P17: O curso possui um componente teórico específico aos Estudos da Interpretação?

Sim,

Caso afirmativo, explique de que forma os alunos são expostos aos Estudos da Interpretação (disciplinas, textos, oficinas práticas) e quantas horas (ou créditos) são dedicadas a este componente teórico, através de textos teóricos, por um pouco mais de 10 horas na primeira disciplina. A preocupação em Interpretação é fazer o aluno praticar a tarefa para o mercado de trabalho. Para isso, a instituição oferece um laboratório moderno e eficiente para ensinar a técnica e a prática.

P18: Quais resultados esperados a partir do currículo oferecido?"Os objetivos são baseados nas intenções de ensino e tipicamente indicam o conteúdo que o professor deseja cobrir. Os resultados de aprendizado, por outro lado são mais centrados nos alunos e descrevem o que os alunos devem aprender. "<http://assessment.uconn.edu/primer/goals1.html>

Tornar o intérprete e o tradutor preparados para o crescente mercado de trabalho no Norte do país e em outras regiões.

PÁGINA 7: Mercado de trabalho e estágios

P19: O que o curso faz para informar os alunos sobre o mercado de trabalho?

Manda emails com ofertas de trabalho online e vagas em empresas, além de informar sobre outras palestras na área.

P20: O curso oferece a possibilidade de estágios?

Não

PÁGINA 8: Avaliação final

P21: Como é o processo de avaliação final?

TCC

PÁGINA 9: Comentários adicionais

P22: Há mais algum aspecto do seu curso que gostaria de relatar?

não

A Formação de Intérpretes no Brasil

O estudo Formação de Intérpretes no Brasil pretende em primeiro lugar saber quais são e onde estão os cursos formadores de intérpretes de línguas orais-auditivas no Brasil. Em segundo lugar o estudo deseja descobrir como estes cursos trabalham, quem são seus formadores e dados sobre o processo de formação dos alunos.

Solicitamos, assim, sua participação voluntária para fins de pesquisa. Esta atividade NÃO apresenta riscos aos participantes e, a qualquer momento e sem qualquer tipo de cobrança, você poderá solicitar esclarecimentos sobre o trabalho que está sendo realizado.

Os dados obtidos nesta pesquisa serão utilizados em publicações, eventos científicos, atividades de orientação como iniciação científica, dissertações e teses; contudo, assumimos a total responsabilidade de não publicar qualquer dado que comprometa o sigilo de sua participação. Os participantes (como indivíduos) serão anônimos e sempre referidos durante a pesquisa como “o representante do curso X”. Quaisquer informações que possam revelar sua identidade pessoal não serão publicadas em hipótese alguma. Sua participação será voluntária, não recebendo por ela qualquer tipo de pagamento.

Para qualquer esclarecimento sobre a pesquisa por favor envie um e-mail para denisevasco@gmail.com. Para esclarecimentos sobre seus direitos como participante no estudo, solicitamos contatar a pesquisadora, Denise Araujo (21) 99585-8311 e sua orientadora, Marcia Martins (mmartins@puc-rio.br).

Dados básicos
<p>1. Qual é o nome do curso? Em que instituição é oferecido? Qual a classificação acadêmica do curso (Ex: livre, graduação, sequencial, pós-graduação)?</p> <p>Interpret2B A Interpret2B é uma escola online de formação de intérpretes É um curso livre</p>
<p>2. Qual foi o ano de fundação do curso?</p> <p>2016</p>
<p>3. Quais os objetivos do curso (comunicados em materiais de promoção e divulgação)?</p> <p>"Os objetivos são baseados nas intenções do ensino e tipicamente indicam o conteúdo que o professor deseja cobrir. Os resultados de aprendizado, por outro lado são mais centrados nos alunos e descrevem o que os alunos devem aprender. "</p> <p>http://assessment.uconn.edu/primer/goals1.html</p> <p>A i2B oferece formação para intérpretes de conferência e de outros contextos, incluindo interpretação comunitária. Nosso currículo flexível contempla a formação de alunos iniciantes por meio do PerCurso Regular, bem como a formação continuada de alunos que já estão em níveis avançados ou profissionais que precisam aprimorar habilidades específicas, por meio de PerCursos personalizados.</p>
<p>4. Qual é a combinação linguística oferecida pelo curso?</p> <p>(x) Português – Inglês (x) Português – Espanhol () Português – Francês</p> <p>Outra:</p>

Corpo docente
<p>5. Como são selecionados os professores que ministram aulas neste curso?</p> <p>() Concurso (x) Convite () Outro (especifique aqui o processo de seleção do seu curso)</p>

6. O curso exige qualificação acadêmica dos professores?

- Sim
 Não

Se a resposta for sim, especifique a qualificação acadêmica exigida.

Embora a maioria das nossa professoras tenha Mestrado em Intepretação de Conferência, essa não é uma condição sine qua non para ingresso em nosso corpo docente.

7. Os professores são nativos das línguas cuja combinação é oferecida?

- Sim
 Não

Outro (especifique)

Temos professores nativos de língua portuguesa, inglesa e espanhola. Se o propósito da aula for análise do idioma, trabalhamos com professores nativos no idioma em questão.

8. Os professores do curso são intérpretes atuantes no mercado de interpretação?

- Sim
 Não

Se não, possuem alguma experiência prévia com interpretação de conferência?

Horários e número de alunos

9. Em quais horários são as aulas?

- Manhã
 Tarde
 Noite

Especifique, por favor.

O PerCurso Regular é oferecido no período noturno e o personalizado, de acordo com a disponibilidade de horário de cada aluno.

10. Quantas turmas recebem por ano? Especifique em que período do ano as

turmas iniciam o curso (Ex: março, agosto, de acordo com a necessidade etc).
Por enquanto, apenas uma turma no ano por par de idioma. Nossa intenção é não receber mais do que duas turmas no ano, embora , por enquanto, nossa meta seja de abrir apenas uma por ano.

11. Quantos alunos há nas turmas em média?

Inglês: 8

Espanhol: 2

Processo de seleção

12. Quais são os pré-requisitos para que o aluno seja selecionado para o curso?

- Domínio excelente de pelo menos dois idiomas de trabalho
- Ser selecionado no processo seletivo

13. No caso de cursos de especialização ou outros que exijam graduação, há exigências a respeito da área do conhecimento da graduação?

14. Quais são as exigências a respeito do conhecimento prévio de línguas, estrangeira, materna etc?

- Precisa ser aprovado na nossa seleção, que tem critérios rígidos, mas não formais.

Currículo Acadêmico

15. Liste as disciplinas oferecidas no curso e a sua carga horária.

ESTRUTURA CURRICULAR SIMPLIFICADA

Ano 1

Módulo 1: Universo da Interpretação

- Contextos e modos
- O desenvolvimento da interpretação no Brasil
- Conceitos básicos
- Práticas profissionais e instituições
- Oratória e preparação da voz
- Técnicas de concentração e relaxamento I
- Práticas iniciais de escuta ativa e interpretação consecutiva

Módulo 2: Técnicas iniciais

- Interpretação consecutiva sem notas
- Workshop de Consecutiva
- Interpretação Consecutiva com Notas
- Introdução à Interpretação Simultânea
- Técnicas de concentração e relaxamento II

Módulo 3: Introdução à interpretação simultânea

- Interpretação Simultânea I (A>B)
- Interpretação Simultânea I (B>A)
- Interpretação Consecutiva I (A>B)
- Interpretação Consecutiva I (B>A)

Ano 2*

Módulo 4: Prática de Interpretação Simultânea e Consecutiva - Nível básico

- Tópicos sobre interpretação: Interpretação Remota
- Interpretação Simultânea II (A>B)
- Interpretação Simultânea II (B>A)
- Interpretação Consecutiva II (A>B)
- Interpretação Consecutiva II (B>A)

Módulo 5: Prática de Interpretação Simultânea e Consecutiva - Nível intermediário

- Tópicos sobre interpretação: O Mercado de Interpretação

<p><input type="checkbox"/> Interpretação Simultânea II (A>B)</p> <p><input type="checkbox"/> Interpretação Simultânea II (B>A)</p> <p><input type="checkbox"/> Interpretação Consecutiva II (A>B)</p> <p><input type="checkbox"/> Interpretação Consecutiva II (B>A)</p> <p>Módulo 6: Prática de Interpretação Simultânea e Consecutiva - Nível avançada</p> <p><input type="checkbox"/> Tópicos sobre interpretação: Tema bônus a ser escolhido pela turma</p> <p><input type="checkbox"/> Interpretação Simultânea II (A>B)</p> <p><input type="checkbox"/> Interpretação Simultânea II (B>A)</p> <p><input type="checkbox"/> Interpretação Consecutiva II (A>B)</p> <p><input type="checkbox"/> Interpretação Consecutiva II (B>A)</p> <p>*Especificações:</p> <p>Interpretação na Área da Saúde</p> <p>Interpretação na Área Jurídica</p>
<p>16. Para os cursos que ensinam Tradução e Interpretação, quantas matérias ao longo do curso são específicas da área de Interpretação? Favor especificar o número de horas.</p>
<p>17. O curso possui um componente teórico específico aos Estudos da Interpretação? Caso afirmativo, explique de que forma os alunos são expostos aos Estudos da Interpretação (disciplinas, textos, oficinas práticas) e quantas horas (ou créditos) são dedicadas a este componente teórico.</p> <p>- O componente teórico é oferecido no primeiro módulo, nas aulas que cobrem "Conceitos". Não há aprofundamento nos Estudos da Interpretação (não há uma disciplina específica), mas durante as aulas de Introdução à Interpretação Consecutiva e à Simultânea, apresentamos as técnicas sugeridas pelos principais teóricos da área.</p>
<p>18. Quais resultados são esperados a partir do currículo oferecido?</p> <p>"Os objetivos são baseados nas intenções de ensino e tipicamente indicam o conteúdo que o professor deseja cobrir. Os resultados de aprendizado, por outro lado são mais centrados nos alunos e descrevem o que os alunos devem aprender. "</p> <p>http://assessment.uconn.edu/primer/goals1.html</p> <p>Espera-se que ao final do primeiro ano os alunos tenham conhecimento das técnicas de interpretação consecutiva e simultânea. Ao final do segundo ano, esperamos que os alunos sejam capazes de fazer uma interpretação consecutiva</p>

de até cinco minutos sem interrupção, de material de nível intermediário (velocidade e conteúdo). Em relação à simultânea, esperamos que sejam capazes de fazer uma interpretação simultânea de velocidade e conteúdo intermediário a avançado, com desempenho satisfatório para um evento real.

Mercado de trabalho e estágios

19. O que o curso faz para informar os alunos sobre o mercado de trabalho?

- Oferecemos palestras nas aulas inaugurais do módulo com temas relativos ao mercado.

- Convidamos representantes das associações profissionais (AIIC e APIC) para dar palestras aos nossos alunos.

20. O curso oferece a possibilidade de estágios? Caso afirmativo por favor descreva o funcionamento do programa de estágios.

- Nosso programa de estágio ainda não entrou em vigor, mas temos parcerias com algumas instituições sem fins lucrativos, que estão aguardando a participação de nossos alunos como estagiários, assim que atingirem o nível mínimo recomendado para estágio.

Avaliação final

21. Como é o processo de avaliação final?

() TCC

() Prova escrita

(x) Teste de interpretação com banca (professores)

() Teste de interpretação com banca (avaliador externo)

() Teste de interpretação com banca (professores e avaliador externo)

Se o processo de avaliação final for diferente das opções acima favor descrever aqui. Se desejar fornecer quaisquer outras informações a respeito do processo de avaliação, por favor o faça aqui.

--

Comentários adicionais

22. Há mais algum aspecto do seu curso que gostaria de relatar?

Oferecemos 40 horas de interpretação comunitária no segundo ano do curso. Os alunos escolhem entre Interpretação Jurídica ou Médica. Isso faz parte do currículo obrigatório.

Para mais informações, visite nosso site: www.interpret2b.com

1. Curso de pós-graduação *Lato Sensu* Formação de Intérpretes de Conferência PUC-Rio.
2. Projeto aprovado em 2015, com início em 2016
3. Expor o aluno a uma prática intensiva das diversas modalidades de interpretação, em grau crescente de dificuldade, com o apoio das habilidades instrumentais necessárias (atenção e concentração, dicção e impostação da voz) e de uma reflexão teórica.
4. português-inglês
5. convite
6. sim. Exige formação em interpretação de conferência em nível superior e pós-graduação *Lato ou Stricto Sensu*, com preferência para Mestrado ou Doutorado
7. Em sua maioria, são nativos de português e possuem amplo conhecimento e experiência com a língua inglesa.
8. Sim.
9. Manhã: segundas, quartas e sextas das 7 'as 11h (total de 12 horas por semana), mais 5 sábados por semestre de 8 'as 12h (20 horas por semestre). Havendo demanda, poderá ser oferecida uma turma 'a noite também.
10. Serão oferecidas duas turmas por ano, uma com início em março e a outra, em agosto.
11. 15 alunos
12. possuir graduação em qualquer área do conhecimento; domínio avançado de inglês e português; vivência no exterior não é obrigatória mas é desejável; ser aprovado na seleção, que inclui entrevista e prova de habilidades específicas, ambos em inglês e português.
13. Não. Qualquer área é bem-vinda, dada a natureza variada do trabalho do intérprete.
14. A exigência básica é domínio de português como língua materna e conhecimento avançado de inglês, de preferência com vivência no exterior ou formação em escola bilíngue. Em casos selecionados, podem ser aceitos alunos com outra língua materna, desde que possuam domínio avançado de inglês e de português. Alunos com conhecimento avançado de outras línguas, ainda que seu domínio de inglês seja um pouco inferior, também podem ser aceitos, com a recomendação explícita de melhorar o nível de inglês.

15.

1º semestre:

Habilidades instrumentais - 30h

Simultânea para a Língua A - 60h

Consecutiva 1 - 60h

Introdução à Interpretação de conferências - 45h

Estudo Dirigido 1 - 15h

Aperfeiçoamento Linguístico - 30h

Prática de Cabine 1 - 20h

2º semestre:

Consecutiva 2 - 30h

Estudos da Interpretação - 30h
Simultânea para a Língua B - 60h
Simultânea para a Língua A - 45h
Estudo Dirigido II - 15h
Outras Modalidades - 30h
Tópicos em Eng. do Petróleo - 10h
Tópicos em Relações Internacionais - 10h
Prática de Cabine 2 - 20h

16. Não se aplica
17. Sim, o curso oferece no segundo semestre letivo uma disciplina específica sobre Estudos da Interpretação, com carga horária de 30h (uma aula de 2h, uma vez por semana), na qual o aluno é exposto a textos específicos da área e é levado a produzir um projeto com vistas à elaboração da monografia de final de curso.
18. Capacitar o aluno para o exercício profissional da interpretação de conferência, nas mais diversas áreas e modalidades, tanto no que diz respeito à competência técnica, quanto a questões de conduta e ética profissional.
19. O curso reconhece a importância de informar seus alunos sobre o mercado de trabalho e promove várias ações nesse sentido: utilização de materiais reais de conferências, sempre que possível; estudo de casos ilustrados pelos professores, atuantes no mercado; palestras de intérpretes convidados, sobre assuntos de interesse profissional; simulação de conferências nos moldes praticados no mercado; estágios em situação real de trabalho.
20. Sim. O estágio representa uma situação real de trabalho, em conferências realizadas no âmbito da própria universidade, ou mesmo fora dela, em casos selecionados (em outras instituições de ensino ou organizações não governamentais), oferecendo ao aluno a possibilidade de vivenciar todo o processo, desde o convite para integrar a equipe de intérpretes até a interpretação propriamente dita, passando pelo preparo específico para o evento mediante a leitura dos documentos e apresentações do evento e o contato com os palestrantes.
21. Teste de interpretação com banca (professores) e monografia (TCC). Obs. O aluno é avaliado ao longo de todo o curso com relação a desempenho, participação, cumprimento de tarefas, conduta e assiduidade.

**COMPLETAS**

Coletor: Web Link 1 (Link)
 Iniciado em: domingo, 13 de setembro de 2015 23:19:17
 Última modificação: quarta-feira, 16 de setembro de 2015 22:36:43
 Tempo gasto: Mais de um dia
 Endereço IP: 201.81.104.24

PÁGINA 2: Dados básicos

P1: Qual é o nome do curso? Em que instituição é oferecido? Qual a classificação acadêmica do curso (Ex: livre, graduação, sequencial, pós-graduação)?

Curso Sequencial Intérprete em Língua Inglesa.
 PUC-SP.
 Curso de Complementação de Estudos em Nível Superior.

P2: Qual foi o ano de fundação do curso? 1999

P3: Quais os objetivos do curso (comunicados em materiais de promoção e divulgação)?"Os objetivos são baseados nas intenções do ensino e tipicamente indicam o conteúdo que o professor deseja cobrir. Os resultados de aprendizado, por outro lado são mais centrados nos alunos e descrevem o que os alunos devem aprender. "<http://assessment.uconn.edu/primer/goals1.html>

Formar intérpretes de conferência, propiciando-lhes os conhecimentos específicos e o domínio técnico para que possam atuar como mediadores no processo comunicativo, tanto em reuniões quanto em conferências, congressos e simpósios.

P4: Qual é a combinação linguística oferecida pelo curso? Português - Inglês

PÁGINA 3: Corpo docente

P5: Como são selecionados os professores que ministram aulas neste curso? Concurso

P6: O curso exige qualificação acadêmica dos professores? Sim,
 Se a resposta for sim, especifique a qualificação acadêmica exigida.
 O docente pode ser contratado, inicialmente, apenas com o grau de Bacharel e ocupar a posição Auxiliar de Ensino no quadro de carreira da Universidade. Porém, espera-se que se qualifique minimamente para o grau de Mestre. Na realidade a maioria dos docentes do curso são Doutores ou estão a caminho de alcançar esse grau

P7: Os professores são nativos das línguas cuja combinação é oferecida? Outro (especifique)
 Evidentemente são nativos no que tange à língua portuguesa e com absoluto domínio e alto grau de excelência no idioma inglês.

P8: Os professores do curso são intérpretes atuantes no mercado de interpretação?

Não,
Se não, possuem alguma experiência prévia com interpretação de conferência?
80% dos docentes são ou foram intérpretes atuantes,.

PÁGINA 4: Horários e número de alunos

P9: Em quais horários são as aulas? Noite

P10: Quantas turmas recebem por ano? Duas turmas,
Especifique em que período do ano as turmas iniciam o curso (Ex: março, agosto, de acordo com a necessidade etc).
Fevereiro e agosto

P11: Quantos alunos há nas turmas em média? 10 a 15

PÁGINA 5: Processo de seleção

P12: Quais são os pré-requisitos para que o aluno seja selecionado para o curso?
Os candidatos ao curso devem ter pleno domínio dos idiomas inglês e português, possuir ampla bagagem cultural e ser portadores de certificado de conclusão de ensino médio ou, preferencialmente, de diploma de curso superior, em qualquer área de conhecimento.

P13: No caso de cursos de especialização ou outros que exijam graduação, há exigências a respeito da área do conhecimento da graduação? Não

P14: Quais são as exigências a respeito do conhecimento prévio de línguas, estrangeira, materna etc?
Pleno domínio das línguas de trabalho.

PÁGINA 6: Currículo acadêmico

P15: Liste as disciplinas oferecidas no curso e sua carga horária.

ESTRUTURA CURRICULAR

Primeiro Ano: EIXO DE FUNDAMENTAÇÃO

1º semestre do curso | Turma NA1

Notação e Expansão Lexical para Intérpretes - 2 CRÉDITOS

Compreensão Oral para Intérpretes - 2 CRÉDITOS

2º semestre do curso | Turma NA2

Introdução à Interpretação - 4 CRÉDITOS, abrangendo 'sight translation'

(tradução oral à primeira vista) + interpretação consecutiva

Segundo Ano: FORMAÇÃO ESPECÍFICA

3º semestre do curso | Turma NA3

Teoria da Interpretação - 2 CRÉDITOS

Prática de Interpretação: Inglês>Português I - 4 CRÉDITOS

Estágio de Interpretação I - 2 CRÉDITOS

4º semestre do curso | Turma NA4

Prática de Interpretação Português>Inglês- 4 CRÉDITOS

Prática de Interpretação Inglês>Português II- 2 CRÉDITOS

Estágio de Interpretação II - 2 CRÉDITOS

São oferecidas ainda Disciplinas Optativas que variam de um semestre para outro. A título de exemplo, os alunos podem cursar, como optativas, disciplinas específicas do Bacharelado em Tradução.

P16: Para os cursos que ensinam Tradução e Interpretação, quantas matérias ao longo do curso são específicas da área de Interpretação? Favor especificar o número de horas.

O respondente ignorou esta pergunta

P17: O curso possui um componente teórico específico aos Estudos da Interpretação?

Sim,

Caso afirmativo, explique de que forma os alunos são expostos aos Estudos da Interpretação (disciplinas, textos, oficinas práticas) e quantas horas (ou créditos) são dedicadas a este componente teórico.

A disciplina Teoria da Interpretação (court interpreting) visa o desenvolvimento do conhecimento sobre as principais teorias da interpretação, desenvolvidas a partir da segunda metade do século XX, assim como sua aplicação e importância para o trabalho do intérprete. Reflexão a respeito dos fundamentos da interpretação em juízo e do papel e comportamento ético dos intérpretes de tribunal. A metodologia abrange leitura crítica de artigos científicos e outros escritos sobre teorias, modelos conceituais e questões pertinentes à interpretação e à atuação do intérprete, com apresentação de seminários de modo a fomentar reflexão, problematização e debate sobre os temas selecionados.

P18: Quais resultados esperados a partir do currículo oferecido?"Os objetivos são baseados nas intenções de ensino e tipicamente indicam o conteúdo que o professor deseja cobrir. Os resultados de aprendizado, por outro lado são mais centrados nos alunos e descrevem o que os alunos devem aprender. "<http://assessment.uconn.edu/primer/goals1.html>

Capacitação e formação sólida de modo a preparar o futuro intérprete para desempenhar-se com elevado grau de competência em diferentes contextos de atuação profissional.

PÁGINA 7: Mercado de trabalho e estágios

P19: O que o curso faz para informar os alunos sobre o mercado de trabalho?

O aluno recebe informações constantes e reiteradas sobre a situação do mercado, seja diretamente dos professores, seja por intermédio de contatos diretos com outros profissionais atuantes que são convidados para ministrar palestras e seminários. Tais palestras e seminários são oferecidos regulamente, numa média de 4 a 5 por semestre de curso. Nesse sentido, os últimos anos a Associação Profissional de Intérpretes de Conferência (APIC) têm sido uma parceira solidária e constante.

P20: O curso oferece a possibilidade de estágios?

Caso afirmativo por favor descreva o funcionamento do programa de estágios. Uma das características que destacam o Curso de Intérprete em Língua Inglesa da PUC-SP é a oportunidade de os alunos atuarem, sob a orientação dos professores, em situações reais de interpretação simultânea e consecutiva, tais como congressos, seminários, cursos e simpósios internacionais sediados na instituição ou fora dela, quando solicitado pelos organizadores.

PÁGINA 8: Avaliação final

P21: Como é o processo de avaliação final?

Teste de interpretação com banca (professores e avaliador externo)

PÁGINA 9: Comentários adicionais

P22: Há mais algum aspecto do seu curso que gostaria de relatar?

O Curso Intérprete em Língua Inglesa da PUC-SP é reconhecido pela PORTARIA Nº. 2811, de 6 de setembro de 2004, do MEC, e por cumprir os critérios estabelecidos pela AIIC (Association Internationale des Interprètes de Conférence) passou a figurar no on-line Directory of Schools da referida entidade, sediada em Genebra. A referência pode ser encontrada no site da AIIC www.aiic.net e da AIIC Brasil: <http://brasil.aiic.net/ViewPage.cfm/article1459.htm>. Destacamos que no Brasil apenas os cursos de formação de intérpretes de conferência da PUC-SP e da PUC-Rio são referenciados pela APIC.

A Formação de Intérpretes no Brasil

O estudo **Formação de Intérpretes no Brasil** pretende em primeiro lugar saber quais são e onde estão os cursos formadores de intérpretes de línguas orais-auditivas no Brasil. Em segundo lugar o estudo deseja descobrir como estes cursos trabalham, quem são seus formadores e dados sobre o processo de formação dos alunos.

Solicitamos, assim, sua participação voluntária para fins de pesquisa. Esta atividade **NÃO** apresenta riscos aos participantes e, a qualquer momento e sem qualquer tipo de cobrança, você poderá solicitar esclarecimentos sobre o trabalho que está sendo realizado.

Os dados obtidos nesta pesquisa serão utilizados em publicações, eventos científicos, atividades de orientação como iniciação científica, dissertações e teses; contudo, assumimos a total responsabilidade de não publicar qualquer dado que comprometa o sigilo de sua participação. Os participantes (como indivíduos) serão anônimos e sempre referidos durante a pesquisa como “o representante do curso X”. Quaisquer informações que possam revelar sua identidade pessoal não serão publicadas em hipótese alguma. Sua participação será voluntária, não recebendo por ela qualquer tipo de pagamento.

Para qualquer esclarecimento sobre a pesquisa por favor envie um e-mail para denisevasco@gmail.com . Para esclarecimentos sobre seus direitos como participante no estudo, solicitamos contatar o Comitê de Ética da PUC-Rio pelo telefone (21)3527-1134.

A Formação de Intérpretes no Brasil

Dados básicos

1. Qual é o nome do curso? Em que instituição é oferecido? Qual a classificação acadêmica do curso (Ex: livre, graduação, sequencial, pós-graduação)?

Letras- Língua Inglesa – Tradutor e Intérprete
Bacharelado – 4 anos
Universidade Metodista de São Paulo

2. Qual foi o ano de fundação do curso?

Não consegui pesquisar, sinto muito.

3. Quais os objetivos do curso (comunicados em materiais de promoção e divulgação)?

"Os objetivos são baseados nas intenções do ensino e tipicamente indicam o conteúdo que o professor deseja cobrir. Os resultados de aprendizado, por outro lado são mais centrados nos alunos e descrevem o que os alunos devem aprender. "

<http://assessment.uconn.edu/primer/goals1.html>

O Curso de Letras – Tradutor e Intérprete em Inglês da Metodista prepara o aluno para atuar como tradutor, intérprete e revisor de textos em língua portuguesa e inglesa. Além disso, conta com excelente estrutura com laboratórios, auditório, equipamentos para uso na capacitação de interpretação simultânea, intermitente e consecutiva e escritório de tradução, no qual os estudantes executam diversos trabalhos para a comunidade interna da Metodista, com a orientação dos professores.

Seu projeto pedagógico é inovador e está pautado nas mais modernas tendências de ensino. Destaca-se na matriz curricular a exposição do aluno às práticas da tradução e interpretação em projetos de ação profissional distribuídos ao longo do curso.

Retirado do site da Metodista.



4. Qual é a combinação linguística oferecida pelo curso?

Português - Inglês

Português - Espanhol

Português - Francês

Outro (especifique)

Português <> Inglês
Como disciplina eletiva, oferecemos Libras.

Corpo docente

5. Como são selecionados os professores que ministram aulas neste curso?

Concurso

Convite

Outro (especifique aqui o processo de seleção do seu curso)

São convidados.

6. O curso exige qualificação acadêmica dos professores?

Sim

Não

Se a resposta for sim, especifique a qualificação acadêmica exigida.

É preciso ter, no mínimo Mestrado em Educação, Letras, Linguística, Tradução ou áreas afins.

7. Os professores são nativos das línguas cuja combinação é oferecida?

Sim

Não

Outro (especifique)

Os professores são nativos do português.

8. Os professores do curso são intérpretes atuantes no mercado de interpretação?

Sim

Não

Se não, possuem alguma experiência prévia com interpretação de conferência?

Dos três professores de interpretação, uma foi intérprete mas não atua no momento para se dedicar à docência.

A Formação de Intérpretes no Brasil

Horários e número de alunos

9. Em quais horários são as aulas?

Manhã

Tarde

Noite

Especifique, por favor.

O curso é de manhã, das 7:30 às 11:00

10. Quantas turmas recebem por ano?

Especifique em que período do ano as turmas iniciam o curso (Ex: março, agosto, de acordo com a necessidade etc).

Recebemos uma turma por ano, que se inicia em janeiro ou fevereiro.

11. Quantos alunos há nas turmas em média?

Outro (especifique)

As turmas começam com 70 alunos, e terminam, após quatro anos, com média de 35 a 40 alunos.

A Formação de Intérpretes no Brasil

Processo de seleção

12. Quais são os pré-requisitos para que o aluno seja selecionado para o curso?

O aluno tem que ser aprovado no vestibular da instituição.

13. No caso de cursos de especialização ou outros que exijam graduação, há exigências a respeito da área do conhecimento da graduação?

Caso a resposta seja sim, quais são as exigências?

14. Quais são as exigências a respeito do conhecimento prévio de línguas, estrangeira, materna etc?

Não há exigências.

A Formação de Intérpretes no Brasil

Currículo acadêmico

15. Liste as disciplinas oferecidas no curso e sua carga horária.

Teorias e estratégias da interpretação – 40 h
Interpretação Intermitente – 40 h
Interpretação Consecutiva – 80 h
Interpretação Simultânea – 80 h
Interpretação Prima Vista – 40 h

16. Para os cursos que ensinam Tradução e Interpretação, quantas matérias ao longo do curso são específicas da área de Interpretação? Favor especificar o número de horas.

Respondido na pergunta anterior.

17. O curso possui um componente teórico específico aos Estudos da Interpretação?

Caso afirmativo, explique de que forma os alunos são expostos aos Estudos da Interpretação (disciplinas, textos, oficinas práticas) e quantas horas (ou créditos) são dedicadas a este componente teórico.

Sim, temos uma disciplina apenas sobre Teorias e Estratégias.

18. Quais resultados esperados a partir do currículo oferecido?

"Os objetivos são baseados nas intenções de ensino e tipicamente indicam o conteúdo que o professor deseja cobrir. Os resultados de aprendizado, por outro lado são mais centrados nos alunos e descrevem o que os alunos devem aprender. "

<http://assessment.uconn.edu/primer/goals1.html>

Espera-se que o aluno desenvolva habilidades como intérprete proporcionando-lhes uma prática sistemática de várias modalidades de interpretação, conscientizando-os sobre as responsabilidades, deveres e direitos do profissional dessa área. Além disso, espera-se que mesmo os alunos que não têm interesse em seguir essa carreira (num curso de graduação em Tradução e Interpretação, não é incomum encontrar alunos que têm aversão à exposição ao qual o intérprete está sujeito) beneficiem-se das aulas ao treinar e desenvolver habilidades cognitivas, como memória e capacidade de concentração; adquirir desenvoltura e fluência, aprendendo técnicas para fazer palestras e falar em público e ao trabalhar em grupo especialmente na situação de cabine.

A Formação de Intérpretes no Brasil

Mercado de trabalho e estágios

19. O que o curso faz para informar os alunos sobre o mercado de trabalho?

Trazemos palestrantes externos atuantes na área, incentivamos os alunos a visitarem agências, eventos e congressos. Discutimos esse assunto durante as aulas.

20. O curso oferece a possibilidade de estágios?

Caso afirmativo por favor descreva o funcionamento do programa de estágios.

O curso prevê uma disciplina de Estágio, mas dificilmente este ocorre na área de interpretação.

A Formação de Intérpretes no Brasil

Avaliação final

21. Como é o processo de avaliação final?

- TCC
- Prova escrita
- Teste de interpretação com banca (professores)
- Teste de interpretação com banca (avaliador externo)
- Teste de interpretação com banca (professores e avaliador externo)

Se o processo de avaliação final for diferente das opções acima favor descrever aqui. Se desejar fornecer quaisquer outras informações a respeito do processo de avaliação, por favor o faça aqui!

A avaliação final do curso é por meio de TCC, mas nas disciplinas de interpretação especificamente, a avaliação final consiste em uma prova teórica e uma ou mais atividades práticas, avaliadas por professores internos.

A Formação de Intérpretes no Brasil

Comentários adicionais

22. Há mais algum aspecto do seu curso que gostaria de relatar?

#4 **COMPLETAS**

Coletor: Web Link 1 (Link)
 Iniciado em: segunda-feira, 14 de setembro de 2015 08:48:35
 Última modificação: segunda-feira, 14 de setembro de 2015 09:09:24
 Tempo gasto: 00:20:49
 Endereço IP: 200.205.113.218

PÁGINA 2: Dados básicos

P1: Qual é o nome do curso? Em que instituição é oferecido? Qual a classificação acadêmica do curso (Ex: livre, graduação, sequencial, pós-graduação)?

Bacharelado em Tradutor e Intérprete, Centro Universitário Adventista de São Paulo, Graduação.

P2: Qual foi o ano de fundação do curso? 1998

P3: Quais os objetivos do curso (comunicados em materiais de promoção e divulgação)?"Os objetivos são baseados nas intenções do ensino e tipicamente indicam o conteúdo que o professor deseja cobrir. Os resultados de aprendizado, por outro lado são mais centrados nos alunos e descrevem o que os alunos devem aprender. "http://assessment.uconn.edu/primer/goals1.html

O curso de Tradutor e Intérprete tem por objetivo precípua preparar profissionais para atuarem como tradutores e intérpretes no mercado de trabalho, em suas diferentes vertentes: editorial, jornalística, científica, literária, comercial, cinematográfica, religiosa, jurídica e das relações internacionais, entre outras. Deste objetivo primário, desdobram-se os seguintes objetivos derivados: (1) fornecer formação sólida em língua materna e em inglês, que possibilitem aos alunos e alunas tornarem-se profissionais com a devida qualificação para exercer suas atividades com ética, comprometimento e profissionalismo; (2) propiciar o desenvolvimento de habilidades de comunicação e expressão com clareza e domínio metalinguístico, em seu idioma e em língua estrangeira (inglês); (3) familiarizar os/as discentes com os recursos tecnológicos disponíveis ao tradutor e intérprete a fim de que os utilizem, com destreza e segurança, como suas ferramentas de trabalho; (4) fornecer formação especializada que possa conduzir o futuro profissional a uma continuidade de estudos, se assim o desejar, na direção da pós-graduação e/ou pesquisa; (5) implementar a formação de um aparato crítico que permita que os/as discentes elaborem reflexões acadêmicas sobre suas áreas de atuação.

P4: Qual é a combinação linguística oferecida pelo curso? Português - Inglês

PÁGINA 3: Corpo docente

P5: Como são selecionados os professores que ministram aulas neste curso? Convite

P6: O curso exige qualificação acadêmica dos professores? Sim,
 Se a resposta for sim, especifique a qualificação acadêmica exigida.
 Mestrado.

P7: Os professores são nativos das línguas cuja combinação é oferecida? Não

P8: Os professores do curso são intérpretes atuantes no mercado de interpretação? Sim

PÁGINA 4: Horários e número de alunos

P9: Em quais horários são as aulas?	Noite
P10: Quantas turmas recebem por ano?	Uma turma, Especifique em que período do ano as turmas iniciam o curso (Ex: março, agosto, de acordo com a necessidade etc). Fevereiro
P11: Quantos alunos há nas turmas em média?	20 a 25

PÁGINA 5: Processo de seleção

P12: Quais são os pré-requisitos para que o aluno seja selecionado para o curso?

Aprovação no vestibular.

P13: No caso de cursos de especialização ou outros que exijam graduação, há exigências a respeito da área do conhecimento da graduação? *O respondente ignorou esta pergunta*

P14: Quais são as exigências a respeito do conhecimento prévio de línguas, estrangeira, materna etc?

Não há exigências prévias, mas o aluno às vezes abandona o curso por perceber que não tem condições de acompanhar os demais alunos.

PÁGINA 6: Currículo acadêmico

P15: Liste as disciplinas oferecidas no curso e sua carga horária.

CAMPUS ENGENHEIRO COELHO
CURSO DE TRADUTOR E INTÉRPRETE

MATRIZ CURRICULAR DE 2010
Semestre Disciplina Créd.
Horas Créd.
Real. Ano/Sem Nota Disciplina Equivalente Ass. Coordenador
1.º Atividades Acadêmico-Científico-Culturais 25
Historiografia da Tradução 3/54
Língua Portuguesa: Gramática - Norma e Uso 4/72
Processos de Construção do Texto Literário 5/90
Fundamentos da Gramática da Língua Inglesa* 3/54
Educação, Cultura e Sociedade 3/54
Cosmovisão Bíblico Cristã 2/36

Carga Horária do Semestre 20/360

Semestre Disciplina Créd.
Horas Créd.
Real. Ano/Sem Nota Disciplina Equivalente Ass. Coordenador
2.º Atividades Acadêmico-Científico-Culturais 25
Teorias da Tradução* 2/36
Língua Portuguesa: Processos Fonéticos/Fonológicos 4/72
Autores Representativos da Literatura Portuguesa 5/90
Língua Inglesa: Gramática e Aplicação* 5/90
Metodologia da Pesquisa 2/36
Antropologia Cristã 2/36

A Formação de Intérpretes no Brasil

SurveyMonkey

Carga Horária do Semestre 20/360

Semestre
Disciplina Créd.
Horas Créd.
Real. Ano/Sem Nota Disciplina Equivalente Ass. Coordenador
3.º Atividades Acadêmico-Científico-Culturais 25
Estudos Linguísticos Aplicados à Tradução e Interpretação* 3/54
Língua Portuguesa: Processos Históricos de Formação da Língua 4/72
Autores Representativos da Literatura Brasileira 5/90
Comunicação Oral e Escrita em Língua Inglesa* 3/54
Oficina de Escrita Criativa 2/36
Fundamentos do Cristianismo 2/36
Desenvolvimento e Formação da Identidade 2/36

Carga Horária do Semestre 21/378

Semestre Disciplina Créd.
Horas Créd.
Real. Ano/Sem Nota Disciplina Equivalente Ass. Coordenador
4.º Atividades Acadêmico-Científico-Culturais 25
Discurso e Produção Cultural 2/36
Língua Portuguesa: Morfossintaxe 4/72
Introdução à Interpretação 3/54
Língua Inglesa: Morfossintaxe* 5/90
Oficina de Textos Acadêmicos e Científicos 2/36
Interpretação Bíblica da História 2/36
LIBRAS 2/36

Carga Horária do Semestre 20/360

Semestre Disciplina Créd.
Horas Créd.
Real. Ano/Sem Nota Disciplina Equivalente Ass. Coordenador
5.º Atividades Acadêmico-Científico-Culturais 25
Processos de Leitura em Língua Inglesa* 3/72
Língua Portuguesa: Texto e Contexto 4/54
Oficina de Tradução: Temas Gerais 2/90
Prática de Interpretação Intermitente 3/36
Língua Inglesa: Texto e Contexto* 2/36
Optativa 1 2/36
Oficina de Dublagem e Legendagem 2/36
Princípios de Vida Saudável 2/36

Carga Horária do Semestre 20/360

Semestre Disciplina Créd.
Horas Créd.
Real. Ano/Sem Nota Disciplina Equivalente Ass. Coordenador
6.º Atividades Acadêmico-Científico-Culturais 25
Terminologia Comparada* 3/54
Oficina de Tradução: Textos Comerciais e Jurídicos 3/54
Oficina de Tradução: Textos Técnicos 2/36
Prática de Interpretação Consecutiva 3/54
Análise Contrastiva: Português/Inglês* 3/54
Optativa 2 2/36
Oficina de Produção e Análise de Corpus 2/36

A Formação de Intérpretes no Brasil

SurveyMonkey

Ciência e Religião 2/36
 Estágio Supervisionado 80

Carga Horária do Semestre 20/360

Semestre Disciplina Créd.
 Horas Créd.
 Real. Ano/Sem Nota Disciplina Equivalente Ass. Coordenador
 7.º Atividades Acadêmico-Científico-Culturais 25
 Autores Representativos da Literatura Inglesa* 5/90
 Prática de Interpretação Simultânea I 2/36
 Oficina de Tradução: Textos Literários 2/36
 Inglês Avançado* 3/54
 Optativa 3 2/36
 Trabalho de Conclusão de Curso I 2/36
 Prática de Estágio Supervisionado de Tradução 2/36
 Religião, Família e Sociedade 2/36
 Estágio Supervisionado 100
 Carga Horária do Semestre 21/378

Semestre Disciplina Créd.
 Horas Créd.
 Real. Ano/Sem Nota Disciplina Equivalente Ass. Coordenador
 8.º Prática de Interpretação Simultânea II 2/36
 Oficina de Tradução: Textos Ciências Médicas 2/36
 Autores Representativos da Literatura Norte Americana* 5/90
 Oficina de Conversação* 3/54
 Optativa 4 2/36
 Trabalho de Conclusão de Curso II 2/36
 Prática de Interpretação Supervisionada 2/36
 Ética Cristã 2/36
 Estágio Supervisionado 100
 Carga Horária do Semestre 20/360

P16: Para os cursos que ensinam Tradução e Interpretação, quantas matérias ao longo do curso são específicas da área de Interpretação? Favor especificar o número de horas.

Por favor, faça a contagem com base na matriz incluída na questão anterior.

P17: O curso possui um componente teórico específico aos Estudos da Interpretação?

Sim,

Caso afirmativo, explique de que forma os alunos são expostos aos Estudos da Interpretação (disciplinas, textos, oficinas práticas) e quantas horas (ou créditos) são dedicadas a este componente teórico.
 Disciplinas, oficinas práticas e estágio. Por favor, verifique o número de créditos na matriz.

P18: Quais resultados esperados a partir do currículo oferecido?"Os objetivos são baseados nas intenções de ensino e tipicamente indicam o conteúdo que o professor deseja cobrir. Os resultados de aprendizado, por outro lado são mais centrados nos alunos e descrevem o que os alunos devem aprender. "<http://assessment.uconn.edu/primer/goals1.html>

O curso de Tradutor e Intérprete do UNASP-EC, por meio do currículo formal e informal, pretende que seu egresso seja interculturalmente competente e capaz de lidar, de forma crítica, com as linguagens, nos contextos orais e escritos. Pretende-se, ainda, que tenha domínio da língua materna e da língua estrangeira estudada em termos de compreensão, tradução e produção de textos de variados gêneros, considerando sua estrutura, sua organização, seu significado e variedades linguísticas e culturais, de modo que seja capaz de refletir teoricamente sobre a linguagem. Para isso, deve fazer uso de novas tecnologias e compreender sua formação profissional como processo contínuo, autônomo e permanente.

O egresso deve também ter desenvolvido a capacidade de reflexão crítica para, assim, poder transpor textos técnicos ou literários de uma língua para outra, observando as diferenças culturais. De igual modo, é preciso que evidencie respeito e tolerância para com diferentes visões da realidade, tão comuns em nossa sociedade pluralista e diversificada, sem permitir que a tolerância se transforme em indiferença ou desculpa para a inércia. Assim, como tradutor/tradutora e intérprete, deve lidar, de maneira mais pragmática do que teórica, com a língua.

Finalmente, o egresso deve apresentar competência comunicativa em língua estrangeira, de forma oral e escrita, em diversas situações tradutórias: chuchotage, interpretação intermitente, consecutiva, simultânea e à prima vista de audiências legais, eventos culturais, entrevistas, conversas, discursos, sermões ou conferências; elaboração de legendas; tradução para dublagens de filmes, documentários e outros programas; revisão de textos traduzidos; tradução de artigos e livros; tradução de contratos internacionais e outros documentos de valor legal.

PÁGINA 7: Mercado de trabalho e estágios

P19: O que o curso faz para informar os alunos sobre o mercado de trabalho?

Convites a profissionais p/que venham ao UNASP e falem sobre o mercado. Convênio com empresas como a IBM, Accent Translations, Bravo Translations, Caterpillar, etc.

P20: O curso oferece a possibilidade de estágios?

Sim,

Caso afirmativo por favor descreva o funcionamento do programa de estágios. Há dois coordenadores de estágio: um p/tradução (200h) e outro p/interpretação (100h). No caso da interpretação, os alunos interpretam eventos promovidos pela própria instituição e/ou acompanham os professores de interpretação em sua atuação no mercado.

PÁGINA 8: Avaliação final

P21: Como é o processo de avaliação final?

TCC

PÁGINA 9: Comentários adicionais

P22: Há mais algum aspecto do seu curso que gostaria de relatar?

O curso busca contribuir para o desenvolvimento das seguintes competências e habilidades: domínio do uso da língua portuguesa e da inglesa em suas manifestações oral e escrita por meio de produção de textos, tradução e interpretação; reflexão analítica e crítica sobre a linguagem como fenômeno psicológico, educacional, social, espiritual, histórico, cultural, político, ideológico e de comunicação; visão crítica das perspectivas teóricas adotadas nas investigações linguísticas e literárias, que fundamentam sua formação profissional; preparação profissional atualizada de acordo com a dinâmica do mercado de trabalho; percepção de diferentes contextos interculturais; utilização de recursos tecnológicos; domínio dos métodos e técnicas de comunicação que permitam a transposição dos conhecimentos e das ideias de uma língua para outra; habilidade para atuar interdisciplinarmente em áreas afins; capacidade de tomar decisões, trabalhar em equipe; e ação ética e consciente em toda e qualquer situação profissional.

#1 **COMPLETAS**

Coletor: Web Link 1 (Link)
 Iniciado em: quinta-feira, 3 de setembro de 2015 15:56:17
 Última modificação: quinta-feira, 3 de setembro de 2015 16:46:39
 Tempo gasto: 00:50:22
 Endereço IP: 92.54.152.90

PÁGINA 2: Dados básicos

P1: Qual é o nome do curso? Em que instituição é oferecido? Qual a classificação acadêmica do curso (Ex: livre, graduação, sequencial, pós-graduação)?

Formação Básica em Interpretação de Conferência oferecido como curso livre em Curitiba pela Versão Brasileira Ltda, sem vínculo com nenhuma instituição de ensino (vínculos ao menos tênues com Cultura Inglesa e Universidade Federal do Paraná, que mostraram bastante interesse, mas jamais conseguiram passar do estágio de diferenciar tradução de interpretação... então...)

P2: Qual foi o ano de fundação do curso? 2013

P3: Quais os objetivos do curso (comunicados em materiais de promoção e divulgação)?"Os objetivos são baseados nas intenções do ensino e tipicamente indicam o conteúdo que o professor deseja cobrir. Os resultados de aprendizado, por outro lado são mais centrados nos alunos e descrevem o que os alunos devem aprender. "http://assessment.uconn.edu/primer/goals1.html

O objetivo principal é oferecer uma formação básica e ao mesmo tempo séria e abrangente sobre a interpretação profissional a pessoas que não teriam, de outro modo, acesso a formação na área ou não estariam dispostas, seja por motivos pessoais ou profissionais, a se mudar para Rio ou São Paulo por longo prazo. O universo atingido é, em sua grande maioria, de pessoas que já se dizem intérpretes profissionais, mesmo na ausência de formação na área. O curso pretende, então, dar a essas pessoas uma noção das habilidades cognitivas e comunicativas que um intérprete deve desenvolver, bem como um panorama geral das modalidades de acompanhamento, consecutiva e simultânea de forma a tentar desenvolver uma atitude de real profissionalismo nos alunos.

P4: Qual é a combinação linguística oferecida pelo curso?

Outro (especifique)

O curso aceita várias combinações com português sob condição de 1) haver no mínimo dois alunos com a mesma combinação e 2) todos terem conhecimento de inglês no mínimo suficiente para compreender exemplos e ler alguns textos básicos fora de sala de aula, no tempo do aluno, sem pressão.

PÁGINA 3: Corpo docente

P5: Como são selecionados os professores que ministram aulas neste curso?

Outro (especifique aqui o processo de seleção do seu curso)
Os alunos se inscrevem livremente e recebem uma "avaliação de perfil" que cobre as habilidades cognitivas e comunicativas básicas que serão exploradas durante o curso. Já nessa etapa muitos percebem que o conceito que tinham de interpretação era totalmente equivocado, em geral baseado na crença de que basta dominar dois idiomas. Já houve caso de desistência já nessa etapa inicial, antes mesmo do curso começar. Entretanto, a maioria tenta ao menos o primeiro módulo, talvez por mera curiosidade para descobrir o que, afinal, está por trás da interpretação profissional.

P6: O curso exige qualificação acadêmica dos professores?

Não,
Se a resposta for sim, especifique a qualificação acadêmica exigida.
Não oficialmente, nem há um requisito mínimo. Entretanto, procurou-se montar uma equipe de pessoas experientes com formação de intérpretes que tenham conteúdos sólidos para transmitir aos alunos e que não entraão em sala de aula meramente para tocar ou passar um trecho, dizer para os alunos interpretarem sem objetivo algum, e depois dar o veredito "gostei" ou "não gostei" ou "está bom" ou "está ruim".

P7: Os professores são nativos das línguas cuja combinação é oferecida?

Sim,
Outro (especifique)
Sim, todos nativos de português. Havendo outro idioma na turma, tenta-se um professor, ao menos, que tenha outra combinação. Na turma de 2015 o "outro" idioma era francês.

P8: Os professores do curso são intérpretes atuantes no mercado de interpretação?

Sim

PÁGINA 4: Horários e número de alunos

P9: Em quais horários são as aulas?

Especifique, por favor.
Os campos acima são excludentes, mas as aulas são pela manhã e tarde, dois dias por mês (um final de semana)

P10: Quantas turmas recebem por ano?

Uma turma,

Especifique em que período do ano as turmas iniciam o curso (Ex: março, agosto, de acordo com a necessidade etc).
No modelo atual, as aulas presenciais ocorrem em 5 finais de semana no primeiro semestre. O segundo semestre é dedicado a gravações que os alunos fazem remotamente conforme instruções recebidas para depois receber feedback dos vários professores. Durante uma semana no início do ano seguinte os alunos fazem um intensivo de interpretação com 36 horas de cabine e/ou peer feedback com feedback contínuo dos professores e exercícios sobre técnica de interpretação.

P11: Quantos alunos há nas turmas em média?

10 a 15,

Outro (especifique)
O intensivo ao final do curso aceita intérpretes iniciantes formados em outros cursos, então o número sobe para 20 em cada turma. Em geral o curso começa com mais de 15 (entre 15 e 20) e termina com 10, em média. Essa taxa de desistência é prevista no formato do curso, pois pretende-se que o aluno vá até onde lhe interessa ou tem potencial para ir em frente. Alguns fazem só o módulo inicial até interpretação de acompanhamento, outros seguem para consecutiva e só alguns vão até o final com simultânea.

PÁGINA 5: Processo de seleção

P12: Quais são os pré-requisitos para que o aluno seja selecionado para o curso?

A rigor, nenhum, porém na avaliação de perfil percebe-se se o aluno tem o perfil mínimo necessário para levar o curso adiante. Como dito anteriormente, a imensa maioria já diz ser intérprete antes mesmo de começar o curso e, em inúmeros casos, foi ao longo do curso que perceberam que não são. Tê-los impedido de fazer ao menos o primeiro módulo provavelmente teria resultado em eles continuarem a se dizer intérpretes no mercado, sem jamais terem uma oportunidade de descobrir que ainda têm muito a aprender.

P13: No caso de cursos de especialização ou outros que exijam graduação, há exigências a respeito da área do conhecimento da graduação?

Não

P14: Quais são as exigências a respeito do conhecimento prévio de línguas, estrangeira, materna etc?

A avaliação de perfil pede duas gravações onde é possível ter uma noção básica do conhecimento de línguas. No mais, não se exige diplomas nem certificados específicos. Os backgrounds são bastante diversos. Alguns estudaram formalmente e têm esses diplomas, outros viveram no exterior, outros têm origem bilingue, etc.

PÁGINA 6: Currículo acadêmico

P15: Liste as disciplinas oferecidas no curso e sua carga horária.

Introdução às habilidades comunicativas e cognitivas, total de 38 horas-aula.
 Introdução à consecutiva: 19 horas-aula
 Introdução à simultânea + ética, padrões profissionais e mercado: 38 horas-aula
 Gravações remotas com feedback: previsão de que o aluno dedique aprox. 12 horas-aula
 Semana intensiva: 43 horas-aula

Além disso os alunos têm a possibilidade de serem ouvintes em outra semana intensiva, desta vez como observadores de intérpretes experientes com português C, em um total de mais 43 horas-aula em que dão feedback, compartilham cabine e fazem retour a partir dos colegas experientes.

P16: Para os cursos que ensinam Tradução e Interpretação, quantas matérias ao longo do curso são específicas da área de Interpretação? Favor especificar o número de horas.

Acredito que o total de aprox. 190 horas-aula (incluindo o "estágio" como ouvintes) cobre exclusivamente temas específicos da interpretação.

P17: O curso possui um componente teórico específico aos Estudos da Interpretação?

Não,

Caso afirmativo, explique de que forma os alunos são expostos aos Estudos da Interpretação (disciplinas, textos, oficinas práticas) e quantas horas (ou créditos) são dedicadas a este componente teórico.
 As dicas de teoria são passadas aos alunos na discussão dos exercícios apresentados para que eles sempre sintam que estão fazendo algo embasado e não meramente matando tempo de aula.

P18: Quais resultados esperados a partir do currículo oferecido?"Os objetivos são baseados nas intenções de ensino e tipicamente indicam o conteúdo que o professor deseja cobrir. Os resultados de aprendizado, por outro lado são mais centrados nos alunos e descrevem o que os alunos devem aprender. "<http://assessment.uconn.edu/primer/goals1.html>

Conforme dito anteriormente, o resultado esperado é transformar pessoas leigas, sem formação, que já se dizem intérpretes, em profissionais mais bem embasados. Perceber que não têm o perfil que imaginam para interpretar e desistir de uma carreira em que jamais seriam profissionais não deixa de ser um dos resultados esperados pelo curso.

PÁGINA 7: Mercado de trabalho e estágios**P19: O que o curso faz para informar os alunos sobre o mercado de trabalho?**

Desde a primeira aula os alunos são informados sobre as reais possibilidades do mercado, número de dias trabalhados em média por profissionais no Brasil e exterior, demanda por cada idioma, a preparação necessária que toma muito tempo que ninguém costuma levar em conta como "trabalho", as tarifas usualmente cobradas, impostos, etc.. E durante todo o curso, sempre que possível, o mercado é discutido e analisado por meio de exemplos muitas vezes trazidos pelos próprios alunos.

P20: O curso oferece a possibilidade de estágios?

Não,

Caso afirmativo por favor descreva o funcionamento do programa de estágios.
 Houve tentativa de oferecer intérpretes voluntários para eventos internos da Universidade Federal do Paraná, porém sem resultados concretos. A única forma de "estágio" é a convivência de uma semana com intérpretes experientes que são bastante generosos em compartilhar cabine, apoiar e dar dicas aos novatos.

PÁGINA 8: Avaliação final

P21: Como é o processo de avaliação final?

Se o processo de avaliação final for diferente das opções acima favor descrever aqui. Se desejar fornecer quaisquer outras informações a respeito do processo de avaliação, por favor o faça aqui! Não há avaliação na forma de exame. Os alunos recebem muito feedback, de vários professores e dos colegas, porém cabe a eles concluir se estão aptos ou não. Não há um resultado de exame indicativo dessa aptidão. A maioria conclui que ainda não está e promete continuar praticando ou vai procurar outros cursos mais completos. Se cumprem a promessa ou não, é uma incógnita....

PÁGINA 9: Comentários adicionais

P22: Há mais algum aspecto do seu curso que gostaria de relatar?

Somente que, por um lado, o curso pode ser considerado incompleto e superficial, porém minha observação nesses anos é que muitas vezes é o que falta para alguém decidir se tornar intérprete profissional ou não. De certa forma, compara-se a alguns cursos introdutórios dados em escolas na Europa precisamente para o aluno ter input suficiente para se comprometer com um curso de mais longa duração.
